

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DISSERTAÇÃO**

**FÁBIO LUZ ENTRE A MILITÂNCIA E A ESCRITA:  
ANARQUISMO, MILITÂNCIA POLÍTICA E LITERATURA**

**ALEX BRITO RIBEIRO**

**2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**FÁBIO LUZ ENTRE A MILITÂNCIA E A ESCRITA:  
ANARQUISMO, MILITÂNCIA POLÍTICA E LITERATURA**

**ALEX BRITO RIBEIRO**

*Sob a orientação do professor*  
**Alexandre Fortes**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**, no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em Relações de Poder, Trabalho e Práticas Culturais.

Seropédica, RJ  
2015

335.8

3

Ribeiro, Alex Brito, 1981-

R484f

Fábio Luz entre a

T

militância e a escrita: anarquismo,  
militância política e literatura /  
Alex Brito Ribeiro - 2015.

135 f.

Orientador: Alexandre  
Fortes.

Dissertação (mestrado) -  
Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro, Curso de Pós-Graduação  
em História.

Bibliografia: f. 129-135.

1. Anarquismo - História -  
Teses. 2. Anarquistas - Biografia -  
Teses. 3. Ativistas políticos -  
Biografia - Teses. 4. Literatura -  
História e crítica - Teses. I.  
Fortes, Alexandre, 1966-. II.  
Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro. Curso de Pós-Graduação  
em História. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – MESTRADO E  
DOUTORADO**

*“Fábio Luz entre a militância e a escrita: Anarquismo, militância política e literatura”*

**ALEX BRITO RIBEIRO**

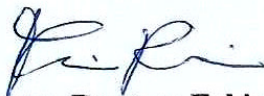
Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**, no Programa de Pós-Graduação em História – Curso de Mestrado, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 27/11/2015

Banca Examinadora:



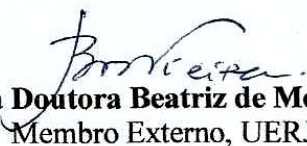
**Professor Doutor Alexandre Fortes**  
Orientador e Presidente da Banca, UFRRJ



**Professora Doutora Fabiane Popinigis**  
Membro Interno, UFRRJ



**Professor Doutor Jean Rodrigues Sales**  
Membro Interno, UFRRJ



**Professora Doutora Beatriz de Moraes Vieira**  
Membro Externo, UERJ

*A todos aqueles que lutaram com suas vidas e ainda hoje lutam por um mundo onde não exista mais opressores e oprimidos.*

## RESUMO

RIBEIRO, Alex Brito. **Fábio Luz entre a militância e a escrita: Anarquismo, militância política e literatura**. Seropédica, RJ, 161p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2015.

Quem foi Fábio Luz? A presente dissertação tem como proposta elucidar este e outros aspectos acerca da vida de Fábio Luz. Baiano de nascimento, morador da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro por muitos anos, médico, escritor, jornalista, crítico literário, professor e acima de tudo anarquista.

Por meio de sua produção textual, analisamos diversos aspectos como: crítica à sociedade, a militância política, a cidade do Rio de Janeiro e o seu cotidiano, assim como a literatura que, em Luz, assume uma estética libertária bem definida.

Além dos jornais e folhetos, utilizamos como fonte principal de análise, o romance publicado por Luz em 1903, o *Ideólogo* não apenas demonstra esse aspecto estético da arte anarquista, mas como também contribui para uma compreensão da história do Rio de Janeiro em diversos ângulos.

Palavras-chave: Anarquismo, militância, literatura.

## ABSTRACT

RIBEIRO, Alex Brito. **Fábio Luz entre a militância e a escrita: Anarquismo, militância política e literatura.** Seropédica, RJ, 161p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2015.

Who was Fabio Luz? This work has the purpose of to clarify this, among others aspects of Fabio Luz life. Borne at Bahia, resident at the north side of Rio de Janeiro city, for many years, physician, writer, journalist, literary critic, teacher and foremost anarchist.

Through his work we analyzed many aspects of: critical of the society, political militancy, the Rio de Janeiro city and its everyday, and the literature, that in Luz work has a very clear anarchist aesthetic.

Besides newspapers and flyers, we used as main source of this work the novel, *Ideólogo*, written by Luz in 1903, the novel brings, not only the aesthetic side of the anarchist art , but as also helps to understanding many aspects of the Rio de Janeiro history.

Keywords: Anarchism, Activism, Literature.

## **Agradecimentos**

Inicialmente quero agradecer a minha mãe, Ione, pessoa fundamental em toda a minha vida. Quero agradecer a Renata Costa, que me acompanha nessa correria do dia a dia, enquanto namorada, agora como esposa, muito obrigado pela paciência.

Agradeço aos meus amigos de longa data e os mais recentes também, que de alguma maneira contribuíram para esse momento, entre eles destaco: Bernadete Montesano, Fábio Eduardo, Juan Otero, Elanny Brabo, Tobias Tomines Faria, Annie Jejesky, Kátia Valéria, Carla Pires, Paulo Ricardo.

Gostaria de agradecer a alguns professores que foram fundamentais na minha trajetória, entre eles destaco: Luiz Antônio Simas, Wolney Malafaia, Ricardo Oliveira, Felipe Charbel, Beatriz Vieira, Marly Viana, Erica Sarmiento, Carlo Romani, Jayme Lucio. Leonardo Brito, Miguel Ángel.

Agradeço aos meus ex-companheiros de Pedro II, que muito contribuíram com debates, questionamentos, entre eles destaco: Eduardo Parga, Mariana Bruce, Luiz Fernando, João Henrique Leite, Cláudia Afonso.

Aos meus atuais colegas de trabalho que tão são muito importantes, entre eles destaco: Flávia Albuquerque, Renato Atanzio, Rodrigo Machado, Gustavo Esteves, Sânia Mielli, Viviane dos Santos.

Aos meus colegas de programa, em especial Rafael Viana, Daniela Cavalheiro, Antonio Lomeu, Cristiane Coimbra, Maria Lúcia Alexandre, Evelyn Rosa.

Milton Lopes, o meu muito obrigado, pelo apoio e pelo material disponibilizado, pois sem eles minha pesquisa não andaria. Agradeço a Maria José, secretária da Academia Carioca de Letras, pela simpatia e disponibilidade em me ajudar com uma fonte.

Em especial agradeço a duas pessoas muito importantes nessa trajetória, que contribuíam demais para esse momento, aos professores e grandes amigos, Alexandre Samis e Paulo Debom.

Agradeço ao meu orientador, Alexandre Fortes pelas contribuições, sugestões e paciência para com o seu orientando.

Desculpem-me, aquelas e aqueles que não tiveram o nome citado, são muitos, não caberia nesta dissertação, mais todos foram e são importantes de alguma maneira e por isso estão em um lugar especial na minha vida.



## Sumário

<b>Introdução:</b> .....	<b>p.10</b>
<b>Capítulo I: Liberdade de Testar</b> .....	<b>p.13</b>
I. 1 – Para além de uma síntese biográfica.....	p.13
I. 2 – Saúde.....	p.33
I. 3 – O anticlerical.....	p.35
I. 4 – Observações sobre o cotidiano.....	p.37
I. 5 – Uma nota à margem.....	p.49
<b>Capítulo II: A educação como uma chave para a liberdade</b> .....	<b>p.56</b>
II. 1 – Educação.....	p.56
II. 2 – Algumas reflexões sobre a leitura e os leitores.....	p.59
<b>Capítulo III: O <i>Ideólogo</i> e a literatura</b> .....	<b>p.75</b>
III. 1 – Percepções iniciais acerca do romance.....	p.75
III. 2 – Sociedade em <i>Ideólogo</i> .....	p.79
III. 3 – A Crítica Social em <i>Ideólogo</i> .....	p.86
III. 4 – Anarquismo em <i>Ideólogo</i> .....	p.93
<b>Capítulo IV: Entre a arte e a militância</b> .....	<b>p.102</b>
IV. 1 – Conceito de Romance Social.....	p.102
IV. 2 – Arte e Anarquismo.....	p.106
IV. 3 – Fábio Luz entre a escrita e a arte.....	p.118
<b>Capítulo V: Considerações finais</b> .....	<b>p.126</b>
<b>Bibliografia:</b> .....	<b>p.129</b>
<b>Fontes:</b> .....	<b>p.134</b>

*Fábio Luz não poupava esforços, estava sempre pronto, inclusive, a ensinar português e francês em sua casa, à noite, aos operários que queriam melhorar seus conhecimentos e saber ler jornais ácratas chegados da Itália, da França e da Espanha. Não sabia dizer não, nem cobrar qualquer tipo de pagamento. Viveu e morreu pobre entre os pobres que labutavam honradamente, dia a dia.*  
Edgard Rodrigues

*Fábio Luz não se meteu a fazer um romance pelo desejo de aparecer em público e criar nome literário. Sua obra tem o cunho do sentimento que o levou a executá-la. E, se Ideólogo foi uma surpresa para muitos, não o foi para aqueles que lhe notaram já na literatura ligeira, no conto e em as suas formosas e apreciadas novelas, uma tendência cada vez melhor definida para fazer a crítica dos vícios políticos e sociais.*  
Manoel Curvelo de Mendonça

## **Introdução:**

Fábio dos Santos Lopes Luz nasceu em Valença na Bahia em 1864 e viveu boa parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde faleceu no ano de 1938. Também era conhecido apenas como Fábio Luz, um ilustre desconhecido pela “Grande História”, mas que tem uma rua com seu nome em um importante bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

Quem foi Fábio Luz? Talvez seja uma das principais perguntas a se fazer e talvez uma das mais difíceis de responder.

A presente dissertação tem como um dos objetivos centrais tentar entender quem foi Fábio Luz e a pretensão de dar um pouco de voz ao homenageado que tem sido calado sistematicamente há muitos anos. Sabemos muito pouco sobre ele. Nesse sentido segue o nosso esforço de conhecê-lo mais e, conseqüentemente, apresentá-lo para a sociedade, não como o objetivo de torná-lo o centro das atenções, mas para que as pessoas possam conhecer um pouco mais da vida de um grande personagem de nossa História.

Outro objetivo central desta dissertação está ligado a uma das atividades exercidas por Fábio Luz, a escrita, não apenas na escrita jornalística, mas também na escrita literária com o romance *Ideólogo*, publicado no ano de 1903.

Através da trajetória de Fábio Luz por meio da militância anarquista, pretendemos analisar alguns aspectos literários e a partir deles, perceber o cotidiano do autor e conseqüentemente da cidade do Rio de Janeiro, a militância, as artes e especificamente a literatura.

Fábio Luz, médico sanitário, baiano de nascimento, mas que viveu boa parte de sua vida e por seguinte exerceu sua militância no Rio de Janeiro, escreveu diversas novelas e romances como *O Ideólogo*, *Os emancipados*, entre outros.

A literatura produzida por Fábio Luz pode ser considerada como algo que está na fronteira entre a ficção e o real? Embora sejam considerados textos romanceados, ou seja, com personagens fictícios, os textos escritos por esses militantes das letras contém uma carga de história, de crítica social, de concepções políticas, de propostas de futuro que não podem ser ignoradas. Essa literatura pode esclarecer sobre diversos aspectos da existência de um movimento de trabalhadores, da sociedade, que seria muito difícil reconstruir a partir de outros documentos.<sup>1</sup>

O movimento anarquista se utiliza da cultura como uma importante forma de militância política. Nesse sentido, a literatura, a poesia, o teatro, são fontes de formação do trabalhador, divulgação do ideal anarquista. Como coloca Alexandre Samis: “a arte engajada e a educação para a consciência de classe eram tão importantes quanto à luta concreta vivenciada nas sedes sindicais e nos confrontos de rua com a polícia”.<sup>2</sup>

Principalmente nos últimos anos do século XIX e nos primeiros anos do século XX, as práticas culturais, além de sofrerem influência da imigração estrangeira e da diversidade étnica da população brasileira, também se desenvolvem dentro do próprio movimento de classe.<sup>3</sup>

É pertinente também, discutirmos sobre a autonomia desse trabalhador, embora no caso brasileiro exista uma segregação feita pela classe dominante em relação ao operário. Francisco Foot Hardman afirmou que “o espetáculo de variedades, múltiplo e colorido, apresentado pelo festival proletário, revela mais a espontaneidade e diversidade da própria presença de classe.”<sup>4</sup>

Entendemos que para uma boa análise de obras literárias com o objetivo de uma construção histórica, devemos relacionar a obra e o autor ao seu tempo, sendo um fruto do outro, sem nos esquecermos do leitor, peça fundamental neste quebra cabeça.

---

<sup>1</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre história operária*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 251.

<sup>2</sup> SAMIS, Alexandre. *O anarquismo no Brasil*. IN: Vários Autores. *História do Anarquismo*. São Paulo, Faísca: Imaginário, 2008. P 197.

<sup>3</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultural anarquista no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. P 32.

<sup>4</sup> Idem, pp 42-43.

É possível estabelecer a relação entre a obra e os seus interlocutores, pois o autor não escreve somente para si, ele não existe sem o outro. Ou seja, existe uma relação entre autor e leitor, da mesma forma que há relação entre leitor e autor, sendo muito importante identificar esta relação.

O olhar sobre essa literatura produzida no Brasil enquanto um sistema autônomo de militância<sup>5</sup> se faz necessário, para buscarmos entender as trajetórias destes autores. Nesse sentido, o nosso ponto de vista de análise historiográfica está em comum acordo com o historiador inglês E. P. Thompson, que adota uma perspectiva diferenciada, a partir de baixo, privilegiando a identidade do autor político autônomo, suas motivações, influências que não devem de maneira alguma ser postas em segundo plano.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> PRADO, Antônio Arnoni & HARDMAN, Francisco Foot (ORG). *Contos anarquistas. Antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)*. São Paulo: Brasiliense, 1985. P 09.

<sup>6</sup> THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 2002. P 81.

*A solidariedade é o respeito à liberdade dos outros, é o auxílio que devemos prestar aos nossos semelhantes na conquista da felicidade, facilitando-lhes o livre surto de suas aspirações e a realização completa de seus desejos, respeitados iguaes direitos alheios, evitados choques, atritos, questões e preconceitos de precedência e de supremacia.*

Fábio Luz.

## **Capítulo I: Liberdade de Testar.**

### **I. 1 – Para além de uma síntese biográfica**

#### ***Onde tudo começou...***

Na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro fica situado o bairro do Méier. Nesta importante região, chamada por alguns de subúrbio carioca e visto por muitos outros como um bairro tradicional e, porque não dizer, histórico. Ao passar pelo bairro, facilmente encontraremos a Rua Fábio Luz, entre a Rua Aquidabã, localizada em frente ao Hospital Maternidade Carmela Dutra e uma das principais vias do bairro, a Rua Dias da Cruz<sup>7</sup>.

O que a pacata Rua Fábio Luz tem de tão especial? O que ela tem a oferecer ao nobre bairro? Um nome, um personagem, um ilustre morador, alguém que certamente não tem o espaço devido na “Grande História”. Arrisco dizer que nem mesmo os atuais moradores sabem informar sobre o homenageado.

Fábio Lopes dos Santos Luz era o nome de batismo de Fábio Luz, como ficou conhecido, iniciou a sua vida em 1864, filho da professora Adelaide Josefina Lopes Luz, e de Manoel dos Santos Luz, funcionário público que trabalhava como administrador da *Mesa de Rendas*<sup>8, 9</sup>.

---

<sup>7</sup> Por conta de um erro na grafia da placa que faz esquina com a Rua Aquidabã, a Rua Fábio Luz também pode ser conhecida como Rua Fábio da Luz.

<sup>8</sup> Cargo criado no período regencial, com o objetivo de operar despachos aduaneiros e fiscalização em portos de escasso movimento.

<sup>9</sup> LIMA, JOSELY TOSTES DE. *A palavra e a pena: dimensões da militância anarquista de Fábio Luz*. (Rio, 1903/1938). Dissertação de mestrado. P 10.

Fábio Luz nasceu e viveu parte de sua juventude município de Valença localizada aproximadamente a 270 km da capital do Estado da Bahia, região que era habitada inicialmente pela tribo nativa dos Tupiniquins no início da colonização de Portugal.

Um fato histórico bastante importante para a região e principalmente para a cidade onde nascera Fábio Luz diz respeito ao início da década de quarenta do século XX, onde durante a Segunda Grande Guerra em águas próximas da cidade, submarinos alemães atacaram com torpedos dois navios brasileiros provocando o afundamento destes dois navios, o *Itagiba* e o *Arará*, e os feridos foram levados para o Hospital da cidade de Valença por ser a mais próxima da região dos ataques.

Atualmente a cidade é famosa pela sua herança colonial e tem o turismo como uma grande fonte de renda, principalmente pela arquitetura histórica e por suas praias. Também é bastante conhecida pela sua grande produção de camarões.<sup>10</sup>

Fábio Luz abriu os seus olhos pela primeira vez ainda em um Brasil que tinha a escravidão dos negros vindos inicialmente do continente africano como sua principal força motriz de trabalho, embora o tráfico internacional de escravos tenha acabado formalmente quatorze anos antes do seu nascimento, com a lei que carrega consigo uma grande importância para o cenário socioeconômico brasileiro e o nome do autor, o Senador e Ministro Eusébio de Queiroz Coutinho Matoso.

Naquele tempo, o poder político era dominado pela monarquia de caráter hereditário, na figura de D. Pedro II que ascendeu ao trono brasileiro em 1840, aos quatorze para quinze anos, também por aqueles nobres que o cercavam e os grandes produtores de café, iguaria que era o principal produto de exportação do Brasil.

A Igreja Católica era a religião oficial do Estado brasileiro, além disso, dominava as relações sociais e tinha grandes responsabilidades com a educação.

O ainda jovem estudante de medicina na capital Salvador observou atentamente os acontecimentos políticos e sociais de sua geração. Entendendo que o negro há muito era explorado nas terras brasileiras e que deveria ser livre e ter direitos como todo cidadão, independentemente de sua origem, sua cor e sua condição econômica. A partir daí começou reivindicar o fim desta prática vergonhosa de vários séculos, tornando-se um defensor da causa abolicionista.

---

<sup>10</sup> Fragmentos retirados do site Memorial da Câmara Municipal de Valença. IN: <http://www.cmvalenca.ba.gov.br/memorial/historico.asp>. Acessado em 19 de maio de 2015.

Inicialmente, Fábio Luz defendia o republicanismo e entendia que a monarquia proclamou-se a si mesma, não estando apoiada sobre o pensamento e a adesão da população, e esta seria uma instituição puramente portuguesa e radicalmente decadente, cheia dos mesmos vícios de quando éramos uma colônia, tendo o sangue e a descendência como princípios, impondo uma constituição que fora copiada dos ingleses e dos americanos do norte, além de dispensar o povo de todo o processo de participação nas decisões.

Fábio Luz, assim como vários outros preocupados com a situação política do Brasil, supunham que a República seria a principal saída para o fim do sofrimento do qual povo era submetido, na perspectiva de um país menos desigual. “O Estado, o Império, apareciam-me como responsáveis por estes atos de desumanidade, atribuía-os a todas as formas de Governo. Este entendimento fez nascer em mim aspiração de uma forma de Governo que fosse mais humano e igualitário.”<sup>11</sup>

Ainda durante o governo de Dom Pedro II, o jovem da cidade de Valença obtém o título de doutor pela Escola de Medicina da Bahia fundada logo após a chegada da Família Real ao Brasil no ano de 1808. Logo depois de formado, o agora médico, se transfere para a Capital Federal em 1888, no mesmo ano em que a Lei Áurea fora assinada pela Dona Isabel na condição de princesa regente, lei esta que dava o caráter formal ao fim da escravidão em todo território nacional, tornando todos os negros escravos em pessoas livres.

### ***No Rio de Janeiro...***

Além da medicina, Fábio Luz também dedicou quase toda a sua vida à escrita, como cronista, crítico e literário. No Rio de Janeiro, Fábio Luz publicou seu primeiro livro em 1902 pela editora Garnier com o título *Novellas*. Em um dos contos deste livro, podemos perceber esse caráter republicano inicialmente era reivindicado pelo médico e agora escritor. O conto se ambientou na sua cidade natal, Valença, na Bahia.

O livro tem Carlos como a personagem principal, um estudante de direito que vai passar as férias com a sua família depois de dois longos anos longe da cidade. Carlos, um jovem de bom coração, anseia no seu íntimo o desejo uma sociedade mais justa, embora por

---

<sup>11</sup> “Testamento libertário de Fábio Luz”. Escrito por Fábio Luz em 16 de março de 1933, na verdade se trata de um texto autobiográfico, no qual relata algumas de suas experiências de vida, dentro e fora do campo libertário, assim como algumas pessoas que passaram por sua vida. O texto foi enviado ao escritor anarquista argentino Campio Carpio, que o publicou em castelhano em outubro de 1948 no periódico *Inquietudes*, do México. IN: RODRIGUES, Edgar. *Os Libertários: José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fábio Luz*. Rio de Janeiro: VJR, 1993. P 208.

conta da tradição familiar, algumas pessoas próximas não vejam com bons olhos a sua esperança de uma sociedade futura, onde brancos e negros sejam vistos como iguais. Pois sua família era tradicionalmente monarquista, e repudiava aquele que viesse a se declarar a favor dos negros, principalmente se fosse a favor da República.<sup>12</sup>

Esse conto pode ser pensado como um reflexo da sociedade brasileira que se encaminha para o final do século XIX, e que ao mesmo tempo percebe na República uma forma de poder e o fim da escravidão como ações fundamentais para possibilitar o desenvolvimento do país, mas que também tem um outro lado, encara a monarquia, a família real como instituições extremamente importantes para o Brasil. Na verdade Fábio Luz retrata uma sociedade dividida entre o tradicionalismo defensor da monarquia e os defensores da via de modernização a partir da República, modernização não apenas no sentido econômico, mas também no político, social, cultura, ou seja, buscavam modernizar todos os níveis estruturais do Brasil.

Ainda sobre o seu primeiro livro, outra coisa que nos chamou muito a atenção foi o contrato assinado por Fábio Luz e uma das principais editoras da época, a francesa Garnier, que contava com autores com bastante prestígio e reconhecimento como Machado de Assis e Graça Aranha.

A partir do contrato assinado por ambos os envolvidos, o autor e o dono da editora, senhor H. Garnier por meio do seu procurador Julien Emmanuel Bernard Lansac, em 1901, nós começamos a entender a grande dificuldade de um escritor para conseguir sobreviver por meio das letras, ou seja, se sustentar minimamente apenas pela escrita. Para que tenham como prover sua sobrevivência, alimentar-se, vestir-se e suprir as necessidades básicas de sua família, os autores deveriam ter outras fontes de renda, como o jornalismo, por exemplo, para além da publicação de seus livros.

Essa grande dificuldade de poder viver apenas das letras levou muitos literatos a realizar jornadas duplas ou mais. A atividade jornalística era bastante frequentada pelos intelectuais e essa migração dos literatos para o jornalismo representava, segundo o historiador Nicolau Sevcenko, uma mudança da condição social do artista.<sup>13</sup>

O próprio Fábio Luz tratou desse assunto relacionado à remuneração do escritor, dizendo que:

---

<sup>12</sup> LUZ, Fábio. *Novellas: Na Província Todos por um*. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1902.

<sup>13</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. P 127.



Para o homem de letras no Brasil há, infelizmente, apenas o consolo de se ver editado pelo gosto de sel-o, para ser lido e apreciado. Pois é raro e parco o pagamento da colaboração literária nos jornais diários, açambarcados os logares remunerados por uns tantos hábeis fazedores de literatura e de jornalices.<sup>14</sup>

E ainda vai mais além:

O escriptor nacional, que tanto tem concorrido para o florescimento do ramo de commercio que enriqueceu, e poderá ainda muito enriquecer, os exploradores da indústria do livro, não pode contar, como meio de vida, com seu esforço mental, que ainda não chegou a ser reconhecido como profissão: ser poeta ou literato ainda é ser vadio, sem profissão catalogada pela polícia e sujeita a taxaçaõ dos municípios.<sup>15</sup>

Outro fator que dificultava ainda mais vida de um escritor e a sua sobrevivência diária estava atrelado diretamente às elevadas taxas de analfabetismo, que deixavam boa parte da população brasileira a margem da leitura, sem a possibilidade de ler os livros publicados por estas editoras. Como descreve Nicolau Sevckenko: “O analfabetismo quase total da população brasileira, nesse instante dramaticamente lembrado, impedia o desenvolvimento de um amplo mercado editorial. Os intelectuais viram-se assim compulsoriamente arrastados para o jornalismo, o funcionalismo ou a política.”<sup>16</sup>

Fábio Luz, ao assinar o contrato, só poderia ter direito a vinte e cinco exemplares de seu próprio livro, como podemos observar no segundo item do contrato: “2º - o senhor H. Garnier retribuirá ao Sr. Fábio Luz pelo mencionado direito com (25) vinte e cinco exemplares brochados por cada edição da obra a que se refere o presente contrato.”<sup>17</sup> Outra cláusula do contrato previa que o autor deveria, de forma obrigatória, rever o seu texto sem qualquer tipo de remuneração, além de ter que renunciar “a todo e qualquer direito que como autor lhe concedem as leis brasileiras.”<sup>18</sup>

Sobre as experiências de Fábio Luz e a Garnier, percebemos dois aspectos bem interessantes: uma delas é a própria visão do autor em relação à editora, que para ele não tinha critérios estabelecidos para a publicação de uma obra, aceitando obras de diversos temas, e como abordamos anteriormente, não tinha na remuneração um atrativo para os autores. “Garnier, que topava tudo – literatura, sciencia e obras didacticas, os outros que appareciam

<sup>14</sup> LUZ, Fábio. *Dioramas: Aspectos Literários (1908-1932)*. Volume I. Rio de Janeiro: Editora Ravaro, 1934. P 70.

<sup>15</sup> Idem, p 76.

<sup>16</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. P 128.

<sup>17</sup> Contrato Nº 877 (Novellas) assinado entre Fabio Luz (autor) e H. Garnier (editor) que reside em Paris e o fez por meio de seu procurador, Julien Emmanuel Bernard Lansac. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

<sup>18</sup> Idem.

não obedeciam a critério algum na escolha dos livros a editar, ou por falta de tino comercial e de bibliófilos, ou por falta de senso crítico para perceber o valor das obras.”<sup>19</sup>

Outro aspecto que se relaciona a esse universo literário do início do século XX, nos leva ao universo de trocas intelectuais intensas por meio das livrarias e nesse sentido, tanto a Garnier quanto as outras editoras também funcionavam como livrarias, que serviam como ponto de encontro de diversos autores. Esses encontros aconteciam também por conta das afinidades políticas, e acabavam se tornando espécie confrarias onde se debatia sobre diversos assuntos, principalmente literatura e política.<sup>20</sup>

Na Livraria Garnier, Fábio Luz encontrou e conheceu diversas pessoas que, como ele, se identificava com a literatura e a militância política. Esses encontros que, inicialmente tinham o caráter literário, logo se tornaram encontros um grande centro de estudos sociais. Nessa listagem de pessoas, destacamos: Elísio de Carvalho, Rocha Pombo, Curvelo de Mendonça, Pedro do Coutto. “Fomos formando assim na Livraria Garnier um Grupo de rebeldes, cada qual com sua tendência. Todos éramos contra o que se praticava em nome do povo para a infelicidade do povo.”<sup>21</sup> A Livraria Garnier seria o reduto dos escritores consagrados, já a Colombo seria o reduto para os novos ou trampolim, como coloca Nicolau Sevcenko.<sup>22</sup>

### ***Observações sobre a política de sua época...***

Como um observador atento, o médico recém-formado vivenciou todo o processo de transição de um país monárquico para um país republicano, com pressupostos positivistas reivindicados pelos responsáveis desse momento histórico. Percebeu que, embora o país tenha se tornado uma República, os grupos políticos que dominaram o Brasil após a Proclamação ainda tinham as suas raízes na tradição brasileira atrelada à elite latifundiária agroexportadora e ao sistema escravista.

Enganei-me, e só mais tarde percebi o equívoco em que vivi, colaborando na organização republicana que, com sua revolução, mudou os homens e exploradores,

---

<sup>19</sup> LUZ, Fábio. *Dioramas: Aspectos Literários (1908-1932)*. Volume I. Rio de Janeiro: Editora Ravaro, 1934. P 77.

<sup>20</sup> BRITO, Broca. *A vida literária no Brasil: 1900*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. Pp 82-83.

<sup>21</sup> “Testamento libertário de Fábio Luz”. IN: RODRIGUES, Edgar. *Os Libertários: José Otílica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fábio Luz*. Rio de Janeiro: VJR, 1993. P 209.

<sup>22</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. P 141.

deixando na essência de seus discursos e enfáticas promessas a mesma exploração da monarquia, autocrática, oligárquicas e ditatoriais.<sup>23</sup>

Isso tornava a questão relacionada à liberdade para o povo, à democracia de uma maneira geral, ainda mais difícil de ser posta em prática mesmo no novo regime político, que de certa maneira inspirava as esperanças de uma maior liberdade de ação em parte da população do Brasil.

A Constituição do novo regime, aprovada no início da última década do século XIX, não privilegiou grande maioria dos brasileiros, isso acabou gerando uma grande frustração, pois a tão esperada abertura para participação política desta maioria dos cidadãos não se concretizou de fato.

Sobre essa questão da democracia, cabem aqui algumas palavras em relação à política estabelecida no Brasil após a Proclamação da República. No panorama político, sabemos que por diversos motivos, os militares não apenas proclamaram a República em 1889, mas também governaram o país até a eleição do primeiro presidente civil do Brasil, Prudente de Moraes em 1894.

Independente do sistema político estabelecido no Brasil, desde os tempos de Reino Unido a Portugal e Algarves, perpassando pela Monarquia Independente e por fim na República, o povo continua não sendo consultado, a sua vontade não era sequer colocada em debate. Na verdade, infelizmente pouca coisa mudou na estrutura do país, nenhuma alteração de fato significativa, nem na estrutura social muito menos o regime político. A opressão, a exploração, a pobreza e o monopólio do poder permaneciam da mesma maneira dos séculos anteriores.

Segundo José Murilo de Carvalho, o advento da República trouxe consigo não apenas um novo regime político para o país, mas também expectativas de uma renovação no campo político, no sentido de que a participação no poder pudesse ser ampliada tanto para as elites quanto para as camadas que antes estavam excluídas<sup>24</sup>.

O que era tão esperado não aconteceu, as elites agroexportadoras continuaram dando as cartas no país. Isso fica bem evidente principalmente nas primeiras décadas do século XX com a assim chamada República das Oligarquias. Nesse sentido, existiam apenas pequenos grupos que participavam evidentemente do controle da vida política do país, frustrando as

---

<sup>23</sup> “Testamento libertário de Fábio Luz”. IN: RODRIGUES, Edgar. *Os Libertários: José Otílica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fábio Luz*. Rio de Janeiro: VJR, 1993. P 208.

<sup>24</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. P 22.

esperanças e as expectativas, ainda que parcas, dos que viam na República uma porta para se chegar ao poder.

A questão do voto se torna fundamental para entendermos esse contexto, pois a ideia de República pressupõe uma democracia mais ampla abrangendo todas as áreas e instituições do Estado, ou seja, um governo não autoritário onde o poder seria limitado dentro das esferas administrativas dando uma maior possibilidade de participação política por parte dos diversos grupos políticos.

Mas isso não ocorreu de fato, pois o voto ainda era bastante restrito, ou seja, a possibilidade de votar e de poder ser votado estava limitada apenas aos homens maiores de vinte e um anos. Os analfabetos e soldados não poderiam votar, assim como ocorria com as mulheres. Além do fato de que o voto permaneceu aberto com a Constituição de 1891. Isso quer dizer que o cidadão poderia votar, mas a sua escolha não era secreta, dando margem para barganhas e até ameaças caso o eleitor não tenha optado por um determinado candidato. Tudo isso na verdade, impossibilitava que a maioria da população tivesse o poder votar livremente, que dirá de ser votado.

O sistema republicano brasileiro começou com aspectos mais tradicionalmente relacionados à monarquia. O fato que a maioria dos cidadãos brasileiros não podia exercer o direito de voto era uma contradição ainda mais evidente de República que pretendia, ou melhor, não pretendeu ter caráter representativo.

Essa situação piora ainda mais com as diversas medidas que dificultavam a eleição de uma oposição em relação às oligarquias, que comandavam os municípios e os estados com ligação direta com o Governo Federal, como a famosa Política dos Governadores<sup>25</sup>.

Esse instrumento não apenas impediam a eleição da oposição, mas também serviam como aparelho de opressão e repressão por parte das oligarquias em relação às camadas mais pobres da população, que permitia a manutenção do *status quo*.

Ao mesmo tempo em que esta questão das permanências na jovem República era bastante discutida por Fábio Luz e seus correligionários ácratas<sup>26</sup>, o Estado e os cafeicultores

---

<sup>25</sup> Tinha como objetivo reforçar a figura presidencial e a solidariedade entre as maiorias do Executivo (estadual e federal). “Reconhecia-se a legitimidade das maiorias estaduais, comprometendo-se o governo federal a não apoiar dissidências locais.” Ou seja, um pacto de ajuda entre Governo Federal e os Estados. MENDONÇA, Sonia Regina de. “Estado e Sociedade: A consolidação da República Oligárquica”. IN: LINHARES, Maria Yedda (ORG). *História Geral do Brasil*. 9 Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990. P 317

<sup>26</sup> A partir das fontes pesquisadas, não encontramos indicações de quando exatamente Fábio Luz passa a se identificar e militar pelo anarquismo. Contudo temos alguns indícios de que isso ocorre por volta do ano de 1900, pois Fábio em uma conferência realizada em setembro de 1918 no Centro Cosmopolita em virtude do aniversário do periódico Liberdade, afirma que milita nas fileiras libertarias aproximadamente dezoito anos além

a incentivam fortemente a vinda de trabalhadores de outras nacionalidades para o Brasil, com o objetivo de tentar superar o déficit de mão de obra com o fim da escravidão e elevar o número da população branca no país.

Muitos desses imigrantes que vieram para o Brasil em busca de trabalho traziam consigo em suas malas não apenas um punhado de roupas e de sonhos, como destacamos no capítulo anterior, mas traziam também as ideologias socialistas como o anarquismo, ideologias estas que estavam obtendo muito espaço entre os trabalhadores europeus, principalmente após a criação em 1864, por intermédio dos trabalhadores ingleses e franceses, da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)<sup>27</sup>.

O anarquismo esteve presente em algumas bagagens na forma de livros, de pensamentos, de perspectivas de um futuro melhor, pois a maioria dos imigrantes era pobre, afastando “em muito, da representação idealizada de mão-de-obra superior, promotora do progresso, que compunha os discursos imigrantistas na época imperial.”<sup>28</sup>

Ao mesmo tempo em que governo republicano utilizava como propaganda a ideia de um país que valorizava a liberdade, que acolhe os estrangeiros, os imigrantes, de braços abertos, pede ao Congresso Nacional pressa para a criação e aprovação de leis que possam reprimir o anarquismo, leis que não apenas possam dar o aparato jurídico necessário à perseguição aos estrangeiros, aos imigrantes acusados de subversão, mas também dos brasileiros que exploram a suposta *ingenuidade* dos operários pregando doutrinas subversivas.<sup>29</sup>

Usando o termo bastante empregado pela prof. Lená Medeiros, esses imigrantes eram vistos como *os indesejáveis*, ou seja, estrangeiros de uma maneira geral, eram pobres e que contestavam a ordem estabelecida<sup>30</sup>, foram expulsos do Brasil ou levados para a Amazonas ou para a Colônia Penal de Clevelândia.

Nas palavras de Fábio Luz, é esse o sentido das afirmativas de chefes de polícia atribuindo aos anarquistas a influência nos movimentos de operários, assim como das

---

do mesmo ter publicado seu principal romance de cunho militante, o *Ideólogo* em 1903 e no ano seguinte, junto com outros militantes anarquistas, fundou a Universidade Popular que tinha caráter de educação libertária inspiradas pela proposta espanhola iniciada por Francisco Ferrer e Guardia.

<sup>27</sup> Ver GUILLAUME, James. *A Internacional: Documentos e Recordações 1*. São Paulo: Editora Imaginário/Faísca, 2009.

<sup>28</sup> MENEZES, Lená Mediros de. “Bastidores: Um outro olhar sobre a imigração no Rio de Janeiro.” IN: Revista Acervo. Rio de Janeiro, v 10, nº 2. P 71.

<sup>29</sup> SAMIS, Alexandre. “Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: Sindicalismo e Anarquismo no Brasil”. IN: Vários Autores. *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Editora Imaginário, 2004.

<sup>30</sup> MENEZES, Lená Mediros de. Op. Cit. P 75.

deportações de militantes, para o norte e sul, detidos sem acusações formadas, sendo estes brasileiros ou não. Isso corrobora a ideia de um brasileiro militante combativo. Nesse sentido, não apenas o estrangeiro era o propagador dos pressupostos anarquistas no Brasil, mas também os próprios brasileiros.

Na verdade, como propõe Fábio Luz, para se viver bem sob o governo republicano brasileiro, o indivíduo tinha o dever de aceitar que embora este país fosse considerado livre, na prática o indivíduo devia viver sem ideais, limitados pela conveniência do Estado.

Ou seja, para o Estado, o povo devia estar/permanecer no limbo do desconhecimento, da letargia, castrado e cego, estimulando a perspectiva do paraíso terrestre, “onde o homem possa viver e gosar a vida sem mais aspirações, sem irritar-se com as desigualdades de distribuição da felicidade, da justiça e do amor”, ou seja, “o país ideal do Eldorado”.<sup>31</sup>

Entretanto, este é o mesmo Estado que é governado pelos patriotas opressores, pelos banqueiros sanguessugas, pela grande imprensa, pelos industriais exploradores. Para estes o povo que vivia no país era composto de um modo geral por “indesejáveis, nacionais e estrangeiros, pés-rapados, sem capacidade para vencer, para enriquecer, que vivem roídos de inveja, cheios de ódio contra os que vencem e se impõem”.<sup>32</sup>

Fábio Luz propõe um olhar para o passado monárquico do Brasil não muito distante, segundo o qual desde as últimas décadas do século XIX, a propaganda contra a República teria sido permeada por duas linhas: a primeira afirmava que apenas D. Pedro II e a sua filha Isabel tinham plena capacidade de administrar o Brasil com sabedoria, ou seja, nenhum presidente que a futura República brasileira viesse a ter seria tão bom e capaz de conduzir a vida política do Brasil quanto os líderes monárquicos. A segunda linha argumentava que o povo não estaria preparado para um regime de liberdade como se apresentava a proposta republicana.

Embora as propagandas sejam distintas em relação ao mesmo tema, o debate sobre a instalação de uma República no Brasil estava presente nas agremiações políticas. As duas linhas de propaganda abordadas trabalham com alguns pilares de uma sociedade, principalmente no que diz respeito à política.

A primeira linha na verdade, continha uma visão bastante fantasiosa em relação ao Monarca e a sua filha, para Fábio Luz, a forma como o Brasil vinha sendo governado não era

---

<sup>31</sup> LUZ, FÁBIO. “Os pombos de flourens”. IN: A Obra: Semanário de cultura popular. São Paulo, 13 de maio de 1920. Ano I, n 02.

<sup>32</sup> Idem.

bem assim, na verdade, era o oposto. Nas palavras do médico anarquista, o governo do Segundo Reinado foi tirânico, ditatorial e absoluto, além de ser violento e violar a liberdade do indivíduo.

Contudo, mesmo após a Proclamação da República, nada mudou, pois as ações, as políticas desenvolvidas foram praticamente as mesmas e o povo, segundo Fábio Luz, nada lucrou com a mudança da forma de governo. Luz conclui que a felicidade, a liberdade e o pleno gozo da vida jamais serão resultantes das formas do governo, que sempre constituíram formas de opressão, tomem os nomes que tomarem.

A mudança não virá de uma forma política, “uma adaptação de processos governamentais inutilizadas e imprestáveis protetores dos figurões para os quais o povo é o bom animal pacífico e docil.”<sup>33</sup>

O médico escritor entende também que no Brasil, mesmo sendo um *país de moral estragada*, existem pessoas sérias e preocupadas com os rumos da sociedade. Essas pessoas estão dispostas a lutar pela *regeneração moral da sociedade*. Mas esta luta não está nas leis e na reforma constitucional, o objetivo dos anarquistas também não é assumir o poder republicano. Na verdade, o objetivo é transformar o Brasil em uma sociedade igualitária e de moral esplêndida nas palavras de Fábio Luz.

Certa vez, como era de costume na época, Fábio Luz escreveu em resposta a um artigo publicado em um jornal “burguês” que parece tratar do movimento anarquista no Brasil, mas sem uma leitura prévia, sem conhecimento mínimo sobre o assunto, inclusive afirmando que inexistiriam núcleos anarquistas no Brasil.

Antes de colocar o assunto em questão, dois aspectos intimamente ligados devem ser observados. Um deles seria a questão social o outro seria a questão operária, ligada às reivindicações salariais, jornada de trabalho. No fim, as duas visam à justiça social, a igualdade nas relações humanas.

Nas palavras do autor, o anarquismo utiliza como meio de luta:

A discussão do laborismo em face do capitalismo tem seus intuitos morais mais elevados, e não cogita de um paliativo temporário como o da melhoria do salário com a redução das horas de trabalho, senão como meio de propaganda e como manifestação de suas intenções humanitárias e de solidariedade perfeita. E isso prova que anarquia não só é destruição, mas sim uma doutrina construtiva de amor, de paz, de aspiração à felicidade perfeita para todos.<sup>34</sup>

<sup>33</sup> LUZ, Fábio. “Le Monde Marche”. IN: Jornal A Plebe. São Paulo, 29 de março de 1919. Ano II, n 06.

<sup>34</sup> LUZ, Fábio. “Anarquismo e anarquistas no Brasil. Um movimento artificial, puro mimetismo, males que não atormentam, conclusão final”. IN: Jornal O Debate. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1917. Ano I, n 07.

Na verdade, Fábio Luz quer demonstrar justamente o oposto do que foi escrito por W. de Niemeyer e publicado no Jornal do Commercio em 1917. Trata-se de uma batalha de ideias e ideais, na qual um defende a estrutura republicana e outro defende a transformação, a revolução social por meio do anarquismo.

Mesmo com a República, não se alterou em nada a condição de vida da população. O proletariado não foi incorporado à sociedade moderna brasileira como prometiam os propagandistas republicanos e positivistas. “Os descendentes mestiçados da raça escrava continuam num degrau social inferior, no desprezo do preconceito das castas”.<sup>35</sup>

Fábio Luz afirma que a procura dos trabalhadores por uma organização social, ao se juntarem aos anarquistas, prova que a estrutura republicana e burguesa apenas explora os trabalhadores em nome do capitalismo, não se preocupando com o bem estar social deste mesmo trabalhador, sem querer saber “se a máquina humana tem o combustível necessário” para seguir adiante. E quando essa máquina para de funcionar, ela é descartada e outra é posta no lugar sem grandes custos.

Para Fábio Luz, não serão as leis desejadas pelos parlamentos que trarão a transformação temida pelos plutocratas, mais a ação constante, eficiente, tenaz e poderosa das associações sindicais.

É na organização dos sindicatos das classes produtoras, é na federação dessas associações que está o futuro da humanidade em tempo próximo. A educação que tão intensamente se está fazendo nas classes proletárias, a consciência que vão tendo os trabalhadores de sua forma de organização livre em que todo o mundo se está manifestando, em surto supremo do ideal humano da igualdade e de liberdade, espanta os atrasados estadistas e fazem tocar a rebata. O clero, a burguesia e a nobreza, que já procuram lançar mão dos mesmos meios empregados pelos revolucionários, com fim de inutilizá-los numa nova campanha de boas graças entre o patrão e o assalariado, de servidão e resignação do operário em nome de Deus.<sup>36</sup>

Fábio Luz, assim como muitos outros de sua época, pensavam de forma bastante otimista em relação ao futuro próximo, para ele: “O anarquismo, que vertiginosamente se

---

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> LUZ, Fábio. “País de moral estragada”. IN: Jornal A Plebe. São Paulo, 19 de julho de 1919. Ano III, n 02.



alastrará pelo mundo sob várias formas de protesto, apesar de todos os excessos inevitáveis em período de febril agitação revolucionária, há de se vitorioso em breves dias.”<sup>37</sup>

### *E a Rússia de 1917?...*

A possibilidade efetiva de mudança na estrutura social tem endereço: a Rússia. O que estava acontecendo no país de proporções continentais e extremamente gelado influenciava não apenas Fábio Luz, mas também outros anarquistas que acreditavam existir uma possibilidade de mudança e de coexistência e começavam a pregar uma revolução mundial, após os acontecimentos na Rússia de 1917.

Se o regime novo prega a ausência de pátrias, a morte do patriotismo, que barreiras podem existir entre o russo e o brasileiro, irmanados no mesmo regime humanitário de plena liberdade, de cordial solidariedade? Não havendo mais fronteiras, o regime novo não terá pátria, adaptando-se, portanto, a todos os homens nascidos onde nasceram, cidadão da república mundial.<sup>38</sup>

Interessante perceber essa mudança de postura em relação à Revolução Bolchevique por parte de alguns anarquistas, inclusive o próprio Fábio Luz. No início do movimento, o sentimento nutrido pelos anarquistas era de uma possibilidade de coexistência, que daria a abertura para os anarquistas na Rússia. Como bem abordou Iza Salles ao escrever uma biografia sobre a trajetória de vida de Antônio Bernardo Canellas.

O anarquista Antônio Bernardo Canellas foi o primeiro brasileiro a visitar a Rússia após a Revolução de Outubro de 1917, tinha 24 anos de idade quando chegou a Moscou para ser um entre os 394 delegados que iriam participar do IV Congresso da Internacional Comunista.

O jovem anarquista, assim como muitos outros, enxergava a Revolução Bolchevique com certo entusiasmo, contudo, Canellas percebeu muito longe de casa, mais na terra que suscitava esperanças, que não era bem isso que estava acontecendo. “É então que sua formação anarquista lhe prega uma peça. No mundo de onde vinha, as ideias eram discutidas

---

<sup>37</sup> LUZ, Fábio. “Anarquismo e anarquistas no Brasil. Um movimento artificial, puro mimetismo, males que não atormentam, conclusão final”. IN: Jornal O Debate. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1917. Ano I, n 07.

<sup>38</sup> Idem.

até chegar a um consenso que agradasse a todos. Ali era diferente. As ideias eram impostas de cima para baixo, pelo centralismo.”<sup>39</sup>

Para a importante anarquista e contemporânea da Revolução, Emma Goldman, “o bolchevismo não aboliu as classes na Rússia: apenas inverteu suas relações anteriores. De fato, ele até mesmo agravou as divisões sociais que existiam antes da Revolução.”<sup>40</sup>

Entretanto, com o passar dos anos e as atitudes tomadas pelos revolucionários bolcheviques, os anarquistas começaram a perceber que a Rússia não seria o local de uma revolução social no verdadeiro sentido da palavra, mas de uma mudança de poder, onde as estruturas seriam as mesmas, substituindo a burguesia pelo Estado.

Somado a esses aspectos, temos ainda alguns eventos bastante importantes para o descrédito dos anarquistas para com o Governo dos Bolcheviques. Citamos ucraniano Nestor Makhno e o que se conveniu chamar de *Makhnovtchina* e o massacre do Soviete de Kronstadt, ambos de caráter anarquista e perseguidos pelo Exército Vermelho, o exército dos bolcheviques.<sup>41</sup>

E nesse sentido, Fábio Luz se pergunta se o que estava acontecendo na terra de Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin, poderia abrir terreno para o anarquismo poder se estabelecer como regime. A sua resposta foi clara e direta, em apenas uma palavra: Não.

Os argumentos relativos à sua resposta são ainda mais claros: “O anarchismo quer a abolição completa do Estado e o Estado bolchevista é a hypertrophia desta nefasta instituição. O Estado maximalista é absorvente; é dictatorial; escravizador, único, centralizador e onnipotente.”<sup>42</sup>

O autor ainda em 1921, mesmo a muitos quilômetros de distância, já sentia os ventos desfavoráveis ao indivíduo em favor do Estado, a *ditadura sobre o proletariado*, o processo de burocratização da Rússia e depois soviético, isso quer dizer, a falta de liberdade, a opressão e a repressão de um Estado que se julga proletário, mas que na verdade é ditador. Luz compara a Rússia com qualquer outra República, que criam leis para não serem cumpridas, eleições para representantes que na verdade não te representam em nada, com grande burocratização dos serviços públicos.

---

<sup>39</sup> SALLES, Iza. *Um cadáver ao sol: A história do operário brasileiro que desafiou Moscou e o PCB*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. P 11.

<sup>40</sup> GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007. P 108.

<sup>41</sup> Ver Vários Autores. *História do Anarquismo*. São Paulo: Faísca e Imaginário. 2008.

<sup>42</sup> LUZ, Fábio. “Maximalismo e Anarquismo” (Trecho final da conferencia realizada por Fábio na Liga Operária de Construção Civil em Niterói em 04 de dezembro de 1921). IN: *Jornal O Libertário*. São Paulo, 01 de janeiro de 1922. Ano I, n 01.

Contudo, principalmente na década de vinte, as perspectivas comunistas via Marx e Lenin começam a ganhar mais espaço dentro do movimento operário brasileiro ao ponto de Fábio ouvir de uma pessoa que, “no Brazil, seria necessário estabelecer em primeiro lugar esse modo de organização marxista, que domina a Rússia, imposto do alto às massas ignorantes, para depois de educa-las, dar-se-lhes a plenitude de direitos, quando tivessem capacidade para compreender a liberdade.”<sup>43</sup>

Os eventos ocorridos na Rússia eram vistos, portanto, como exemplos teóricos e práticos a serem seguidos pelos brasileiros como via de ação revolucionária.

Para Fábio Luz, essa forma de pensar levaria na verdade a que o povo perdesse sua liberdade em face de *escravidão provisória*, acabando com os direitos individuais, em nome de uma *ditadura do proletariado*.

### ***O anarquismo...***

Fábio Luz segue uma linha de pensamento completamente oposta, como anarquista que acredita na linha organizacionista, denominado por Felipe Correia “anarquismo de massas”<sup>44</sup>, inspirado pelos pesquisadores da África do Sul Lucien Van Der Walt e Michael Schmidt.

Essa linha entende que o sindicato tem um papel fundamental no processo revolucionário, contudo é importante mencionar que para Alexandre Samis, não houve um *anarcossindicalismo* clássico em nosso país, mas sim sindicalismo revolucionário.<sup>45</sup>

O papel dos sindicatos de classes com o fim educativo de preparar essas permutas e a abolição da propriedade, é que nos há de levar a perfeição do verdadeiro reinado da liberdade. Não creio que pelo autoritarismo excessivo do Estado socialista, centralista por excellencia, se venha algum dia chegar a anarquia.<sup>46</sup>

---

<sup>43</sup> Idem.

<sup>44</sup> Ver em CORRÊA, Felipe. *Ideologia e Estratégia: Anarquismo, movimentos sociais e poder popular*. São Paulo: Faísca, 2011.

<sup>45</sup> Para Alexandre Samis: “o sindicalismo revolucionário não [é] sinônimo de anarco-sindicalismo, fenômeno com especificidades históricas ligadas a determinados países; não é menos verdadeira a conclusão de que todos os movimentos na Europa e Américas, no qual estiveram envolvidos anarquistas, partiram de premissas estabelecidas no campo teórico do sindicalismo revolucionário” Retirado do texto “Sindicalismo e Anarquismo no Brasil”. IN: <https://ithanarquista.wordpress.com/2013/01/14/alexandre-samis-sindicalismo-e-anarquismo-no-brasil-1903-1934>.

<sup>46</sup> LUZ, Fábio. “Maximalismo e Anarquismo” (Trecho final da conferencia realizada por Fábio na Liga Operária de Construção Civil em Niterói em 04 de dezembro de 1921). IN: *Jornal O Libertário*. São Paulo, 01 de janeiro de 1922. Ano I, n 01.

Fábio Luz entende que os russos estão institucionalizados no bolchevismo e que exercem um papel de coerção, de ditadura, completamente diferente do que ele entende por liberdade.

O Estado há de sempre precisar da força para manter-se, o que prova ser uma coerção à liberdade, repelida pelo povo. Os exércitos vermelhos se apresentam em parada, com os mesmos *tícs*, as mesmas continências aos chefes, as mesmas luvas brancas de sempre, os mesmos esgares disciplinares, a mesma hierarquia. As horas de trabalho impostas por decreto, a exigência de obrigatoriedade de múltiplos serviços mostram que está longe ainda e muito longe a liberdade que nós anarquistas aspiramos. De uma organização social baseada na violência ditatorial, não chegamos a uma liberdade sem peias, a justiça sem magistrados, a moral sem Deus.<sup>47</sup>

Ou seja, o Estado russo promove as mesmas práticas que os revolucionários criticavam uns anos antes. Tais como, a censura estabelecida pelo Estado. Para médico anarquista; “O que podia e devia ser a base de uma verdadeira systematização revolucionaria libertaria, se transformou por imposição de um partido em uma armadilha governamental para a consolidação de um novo governo.”<sup>48</sup>

Segundo Fábio Luz, o bem estar universal, a justiça, o progresso, no sentido da perfeição tão completa quanto possível, a o amor, todos esses elementos estão dentro da formula sociológica denominada pelo anarquista russo Piotr Kropotkin de *Lei Suprema*.

Para o ácrata baiano:

A formula de Kropotkine abrange os postulados de justiça, de felicidade perfeita, de solidariedade absoluta, pois que se basêa na tendência ao progresso da humanidade; no sentido de uma existência menos feliz, isto é, menos perfeita, para uma existência mais feliz e mais perfeita, onde a solidariedade e o amor sejam justiça, onde a liberdade e a fraternidade sejam verdades.<sup>49</sup>

Para isso, escreve Fábio Luz, se faz necessário que a humanidade deva aprender a amar solidariamente, entender a necessidade da ajuda mútua, ajuda esta feita com o mais profundo sentimento de acudir, do querer bem ao próximo, pelo grande prazer que isso pode proporcionar. “Para lá chegar é necessário considerar a humanidade inteira dentro de nosso dever de amar solidariamente, de sentir fraternalmente com ella as dores e as alegrias.”<sup>50</sup>

---

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> LUZ, Fábio. “Maximalismo e Anarquismo” (Trecho final da conferencia realizada por Fábio na Liga Operária de Construção Civil em Niterói em 04 de dezembro de 1921). IN: Jornal O Libertário. São Paulo, 01 de janeiro de 1922. Ano I, n 01.

<sup>49</sup> LUZ, Fábio. “A lei suprema”. IN: Jornal A Luta. Porto Alegre, 01 de maio de 1918. N 02

<sup>50</sup> Idem.

O anarquismo para o médico baiano vai além da luta entre as classes, da questão política ou econômica, a sociedade do futuro, a sociedade ideal para Luz deve ter como a base principal o amor ao próximo, sentimento este que entra em choque com outro campo de atuação, de pensamento dentro do anarquismo, os individualistas ou insurrecionalistas, que segundo Fábio, estes criaram uma teoria de homens superiores tendo seus ideais baseados no egoísmo de uma raça que se julga superior.

Interessante esse posicionamento em relação aos individualistas que corrobora ainda mais o que foi exposto no primeiro capítulo sobre os embates entre os individualistas e os organizacionistas no Brasil do início do século XX. Mesmo representando uma minoria e não anulando a sua importância para o movimento operário, os seguidores de William Godwin causaram bastantes problemas principalmente para a imagem do anarquismo e consequentemente do anarquista, que é visto como baderna, como bagunça etc. “O individualismo bem compreendido não pode servir de norma de conducta social, nem de lei suprema da evolução humana.”<sup>51</sup>

O homem é um animal social e assim que se desenvolve, em sociedade e não de forma individual e egoísta, não se pode esmagar o direito de uma maioria em favor de uma minoria, o egoísmo não deve prevalecer, mas sim o amor incondicional entre os homens.

O fim da humanidade é a felicidade perfeita, e a felicidade perfeita não nos é garantida pela justiça, como lei suprema, sem o amor que é a solidariedade absoluta, que é a perfeição realizada, que é a igualdade e o supremo bem, que é a energia e a vida, o estímulo, o incitamento, a arte, a lei formal da existência e do progresso da humanidade.<sup>52</sup>

Como viver em uma sociedade libertária sendo médico e professor? Como sobreviver sem saber como plantar ou lavrar a terra? Estes questionamentos são feitos pelo próprio Fábio e essas perguntas são bem comuns dentro do universo de uma sociedade futura de viés libertário que é geralmente feita por desconhecedores das perspectivas anarquistas.

Essas questões nos remetem a outra, que envolve o salário e o trabalho. O trabalhador troca o seu suor diário por uma relativa importância paga pelo Estado, pelo burguês ou adquirido por meio de cobrança realizada pessoalmente de seus clientes. Entretanto, este trabalho não tem uma aplicação útil sem um fim prático.

---

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> Idem.

Fábio Luz, na verdade está dando pistas sobre a sociedade futura de caráter libertário na qual ele acredita, pela qual ele militou durante boa parte de sua vida: uma sociedade onde não haverá trabalho improfícuo, trabalho este que não será tabelado a um valor determinado. O resultado do seu empenho “Será um esforço em bem da comunidade, avaliado pela tua boa vontade e recompensado pela satisfação de tuas necessidades.”<sup>53</sup>

O médico anarquista explica sobre como as pessoas irão satisfazer as suas necessidades. Para ele a remuneração será feita em serviço e aquisições de produtos fabricados pelos outros membros do grupo, entretanto, as suas aptidões e capacidades devem ser aproveitadas pelos outros da mesma maneira.

Como proceder para se obter algo? “Apenas tendo o trabalho de ir ao armazém comunal, onde se arrecadarão todos os produtos e pedir aquilo de que precisar.”<sup>54</sup>

Mas a divisão de profissões não impede de maneira alguma que um sapateiro, por exemplo, exerça uma atividade intelectual e que um médico exerça uma atividade manual. Esta inversão de papéis ajudará tanto a riqueza material quanto o desenvolvimento intelectual da própria comunidade.

Como o título do artigo publicado em 1918 já pressupõe, Fábio Luz estabelece um diálogo com uma pessoa que a princípio não conhece, mas que se mostra aberta a buscar respostas sobre a sociedade do futuro de caráter libertário.

Neste diálogo entre perguntas e respostas, dadas a partir de exemplos práticos de como as coisas poderiam acontecer, Luz expõe os pressupostos libertários em um jornal de maneira bastante didática, para que seja de fácil compreensão a todos.

O fim do dinheiro é bem abordado pelo médico/escritor que explica: “O que se pretende com a abolição da moeda é impedir que a riqueza social seja açambarcada por uns em detrimento de outros.”<sup>55</sup>

Além disso, a abolição do dinheiro suscita outra questão, a do consumo. O mercado age como intermediário elevando muito o custo do produto para o consumidor final. Para Fábio: “O comércio é que retarda e prejudica o consumo e não o sistema de trocas, que se faça em dinheiro ou em espécie.”<sup>56</sup>

---

<sup>53</sup> LUZ, Fábio. “Diálogos”. IN: Jornal Liberdade. Rio de Janeiro, segunda quinzena do mês de junho de 1918. Ano II, n 19.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Idem.

O problema social vai além da questão do trabalho em si, esta questão poderia ser tratada como uma questão de justiça social como aponta o próprio Fábio: “Nunca encaraste o problema na sua face moral e de justiça social e sim apenas como um problema puramente econômico e de emancipação dos trabalhadores, que seria obra deles na frase de Marx.”<sup>57</sup>

No fim do debate imaginário, Fábio ainda recomenda a leitura de livros escritos pelo geógrafo anarquista russo Piotr Kropotkin, tais como: “Palavras de um Revoltado”, “Conquista do Pão”, “Auxílio Mútuo”, e ainda provoca dizendo que depois da leitura feita, o diálogo poderá ser recomeçado.

Em uma perspectiva bastante interessante, desenvolvida em um artigo no jornal *Liberdade* em 1918, Fábio Luz afirma que o problema econômico só estaria resolvido quando a justiça social e a moral não estivessem mais enraizadas no seio da sociedade.

Para tentar resolver a questão econômica é necessário estar bem compenetrado e bem dedicado a causa da justiça social, não só no que se refere a equivalência de direitos e de liberdade, como ao direito de gozar todas as belezas da vida que as garantias de subsistência material permitem.<sup>58</sup>

Esse debate pode ser pensado a partir de um tripé que tem na base a justiça social, depois a moral e por último a questão econômica, os três juntos são fundamentais para a construção de uma sociedade onde todos sejam iguais de fato.

Contudo, entendemos que esse tripé não funcionaria sem uma das partes, pois para que a ruptura da sociedade se efetive as três partes devem estar coesas. Nesse sentido, privilegiar um aspecto e esquecer os demais levaria a sociedade, em grande medida, a cometer os erros do passado, pondo em risco as possibilidades de mudanças.

Embora não saibamos quando, sabemos como o anarquismo chegou à vida de Fábio Luz e ele mesmo nos dá essa resposta, por meio do livro de Piotr Kropotkin *Palavras de um Revoltado* que chegou a suas mãos por acaso, mas mudou a sua vida.

Os textos ajudaram Luz a refletir sobre o seu papel social, a desenvolver suas reflexões sobre a sociedade, a formular suas convicções políticas. “Ao sábio, e não ao literato, se dirigiram sempre minhas homenagens de discípulo. Nos livros dells completei minha

---

<sup>57</sup> Idem.

<sup>58</sup> Idem.

formação moral, apurei minhas tendências sociais, intensifiquei minhas aptidões de revoltado.”<sup>59</sup>

Fábio Luz teve como orientadores no campo libertário, Élisée Reclus, Jean Grave, Liev Tolstói, entretanto, o mais marcante em sua formação foi de fato Piotr Kropotkin.

A vida romântica de Kropotkine, seus estudos da natureza, seus livros de economia política libertária, seus livros de ciência sempre me atraíram e se não fora presunção de pobre herdeira desconhecida, eu diria que fui seu discípulo e com ele aprendi a coordenar e dirigir, bem divulgadas, minhas tendências anarquistas, minhas revoltas de libertário.<sup>60</sup>

Conta-nos Edgar Rodrigues, um grande memorialista do movimento ácrata brasileiro, que Fábio Luz poderia ser descrito como um grande homem do seu tempo, que exerceu diversas atividades como médico, professor, escritor, jornalista e acima de tudo anarquista, ou seja, todas as atividades exercidas tinham um fim em si, a militância.

No dizer de Edgar Rodrigues, como militante anarquista, Fábio Luz colaborou com a:

Imprensa libertária, fazendo conferências e ministrando cursos nos sindicatos, Fábio Luz não poupava esforços. Estava sempre pronto, inclusive, a ensinar português e francês em sua casa, à noite, aos operários que queriam melhorar seus conhecimentos e saber ler jornais ácratas chegados da Itália, da França e da Espanha. Não sabia dizer não, nem cobrar qualquer tipo de pagamento. Viveu e morreu pobre entre os pobres que labutavam honradamente, dia a dia.<sup>61</sup>

No exercício de seu ofício de formação, se notabilizou como médico higienista, e prestava diversos serviços de forma gratuita à população pobre do seu bairro e de bairro vizinhos, além de ter escrito e ensinado sobre o tema.

Como médico, Fábio Luz teve sempre nos trabalhadores, nos humildes, os seus maiores clientes. Para os pobres do Engenho Novo, do Méier e bairros vizinhos onde existe hoje uma rua com seu nome o Dr. Fábio Luz era o médico e o amigo que examinava e ainda dava dinheiro para comprar os remédios.<sup>62</sup>

Fábio Lopes dos Santos Luz faleceu no dia 09 de maio de 1938, nos deixando um grande legado não apenas na literatura, nos jornais pelos quais escreveu, nos folhetos, mas principalmente pela sua entrega a uma causa, a sua luta diária pela anarquia. Fábio Luz viveu

---

<sup>59</sup> LUZ, Fábio. *Dioramas: Aspectos Literários (1908-1932)*. Volume I. Rio de Janeiro: Editora Ravaro, 1934. P 116.

<sup>60</sup> Idem, p 132.

<sup>61</sup> RODRIGUES, Edgar. *Os Libertários: Ideias e experiências anárquicas*. Petrópolis: Vozes, 1988. Pp 221-222.

<sup>62</sup> Idem. P 223.



o anarquismo não apenas nos livros, mas principalmente no seu cotidiano, em sua vida. Como escreveu Edgar Rodrigues: “Viveu e morreu pobre entre os pobres que labutavam honradamente, dia a dia.”<sup>63</sup>

No dia 18 de novembro de 2001, foi fundada no bairro de Vila Isabel na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, a Biblioteca Social Fáblio Luz (BSFL), uma grande homenagem a alguém que não figura como uma das importantes pessoas que aqui viveu, escreveu e lutou, sendo esquecido por muitos, mas para quem nestas poucas páginas, estamos buscando dar o devido respeito.

A Biblioteca conta com um rico acervo de livros, revistas, periódicos, entre outros, sobre o anarquismo e sua luta no Brasil e no mundo e funciona no Centro de Cultura Social do Rio de Janeiro (CCS-RJ), localizado na Rua Torres Homem, número 790 no prédio que antes abrigou a antiga Associação Baiana de Beneficência, da qual Fáblio Luz foi sócio.<sup>64</sup>

## I. 2 – Saúde

Fáblio Luz além de ser um anarquista de primeira ordem, também era um escritor e um médico. De uma maneira fantástica, ele conseguiu unir todos estes talentos, ao escrever o folheto intitulado *A luta contra a tuberculose do ponto de vista social*, que foi publicado no ano de 1913.

Para o autor, a tuberculose teria a pobreza como principal fonte causadora da doença, ou seja, as péssimas condições de vida dos brasileiros em geral, em grande parte os que habitavam nos centros urbanos. Fáblio Luz escreve o folheto pensado principalmente na cidade do Rio de Janeiro, a então Capital Federal, a “cidade, com desenho e proporções colônias, não era mais compatível com a função de grande metrópole que a atividade febril do porto lhe impingira.”<sup>65</sup>

Nicolau Sevcenko escreve que no ano de 1904, a cidade do Rio de Janeiro registrou um surto epidêmico, sendo oficialmente contabilizado, mais de 1.800 casos de internações no Hospital de Isolamento São Sebastião e um total de 4.201 óbitos devidos a varíola.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> RODRIGUES, Edgar. *Os Libertários: José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fáblio Luz*. Rio de Janeiro: VJR, 1993. P 146.

<sup>64</sup> Ver <https://bibliotecasocialfabioluz.wordpress.com/>

<sup>65</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: Mentis insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: CosacNaify, 2010. P 62.

<sup>66</sup> Idem, p 18.

Entretanto, a tuberculose também era uma doença bastante comum e temida pelos habitantes da cidade do Rio de Janeiro. A proliferação dessa doença não seria por conta da doença em si, mas a pobreza e o cotidiano que cercava a população que era o principal causador da tuberculose.

É o que Fábio Luz tenta demonstrar em seu folheto, que o alcoolismo, o trabalho confinado dentro das oficinas e fábricas, as miseráveis moradias das pessoas, sem luz e cheias de poeira. A falta de vestimentas apropriadas para suportar as variações climáticas deixando a população ainda vulnerável, assim como a falta de alimentos, que deixa às pessoas ainda mais fracas e mais suscetíveis às doenças. “A miséria, enfim, e a fome são os principais fatores, dependentes uns dos outros, da pior das endemias reinantes, a tuberculose”.<sup>67</sup>

Para Fábio Luz, a tuberculose não é uma obra da natureza e do clima, é essencialmente uma obra social, que acompanha e assombra cada vez mais a civilização, sendo algo que ultrapassa as fronteiras do Brasil, atingindo também todo o mundo.

A tuberculose é a síntese de todos os males sociais; nas condições atuais da sociedade, pensar em dominá-la ou sequer restringir seu campo de ação, é uma utopia, pois que, estando irmanada e sendo a resultante da própria organização dela, só será debelada com a reforma total de suas bases e fundamentos, sobre outros moldes mais igualitários e mais humanos.<sup>68</sup>

Por ser uma doença social, a receita do Dr. Fábio Luz contém diversas indicações, como grandes doses de instrução e principalmente revolta, o remédio anti-miséria, deveria ser chamado de Revolução Social. Completando a receita, a melhoria constante do meio se fazia necessária, assim como “das condições econômicas do tuberculoso, da qualidade de alimentos e da sua quantidade, do aumento de suas horas de repouso.”<sup>69</sup>

Fábio Luz faz uma denúncia grave, no sentido de que onde existe flerte com perigosas ditaduras, onde o rigor fiscal é priorizado sobre a higiene, os médicos de família são forçados, em casos de óbitos, a atestar como causa da morte, doenças não contagiosas, como pneumonia. Contudo para Luz, são casos claros de tuberculose, escondendo um mal fundamentalmente social.

Para comportar o crescimento industrial, alimentar as cidades de mão de obra, as vítimas de tuberculose se espalhavam e tombavam sem que ninguém pudesse ouvir os sussurros de clemência e de ajuda.

---

<sup>67</sup> LUZ, Fábio. “A luta contra a tuberculose do ponto de vista social”. Rio de Janeiro, 1913.

<sup>68</sup> Idem.

<sup>69</sup> Idem.

No fim, o autor nos dá uma importante receita para pudéssemos combater esse grande mal que assolava a população pobre:

Sem que desapareça o regime industrial-capitalista, explorador, absorvente, desumano e cruel; sem que cada um consiga ter conforme as suas necessidades; sem que o capital passe a ter destino social; sem a revolução social, enfim, que trará a igualdade econômica, o desaparecimento das fronteiras, o reinado da solidariedade perfeita e do auxílio mutuo e fraternal, com a república mundial, não se poderá dar combate eficaz ao terrível inimigo da humanidade, a tuberculose.<sup>70</sup>

### I. 3 – O anticlerical

Fábio Luz se mostra preocupado com a Igreja Católica nos meios proletários, para ele a Igreja, ao pretender penetrar na questão social buscava o domínio temporal e não o domínio da consciência do indivíduo. A Igreja, para lograr êxito, dispõe de todos os recursos à mão, podendo adaptar-se, se apropriando de ideias que estejam em alta no momento, fazendo-se revolucionária ou pelo menos reformista.

Como era de se esperar, Fábio Luz faz uma crítica contundente à forma como a Igreja Católica se tornou uma das maiores instituições do mundo, traçando um panorama histórico que vai de Constantino a Lutero. Ele resgata todas as artimanhas, todas as atrocidades cometidas, as explorações, as riquezas obtidas ao longo do tempo por meio da herança e principalmente da exploração dos fiéis. Tudo isso em nome de um Deus, que em grande medida é visto como um tirano, aquele que te punirá por qualquer deslize, sendo a Igreja a responsável por fiscalizar todos os seus seguidores.

A Igreja Romana ocultou sob as dobras de sua admirável organização capacidades poderosas de proselitismo; mas sim por instinto de conservação procurou por todos os meios evitar a decomposição iminente de que é prova o programa dos modernistas, procurando por de acordo com a ciência positiva as lendas bíblicas.<sup>71</sup>

A crítica à Igreja vai além da sua estrutura de dominação simbólica em relação aos homens e mulheres, tem a ver com o papel explorador da instituição, que não deixa a desejar em nada ao Estado e à burguesia como opressora: “Não se limitou a Igreja a depender e

---

<sup>70</sup> Idem.

<sup>71</sup> LUZ, Fábio. *O Clero e a Questão Social*. IN: A Internacional Negra – Liga Anticlerical do Rio de Janeiro. Oficina da Revista Comercial. 1919.

programar sua fé; tendeu mais do que nunca a reivindicar o domínio temporal não só da Itália, mas no mundo inteiro, servindo-se do elemento mais poderoso da terra, o operariado.”<sup>72</sup>

A Igreja procura impor o seu poder, a sua autoridade a todos, escravizar todo o povo, busca eliminar as fronteiras para concretizar o domínio sob todo o mundo, uma monarquia universal onde o único rei seria o Papa.

Na Suíça os sindicatos cristãos reúnem os protestantes e os católicos, visão melhorar a sorte dos operários por meio de reformas em leis, códigos e constituições, como o conselheiro Ruy Barbosa o pretende fazer com a reforma da Constituição republicana do Brasil. Repudiam qualquer ideia de revolução.<sup>73</sup>

A Igreja Católica é vista pelo autor como um inimigo muito poderoso e que se esconde dentro do universo da fé, dentro do imaginário da população.

Preocuparam-se tanto em combater os anarquistas, mas se esqueceram da Igreja, segundo Luz, que da sua maneira continua a dominar o povo com o objetivo de submeter todo o mundo à figura do Papa. “A República declarando-se leiga, não se fez ateia, continuou atenta e submissa a Santa Sé, não percebendo que maior inimigo do que a Internacional Rubra é a Internacional Negra”.<sup>74</sup>

A dor era vista como um símbolo e o homem deveria carregá-la por toda a sua história, a dor se personificaria na cruz onde cada ser humano possuiria uma e a levaria consigo sua própria cruz, na verdade, seria um instrumento de tortura.

Nesse sentido, a cruz “representa a perpetuidade desse sofrer por ter sido transformada em trono de um Deus. Representa a irremediável desesperança da felicidade na terra e um gesto de triste desanimo que é preciso destruir”.<sup>75</sup>

Na verdade, o artigo expressa uma dura crítica de Fábio à Igreja de um modo geral, mais especificamente ao seu grande símbolo, a cruz. Ele entende que a cruz serve como instrumento de alienação, pois cabe à fé a resposta pelos problemas terrenos. Porém, a fé não explica a desigualdade social, uma vida inteira de sofrimentos de toda uma humanidade.

“Revolto-me contra essa passividade humilhante, revolto-me contra a dor que me dilacera a alma, porque a não mereci.”<sup>76</sup> A redenção e a felicidade não estão na fé da Igreja, em uma vida futura, mas sim no agora.

---

<sup>72</sup> Idem.

<sup>73</sup> Idem.

<sup>74</sup> Idem.

<sup>75</sup> LUZ, Fábio. “Redempção”. IN: Jornal A Alvorada. Petrópolis, 01 de julho de 1921. Ano I, nº 7

<sup>76</sup> Idem.

## I. 4 – Observações sobre o cotidiano

### *Feminismo, mulheres e relacionamentos...*

O nosso autor não se limita a escrever sobre o anarquismo, sobre a educação. Na verdade, ele escreve sobre temas variados. Exemplo disto é o artigo intitulado *Feminismo*<sup>77</sup>, onde trabalha algumas ideias críticas ao movimento das sufragistas.

Neste artigo, Fábio Luz expõe um pouco do universo feminino, tendo como análise as mulheres da capital federal, onde divide em três, escolhidas pela hierarquia social: mulheres de família, mulheres funcionárias e operárias.

As mulheres de família são aquelas que nasceram e foram educadas para cuidar de seus lares, isso inclui o marido e os filhos. Elas aprendem francês, música (piano), mas estão presas em um *lar*.

Já o segundo grupo, são as mulheres funcionárias, aquelas que possuem algum tipo de especialização, como datilógrafas, ou são comerciantes, funcionárias de algum escritório. De alguma maneira, essas mulheres possuem algum grau de liberdade que as mulheres de família não têm.

Contudo, segundo o autor, estas mulheres estão presas a um mesmo princípio, o casamento. Pois o objetivo das mulheres funcionárias é conseguir acumular, com o seu trabalho, um bom dote para atrair um bom marido, ou seja, o casamento, não ligado ao sentimento, mas à promoção social. Um bom marido significa que este homem deve pertencer a uma hierarquia social bem mais elevada.

Por outro lado, as mulheres operárias também acabam casando, mas o ritmo de vida e as intenções são bem diferentes, pois elas geralmente não conseguem completar os estudos primários ou por terem que desde muito cedo trabalhar nas oficinas ou por cuidarem dos afazeres domésticos enquanto a mãe está na fábrica.

O que Fábio Luz quer demonstrar que, independente do grupo social do qual a mulher venha a pertencer, ela não pode ser considerada livre, pois está presa a obrigação do matrimônio pela força da tradição, sendo que algumas destas mulheres mudam a sua forma de pensar apenas após as decepções causadas pelas experiências de um matrimônio bastante conturbado ou pela falta de afeição entre o casal.

---

<sup>77</sup> LUZ, Fábio. “Feminismo”. IN: Jornal O Debate. Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1917. Ano I, n 04.

Na verdade, Fábio Luz revela um olhar sobre a mulher bastante avançado para a sua geração, ao perceber que a mulher é um ser igual a ele, que tem sentimentos e desejos, mas que são anulados por uma sociedade tradicionalista patriarcal, entendendo que tanto a mulher quanto o homem devem gozar da mesma autonomia e liberdade.

Mas o autor não se restringiu em apenas demonstrar esses três grupos de mulheres, ele expressa a sua opinião enquanto esse processo de libertação da mulher, que para ele não está no movimento feminista, chamada de às sufragistas, pois para ele esse movimento está atrelado à outra questão para além do gênero: a questão política. As sufragistas defendem a ideia de poder votar e ser votada, ou seja, participar das eleições, mas para Fábio Luz, elas tendem a cair nas armadilhas, no precipício entre o povo e o Estado que, para um anarquista confesso, é tão explorador e opressor do povo quanto à burguesia. Para o autor, não é votando e sendo votada que a mulher se libertará, pelo contrário, esta ainda ficará escrava do jogo político, do Estado.

Para Fábio Luz, a libertação da mulher não está nas sufragistas, mas sim na própria mulher, o poder da libertação está instrução, na educação, está nas atitudes desta mulher, na sua casa, no seu trabalho.

Fábio Luz traz para o debate um assunto bastante interessante sobre um aspecto do cotidiano, o casamento, que para ele é um mercado em crise, com tendência a desaparecer.

O médico baiano escreve sobre os casamentos dos que tem posses e dinheiro, pois ao acumularem capital, destinam certa importância para o dote da filha, deixando margem para aqueles *caçadores de heranças*, buscando casamentos por conveniência como uma forma mais fácil de enriquecer.

O autor reivindica a ideia libertária do amor livre, a liberdade de testar, como forma de fugir desses casamentos, que na verdade são investimentos financeiros. Essas pessoas são incapazes de compreender a alegria, a felicidade que um amor correspondido pode trazer aos dois. O juramento perante o padre, ao pretor, a coerção legal não permite tal felicidade.

Para o autor, os casamentos que ocorrem desta forma na verdade são representações de “cadeias que amarram dous seres dentro do mesmo lar, odiando-se, maltratando-se, seviciando-se nos corpos e nas almas, são os vis interesses de fortuna, de herança, de gozo commum de riquezas a adquirir ou transmitir.”<sup>78</sup>

---

<sup>78</sup> LUZ, Fábio. “Liberdade de testar”. IN: *Jornal Na Barricada*. Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1915. Ano I, n 11.

Contudo, essa prática para Fábio Luz não é apenas nociva para o casal, mas também para a sociedade como um todo, pois estes casamentos não permitem a circulação dos bens acumulados, representando o sacrifício de muitas gerações de explorados. Entretanto, a herança não permite o fim desses relacionamentos, mas acaba transformando a vida de ambos em caos. Para o escritor anarquista, “só o amor recíproco é capaz de manter ligados em boa paz dous esposos, produzindo a felicidade do lar”.<sup>79</sup>

### *A felicidade e o individualismo...*

Fábio Luz, em artigo publicado no periódico, *A Luta* da cidade de Porto Alegre, propõe que a lei suprema permeia a humanidade e tem a ver com a busca da existência de uma maior felicidade para o ser humano. Contudo, a felicidade não pode ser confundida com justiça. Nesse sentido, a lei moral baseia-se em costumes, tradições e dependente da moral, que para o autor, podendo variar, ser inconstante.

Entretanto, para formular a sua linha de raciocínio, Fábio Luz utiliza como referência o anarquista russo Kropotkin, dizendo que para que haja a transição de uma sociedade menos feliz para uma mais feliz, a solidariedade e o amor devem ser a justiça.

Para atingir esse estado de felicidade perfeita, a humanidade terá de aprender a amar solidariamente, exercitar e aperfeiçoar os dotes e tendência naturais de auxílio mútuo que devemos uns aos outros, pelo grande prazer que isso nos causa, pela grande soma de simpatia que isso nos acarreta, pela serenidade que nos traz a consciência de um dever cumprido, pela recíproca afeição que desperta, pela enormidade de ensinamento moral que propaga.<sup>80</sup>

Na verdade o texto se apresenta como uma crítica aos anarquistas chamados de individualistas, pois o autor, que segue a linha de Errico Malatesta, Piotr Kropotkin, a linha organizacionista entende que os individualistas são dotados de um sentimento que completamente oposto ao anarquismo. O egoísmo dos individualistas, segundo o autor, trata o indivíduo que segue essa perspectiva como um “super-homen, dizendo-se libertários, porque generalizados os seus ideais de puro egoísmo, criada uma raça especial de homens raros”<sup>81</sup>.

---

<sup>79</sup> Idem.

<sup>80</sup> LUZ, Fábio. “A lei suprema”. *Jornal A luta*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 01 de maio de 1912, n 02.

<sup>81</sup> Idem.

Fábio Luz explora a ideia do egoísmo para caracterizar e diferenciar os individualistas dos demais anarquistas, comparando-os às perspectivas imperialistas, classificando-os como indivíduos fortes que inutilizarão os fracos.

Além disso, segundo o autor, o indivíduo está intrinsecamente ligado à ideia do social, da comunidade e é por meio dela que este se desenvolve e nesse sentido, o individualismo seria uma proposta retrograda, pois desvincula o indivíduo do social por meio do egoísmo.

A reforma social a qual reivindicam os anarquistas vai mais além do que a questão de horas de trabalho, por exemplo, não que esta questão não seja importante, contudo é paliativa, é provisória, pois a exploração da burguesia, do governo, da Igreja continuará, se faz necessária uma ruptura completa, o que nas palavras de Mikhail Bakunin destruir para reconstruir, não adiantando acabar com o aristocrata, deve-se acabar com a aristocracia.

Não adianta apenas lutar por uma jornada de trabalho se o trabalhador continuará sem ter acesso à educação, a instrução, sem poder se alimentar, vestir, morar de forma adequada. O trabalhador continuará a ser explorado enquanto as bases da sociedade não se orientarem pela ajuda mútua, pelo amor incondicional ao próximo, a felicidade, onde não existam mais oprimidos e opressores.

### ***Encontros e desencontros...***

Fábio Luz demonstra-se nas fontes, uma pessoa muito ativa, muito mais do que um médico, um escritor, um educador, um crítico de arte, pois o que une todas essas frentes é apenas uma ideologia, o anarquismo. Independente do campo de atuação, o anarquista Fábio Luz está presente na maioria das ações.

Em sua vida agitada, experiências não faltam. A militância mais fechou do que abriu portas para o médico escritor, que poderia facilmente ter sido contagiado pelo vírus do aburguesamento da Cidade do Rio de Janeiro. Pois na Capital Federal, que no início do século XX estava passando por um processo de profundas transformações, e um médico escritor em uma sociedade onde a maioria da população sequer sabia ler, que dirá concluir um curso universitário, poderia facilmente dizer não a todas essas dificuldades para ter uma vida mais tranquila.

Nesse processo de aburguesamento da cidade e da sociedade, uma palavra chama bastante à atenção e Nicolau Sevcenko traduz com bastante clareza o seu significado. “A expressão *Regeneração* é por si só esclarecedora do espírito que presidiu esse momento de



destruição da velha cidade, para complementar a dissolução da velha sociedade imperial, e da montagem da nova estrutura urbana”.<sup>82</sup>

Esse processo chegou a níveis tão cruéis para o povo que uma proposta da época chega ser hilária: uma proposta de lei que tornava obrigatório uso do paletó e de sapatos, demonstrando claramente o tal processo de aburguesamento.

Pensar o médico anarquista pode levar a uma pergunta bastante interessante. Por ter uma formação acadêmica e de ter vindo de uma família de funcionários públicos, Fábio Luz teve acesso a oportunidades que a maioria dos brasileiros não puderam ter, mas ainda sim, optou por lutar justamente por esses que nada têm.

Isso nos dá argumentos para pensar o anarquismo não apenas como uma ideologia que chegou com os imigrantes e atraiu as pessoas pobres, iludidas por conversas fácies, hábeis retóricos propagandistas de uma utopia.

Fábio Luz não é o único exemplo que contradiz a regra. Seu companheiro de militância e de pena, José Oiticica formou-se em direito. Nascido em Minas Gérias, filho do deputado e depois senador da República Francisco de Paula Leite e Oiticica, no campo das escolhas poderia ter optado por seguir os passos dos calçados e vestidos de paletó, mas seguiu justamente o oposto, lutou por aqueles que mais precisavam.

José Oiticica e Fábio Luz estavam muito próximos na militância anarquista, ambos participaram do grupo de propaganda “Os Emancipados”. Esses agrupamentos nas palavras de Alexandre Samis:

representavam a face mais reflexiva do movimento libertário. Não que fora destes espaços nada se tenha feito nesse sentido, mas os centros de cultura privilegiavam o aspecto da ilustração operária. Eram os confrades das agremiações desta natureza que, em momentos graves, produziam textos na tentativa de sintetizar as opiniões das assembleias e reuniões de classe.<sup>83</sup>

Certa vez, Luz e Oiticica foram vistos no centro Cosmopolita protestando contra as violências que eram cometidas pelos bolcheviques na Rússia.<sup>84</sup>

Fábio Luz participava com certa frequência de festas promovidas pelas organizações de classe, às vezes os dois militantes, ele e Oiticica eram convidados do mesmo evento, como

---

<sup>82</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. P 43.

<sup>83</sup> SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: Anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002. Pp 49-50.

<sup>84</sup> RODRIGUES, Edgar. *Alvorada Operária: Os Congressos operários no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Mundo Livre, 1979. P 219.

no que foi organizado pela Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro para angariar fundos para lançar um jornal operário, ocorrido no dia 10 de maio de 1924. Esse evento contou com a presença de José Oiticica e Marques da Costa como conferencistas assim como a conferência e a leitura de alguns versos por Fábio Luz.<sup>85</sup>

No dia 12 de julho de 1924, às 20 horas, Fábio e Oiticica participam juntos novamente de um evento em favor de jornais, agora *A Plebe e Renovação*. O evento ocorreu no Salão da Federação Operária localizado na Praça da República, número 42, onde Fábio Luz falou sobre o anarquismo na arte, na ciência e na literatura e José Oiticica falou sobre a religião como entrave ao progresso.<sup>86</sup>

Apesar de serem originários da classe média, ambos optaram por serem militantes anarquistas, além de escritores e professores. Luz e Oiticica foram homenageados em vida com um poema, *Cancioneiro Libertário*, publicado no periódico “Liberdade” da primeira quinzena de setembro do ano de 1918. Contudo, não encontramos referências sobre o autor.

Os versos abordam a guerra, a omissão dos jornais burgueses em não publicar notícias de luta, mas apenas de questões financeiras, além de reivindicar a anarquia por meio dos propagandistas, Fábio e Oiticica. “Os homens emancipados propagaram a felicidade! Mas os povos atrasados retardaram a felicidade”.<sup>87</sup>

Eles buscam mostrar às pessoas que lutam pela liberdade, por um futuro melhor, e mesmo com todas as adversidades, continuam no caminho, proporcionando um sentimento de esperança em quem os lê. “Elementos do infinito apressai o Grande Dia. Quero gravar em granito os princípios da Anarquia.”<sup>88</sup>

Nas festas operárias, de forma bastante costumeira, diversas peças de teatro eram encenadas para entreter e instruir os espectadores, entre essas peças destacamos: *A Greve de Inquilinos e Pecado da Simonia* de autoria do anarquista português Neno Vasco, que com bastante frequência aparecia na programação das festas, assim como a peça *A Vovozinha* escrita por Fábio Luz.<sup>89</sup> Demonstrando uma aproximação entre o anarquista baiano e o anarquista português.

---

<sup>85</sup> RODRIGUES, Edgar. *O anarquismo: na escola, no teatro, na poesia*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992. Pp 128-129.

<sup>86</sup> Idem, p 199.

<sup>87</sup> Autor desconhecido. “Cancioneiro Libertário: Sonhos e visões”. IN: *Jornal Liberdade*. Rio de Janeiro, primeira quinzena do mês de setembro de 1918. Ano II, n 23.

<sup>88</sup> Idem.

<sup>89</sup> RODRIGUES, Edgar. Op. Cit. Pp 186/195.

Essa aproximação também se deu por meio de cartas como a de 16 de janeiro de 1911, escrita por Neno Vasco endereçada a Fábio Luz. Neno Vasco está prestes a voltar para Portugal por conta de problemas familiares, entretanto, acredita que a vida em Lisboa será bem difícil no sentido de como ele extrairá provimentos para sua sobrevivência.

Neno Vasco escreve para Fábio Luz a partir de uma recomendação de Manoel Moscoso e Edgard Leurenroth com o objetivo de pedir a ajuda de Fábio Luz para que este possa indicá-lo a algum jornal no Rio de Janeiro para que Neno Vasco possa publicar algumas crônicas sobre a vida lisboeta e assim também conseguir algum dinheiro.<sup>90</sup>

Essa carta também nos revela outra coisa, na verdade, só confirma o que um fator que estamos destacando ao longo de nossa exposição, a dificuldade que um homem das letras tem para sobreviver das letras, tendo que recorrer a outras atividades remuneradas para poder tirar o seu sustento, e a atividade jornalística era a principal forma encontrada pelos escritores de ganhar algum dinheiro.

Ambos optaram por militar nas frentes libertárias deixando de lado a tranquilidade que a vida burguesa poderia lhes oferecer, optando por lutar por aqueles que diferentemente deles, não tiveram acesso ao estudo, sequer tem acesso a uma alimentação decente.

O anarquismo para Fábio Luz era, nas palavras de um dos principais pesquisadores e memorialistas sobre o anarquismo, tendo deixado uma vastíssima obras importantes sobre o tema<sup>91</sup>, Edgar Rodrigues, o seu modo de ser, de viver, era a sua atitude para com a humanidade.<sup>92</sup>

Mas não apenas isso, Fábio Luz conquista algo bastante importante para os anarquistas em geral, ele consegue romper barreiras no sentido de levar o ideal libertário, o anarquismo para o outro lado, ou seja, para além dos muros do próprio movimento operário, conseguindo chegar a espaços ocupados apenas pela burguesia.

---

<sup>90</sup> Carta de Neno Vasco para Fábio Luz, escrita em 16 de Janeiro de 1911. Fonte: Arquivo Nacional.

<sup>91</sup> Ver ADDOR, Carlos Augusto. *Um homem vale um homem: Memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012.

<sup>92</sup> RODRIGUES, Edgar. Op. Cit. P 224.

### *Academia Carioca de Letras...*

Como crítico literário, Fábio escreveu suas observações para o jornal “Correio do Brasil” ao menos entre em 1928 e 1935.<sup>93</sup>

Isso acontece em grande medida por conta da sua militância apaixonada, pela percepção do anarquismo no seu cotidiano, e por meio uma de suas melhores qualidades, a escrita. Sua literatura rompeu com os limites do movimento anarquista para alcançar as altas rodas da literatura da cidade do Rio de Janeiro, feito este reconhecido quando Fábio recebeu o convite para ocupar uma cadeira na Academia Carioca de Letras, a de Número 12.

Em seu discurso de posse da cadeira de número 12 em 09 de outubro de 1934, publicado posteriormente, na revista “Cadernos” editada pela Biblioteca da Academia Carioca de Letras em 1951-1952, Fábio Luz começa falando um pouco sobre si, dizendo que seu texto deve ser visto como uma confissão pública e sincera de seus pecados literários.

Navegante incerto do mar tormentoso, que é a sociedade atual; tendo vivido aos boléos das ondas tempestuosas da rebeldia, contra todos os preconceitos, contra todos os tiranos e todas as tiranias, contra a propriedade e a autoridade, contra todas as formas de dominação, contra o Estado burguês, autocrata, ou democrata.<sup>94</sup>

Fábio Luz entendia que a arte deve ser revolucionária, uma representação do cotidiano, deve registrar a *alma do povo*.

A arte é função social e como tal acompanha os movimentos da sociedade, registra-os e quase os orienta e prepara, precedendo-os e estimulando as grandes revoluções, sendo e devendo ser, sempre, espelho dos acontecimentos e registro das emoções da alma do povo, como os sismógrafos o São dos movimentos geológicos. Uma arte outra substituirá, em seus processos e intuitos, toda esta arte convencional da atualidade, quando a revolução social e mundial estabelecer, os princípios irrecoráveis da igualdade econômica e da verdadeira liberdade.<sup>95</sup>

O médico escritor baiano complementou a sua linha de raciocínio dizendo: "Mas essa arte nova e livre jamais será resultante de regras estreitas, de decretos de governos ou de

---

<sup>93</sup> Encontramos no Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa apenas a edição do Jornal Correio do Brasil de 13 de fevereiro de 1928, a publicação do mesmo jornal em 04 de março de 1928 e do dia 21 de janeiro de 1935.

<sup>94</sup> LUZ, Fábio. “Oração de Posse” (09 de outubro de 1934). IN: Cadernos. Rio de Janeiro: Biblioteca da Academia Carioca de Letras. Nº 20 (1951-1952). Pp 113-114.

<sup>95</sup> Idem, p 118.

escolas fechadas ou panelinha de artistas, que pretendam construir os pedestais das próprias estátuas".<sup>96</sup>

Fábio Luz, sempre percebeu a arte como função social, e que era preciso combater a arte pela arte, teve como guia o amor pela humanidade e a terra-mãe. Teve como inimigo a propriedade e a autoridade, resumidas na figura do Estado são os maiores inimigos da sociedade, da felicidade do homem.

Parece que Fábio Luz está meio desconfortável em assumir uma cadeira na Academia, pois periodicamente, em seus textos, afirma que não seria a pessoa mais indicada. No discurso, Fábio, diz que raros são aqueles presentes na cerimônia que leram algum texto produzido por ele.

Dá uma ideia de que a Academia, e os seus literatos, pertencem à burguesia, e ele, autor anarquista, não seria bem aceito pela comunidade literária. Talvez o estranhamento pelo convite para participar da Academia.

Não me censureis de estar aqui a falar-vos de mim, de minha velhice inútil, de minha vida sem relevo. Trazido para este cenáculo, para ser julgado neste plenário, procuro de algum modo atenuar o desacerto da Academia Carioca de Letras, justificando a escolha que fez, pois estou certo de que raros dos presentes terão lido algum trabalho meu, talvez por ter eu vivido sempre no retraimento e na obscuridade, que convém aos medíocres.<sup>97</sup>

Luz justifica a falta de leitura de seus textos por conta do *retraimento e na obscuridade, que convém aos medíocres*. Talvez esse retraimento e obscuridade sejam atribuídos de fato à crítica literária em relação às suas obras, que sempre carregam consigo um cunho político muito forte, de crítica social, perspectiva revolucionária, pressupostos não condizentes com a sociedade burguesa.

Ao mesmo tempo em que aceita a honra de participar da importante instituição literária carioca, Fábio Luz por conta de toda a sua trajetória política como militante anarquista se vê meio acorrentado ao participar da Academia, no sentido de ser alguém contrário aos códigos, leis. Indica que será um péssimo companheiro, talvez uma má influência aos demais justamente por conta do seu estilo de lidar com as coisas, por ser um anarquista convicto. Ou seja, mesmo ao ocupar a cadeira de número 12 cujo o patrono é

---

<sup>96</sup> Idem, p 118.

<sup>97</sup> Idem, p 120.

Laurindo Rabelo, Fábio diz que “não se obumbrará [da sua] personalidade literária libérrima de anarquista”.<sup>98</sup>

Contudo, a visão do Presidente da Academia, Othon Costa expressa certa simpatia e admiração pelo médico/escritor anarquista ao indicá-lo para fazer parte da instituição que preside, e explica a escolha da cadeira de Laurindo Rabelo: “Pois ambos se revoltaram contra todas as injustiças e desigualdades sociais. A minha admiração, pessoal e literária, por Fábio Luz, que, a meu ver, é uma das individualidades mais interessantes de nossa literatura”.<sup>99</sup>

Ao saudar Luz, o General Liberato Bittencourt comenta sobre a pobreza que os escritores tendem a viver por toda a vida, por quererem viver das letras. “É esquisitão vulgar... fala pouco e observa muito. Vive parcamente de minguados vencimentos de inspetor escolar aposentado. As letras, essas só lhe fornecem prazer; dinheiro, não. Pobre, como Job, quem no Brasil quiser viver da pena”.<sup>100</sup>

Ao mesmo tempo o que Bittencourt chama à responsabilidade dos demais acadêmicos para a situação de pobreza que alguns escritores se encontram, ele entende que é importante o debate, a reflexão sobre o tema.

### ***Patriotismo...***

Para Fábio Luz, um grande problema ou consequência da educação social brasileira é o que ele chamou de *covardia moral*, referindo-se aqueles que de forma anônima provocam boatos, cochichos, ou seja, aqueles que inflamam os debates, mas que não assumem, não se responsabilizam intelectualmente pelos atos provocados. “Poucos são os que afrontam a opinião pública dizendo, sem reboços e sem reservas o seu sentir. E esses raros são acoimados de destemperados, de loucos, quando não douram a pupila purgativa e resolutiva com os circumloquios anódinos e amáveis de fofa eloquência.”<sup>101</sup>

O escritor anarquista mostra-se totalmente contrário ao anonimato na imprensa, e defende que não seria a escola atrelada ao Estado, nem a disciplina militar que poderia mudar

---

<sup>98</sup> Idem, p 120.

<sup>99</sup> COSTA, Othon. “A saudação da Academia”. IN: Cadernos. Rio de Janeiro: Biblioteca da Academia Carioca de Letras. Nº 20 (1951-1952). Pp 129.

<sup>100</sup> LUZ, Fábio. “Oração de Posse” (09de outubro de 1934). IN: Cadernos. Rio de Janeiro: Biblioteca da Academia Carioca de Letras. Nº 20 (1951-1952). Pp 125.

<sup>101</sup> LUZ, Fábio. “O anonimato”. IN: Jornal Liberdade. Rio de Janeiro, primeira quinzena do mês de junho de 1918. Ano II, n 18.

este quadro: para que a ruptura efetiva aconteça e que a sinceridade na imprensa aconteça de fato:

há de dal-a a compreensão dos deveres moraes do homem para consigo e para com seus semelhantes. Este alto grau de civismo, somente se alcançará pela liberdade bem compreendida e pela sociedade perfeita em que as faltas, os deslises, os erros, os enganos, as quedas dos outros sejam olhadas condescendentemente e para juízos benevos computados.<sup>102</sup>

O fim da luta daqueles que exploram e dos que são explorados, o fim daqueles que esmagam os mais fracos.

Fábio escreve criticando essas pessoas que julgam, mas não se identificam, um problema que vai para além da política, abarca também a moral. Além da crítica, Fábio tem um desejo:

Para essas pobres almas desfibradas, pusilânimes, que vivem nas sombras, olhando com pupilas incandescentes de ódio os que as julgam em esfera superior: é para esses espíritos pequenos incapazes de compreender o conforto moral que nos dão o sentimento da igualdade fraternal, e a independência de character, que nos faz olhar para o alto sem ver acima de nós outro mais alto ou mais capaz moralmente; é para essas almas rasteiras e vesgas que se volta sempre toda a minha comiserção. E o meu sincero desejo é o de amparal-os e regeneral-as.<sup>103</sup>

Para Fábio Luz, a Grande Guerra assim como as outras que estavam por vir tinha por fim o comércio, tanto nos seus intuitos quanto na persuasão dos ingênuos patriotas, ou seja, aqueles que se julgam defensores de uma pátria cegamente, sem se quer entende por quem e pelo o que está lutando.

Essa ingenuidade levada a extremas consequências por um meio de informação oficial do Estado ou por um representante digno da burguesia levando o povo a se envolver, reivindicar coisas que vão muito além de seus interesses como indivíduos e como classe, reproduz um discurso cheio de idealismo que na verdade o leva à falência econômica e moral.

Fábio Luz observa com um olhar crítico todo esse patriotismo promovido pelo Estado e pela burguesia. Ele entende que justamente esses reivindicadores da pátria nacional, com seus discursos inflamados são aqueles que não querem ser e nem parecer brasileiros.

Percebemos claramente isso a partir da primeira década do século XX, principalmente com a reforma promovida na cidade do Rio de Janeiro, pelo então prefeito Francisco Pereira

---

<sup>102</sup> Idem.

<sup>103</sup> Idem.

Passos. Na verdade, não apenas na reforma urbana, mas em toda a cultura em geral, o cotidiano, tenta-se transformar o Rio em algo que ela não é, Paris.

Pensando comparativamente o sofrimento na França e no Brasil, a burguesia entende que o sofrimento está no país do velho continente, pois no Brasil, coisas semelhantes acontecem desde sempre, mas isso não é considerado sofrimento para a elite brasileira. “Que o sofrimento constantemente presente a nossa vida, o espetáculo de mazelas expostas ao tempo e exibidas diariamente em nosso caminho, embola a sensibilidade, magoa os nervos e faz raiva, sem provocar compaixão.”<sup>104</sup>

O sofrimento das crianças de Paris arrancam sentimentos de solidariedade por parte da burguesia brasileira, sendo que o Brasil tem situações iguais ou piores que não comovem de maneira alguma essa mesma burguesia caridosa.

Para que esta ajuda se efetive, fora organizado no Club dos Diários, um evento beneficente sob o nome de Chá dançante, para arrecadar fundos em favor de algumas regiões e escolas francesas, acredito que devastadas por conta da grande Guerra.

A caridade deles é tão exibicionista aqui como em qualquer outra parte: não é o sentimento humanitário de solidariedade que os guia, não é o prazer de ser útil a alguém, ou de aliviar um sofrimento alheio que os inspira. Sua futilidade é incapaz de lhes permitir a compreensão do bem que faz ser útil a alguém, ou afastar de alguém um sofrimento.<sup>105</sup>

Nesse contexto, o jornalismo vinculado à burguesia, para o autor, teria uma função bem específica:

Despertar o patriotismo é a função do jornalismo subvencionado. A engrenagem é completa. Publicam-se romances, poemas, cânticos, grandes cartazes; tremulam as flamulas. Os governos necessitam armar-se. Os armamentos se aperfeiçoam e se substitui prezentemente. Giram enormes capitaes, ganham os capitalistas-banqueiros industriaes, etc. somas fabulosas. E portanto a guerra uma das mais lucrativas industrias.<sup>106</sup>

Ou seja, os anarquistas deveriam lutar com todas as forças contra essa propaganda ideológica promovida pela burguesia por meio dos jornais. Pois esse patriotismo defendido

---

<sup>104</sup> LUZ, Fábio. “A nacionalização da caridade”. IN: Jornal Liberdade. Rio de Janeiro, agosto de 1919. Ano III, n 33

<sup>105</sup> Idem.

<sup>106</sup> LUZ, Fábio. “Diálogos”. IN: Jornal Liberdade. Rio de Janeiro, segunda quinzena do mês de julho de 1918. Ano II, n 21.



pelo Estado e seus iguais beneficiavam exclusivamente a eles, e levavam o povo a se submeter para além da exploração diária do corpo, mas também no pensamento.

### **I. 5 – Uma nota à margem**

Fábio Luz assinou durante um período uma coluna no periódico *Na Barricada* intitulada “Nota a margem”, onde propõe debates sobre diversas questões, mas principalmente questões sobre o anarquismo. Entre os debatedores, temos um principal nesse duelo de opiniões, Pedro do Coutto, considerado por Luz um grande amigo de longa data (aproximadamente vinte anos). As divergências entre os dois existem desde o início da amizade que, independentemente das discórdias provocadas pelo longo tempo de debates sempre prevaleceu.<sup>107</sup>

É importante destacar que, o que torna o debate mais intenso, entretanto sem perder a honestidade é a publicação dos duelos no mesmo jornal, tanto opiniões e respostas de Pedro do Coutto, quanto às de Fábio Luz.

Nos artigos intitulados “O que penso”, Pedro do Coutto expõe seu ponto de vista abertamente em um jornal assumidamente defensor do anarquismo, além de responder as críticas que recebe de Fábio Luz e Orlando Correa Lopes, este na condição de diretor do periódico.

Fábio Luz está dialogando com um seguidor de Augusto Comte e defensor do positivismo. Para o médico anarquista, os positivistas se julgavam detentores de todo o saber, mesmo não portando diplomas das academias, entendendo que aqueles que não seguem suas teorias seriam incapazes de tratar de questões sociais. Eles são os “doutores de tudo em um pouco mais”, no olhar do nosso anarquista.

Na perspectiva de Pedro do Coutto, afirma Fábio Luz, a sociedade caminha a passos largos para um “aniquilamento moral, a passividade humilhante, como consequência final dos desmandos incuráveis dos governos democráticos; não encontrando remédio possível senão na subordinação aos miseráveis de açambarcamento de tudo pelos governantes.”<sup>108</sup>

Interessante pensar nessa análise de Fábio que demonstra uma contradição evidente entre o anarquismo e as demais vertentes do socialismo e do positivismo reivindicado pelo

---

<sup>107</sup> LUZ, Fábio. “Nota a margem”. IN: *Jornal Na Barricada*. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1915. Ano I, n 16.

<sup>108</sup> LUZ, Fábio. “Nota a margem”. IN: *Jornal Na Barricada*. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1915. Ano I, n12.

autor criticado. Neste confronto de ideias não existe uma verdade absoluta, aquela proposta que invariavelmente deve ser seguidos por todos, mas opiniões diversas adquiridas por cada um a partir de leituras, de experiências, perspectivas de futuro.

O anarquismo pressupõe justamente o oposto que o positivismo, entendendo que o ser humano é capaz, de forma autônoma, de ser agente de sua própria transformação e nesse sentido, o anarquismo seria, para o autor, a única forma de suporte teórico e prático para esse futuro próximo.

O debate entre o anarquista Fábio Luz e o positivista Pedro do Coutto ganha novos elementos quando o diretor do periódico, o engenheiro gaúcho Orlando Correa Lopes escreve uma nota no editorial da edição de 02 de setembro de 1915.

A análise parte de uma conferência realizada por Pedro do Coutto no Centro de Estudos Sociais. Por duas horas, Coutto expôs suas concepções sobre o chamado problema social. Para o editorial, Pedro do Coutto entende que o anarquismo e o positivismo não seriam a solução para os problemas sociais, pois ambas veem o homem como um ser bom, sendo que este na verdade é um ser *intrinsecamente mau e hypocrita*.<sup>109</sup>

Embora suas ideias estimulassem sentimentos contrários a ele, provocando choques na plateia, Pedro do Coutto continuou a expô-las com toda convicção daquele que realmente acredita no que pensa e conseqüentemente está expondo.

Pode parecer, para quem ouve Pedro do Coutto, que ele entende que o homem é mau e hipócrita por natureza, mas na verdade:

Não passa de um symptoma denunciador de uma moléstia do momento presente, que consiste em cada qual raciocinar sobre os phenomenos sociaes, como si não fosse uma parte integrante da sociedade. Diariamente ouvimos que o povo brasileiro é servil, sem iniciativa, covarde, de.. o quem o diz são os próprios brasileiros, sem se lembrarem que fazem parte do povo e que, individualmente, todos pensam do mesmo modo e emittem esta mesma opinião.<sup>110</sup>

Esse posicionamento sobre a dualidade dos seres humanos (bons e maus) pode levantar questionamentos a seu próprio discurso, nesse sentido, Pedro do Coutto é considerado de forma irônica pelo autor da crítica como uma exceção, um ser atípico, totalmente diferente dos outros, nas palavras de Orlando, “o único homem dotado de bondade e, portanto, o único capaz de julgar os seus semelhantes”.<sup>111</sup>

---

<sup>109</sup> LUZ, Fábio. “Nota a margem”. IN: Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 02 de setembro de 1915. Ano I, n 13.

<sup>110</sup> Idem.

<sup>111</sup> Idem.

É importante destacar que se trata de uma crítica em relação aos pressupostos defendidos por Pedro do Coutto. Nesse sentido, o próprio Orlando está certo de que o positivista não se julga como mencionado acima.

Na mesma edição na onde fora publicada o editorial criticando as posições de Pedro do Coutto assinada por Orlando de Barros, Fábio Luz em sua coluna *Nota a margem*, usa um tom provocador, que também é necessário para um bom debate. Diz que Pedro, desde os tempos de colaborador no curso de filosofia na Universidade Popular já afirmava ser o senhor da verdade e que o positivismo seria o fator determinante para a solução da questão social, mas destaca que em 1915 as suas teorias ganharam novos elementos.

O que na verdade Fábio pretendeu fazer foi chamá-lo para o debate, pois para ele,

seu espírito de combatividade permanente encontra-se bem na agitação. Se não tiver um adversário sobre o qual atire os bôtes de seu adestrado esgrimir, não terá prazer em exercitar suas energias de combatente: Precisa de floretear com oppositor animado, não gosta de simulação de combates.<sup>112</sup>

Fábio Luz termina o seu texto dizendo: *Por ora esgrime no ar*. Provocando e ao mesmo tempo esperando ser provocado, pois também possui um espírito combativo. Porém talvez o confronto com Pedro dê a entender que se trata de um algo mais do que apenas um duelo de ideias.

Ambos estão buscando repostas, reivindicando teorias políticas com o intuito de criticar e conseqüentemente romper com a estrutura dominante do presente, com o objetivo também de criar as bases para o futuro imediato da sociedade. Nesse sentido, para Fábio Luz a organização da sociedade do futuro, na visão de Pedro do Coutto, está no presente, no industrialismo, que ele entende dominar diversos aspectos e instituições do Brasil da segunda década do século XX.

Nesse sentido, escreve Fábio: “há a indústria da política, a indústria dos empregos públicos, a indústria dos títulos e diplomas acadêmicos, a indústria da instrução, a indústria das eleições, a indústria da direcção das fabricas e do açambarcamento das riquezas.”<sup>113</sup>

O posicionamento de Pedro do Coutto, para Fábio Luz, é meio inconstante e divergente, pois sua ideia de uma organização social futura não está no futuro em si, mas pode ser encontrada no presente, não necessariamente apenas no governo republicano, mas também na monarquia. Ou seja, não se trata de uma defesa de um governo específico, mas de uma

---

<sup>112</sup> Idem.

<sup>113</sup> LUZ, Fábio. “Nota a margem”. IN: Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1915. Ano I, n 20.

ideia que não representa uma transformação social de fato, representa na verdade, elementos de permanência das estruturas opressoras, nada diferente do capitalismo dos tempos de ambos os autores, da burguesia reinante de forma absoluta na riqueza, do Estado e a Igreja que dominam a sociedade.

As teorias defendidas por Fábio Luz correspondem de fato às suas convicções mais sinceras, com bases teóricas bem definidas. Ele realmente vive a realidade e principalmente, busca mudar efetivamente esta realidade vivida não, como ele mesmo menciona, para fazer praça de revolucionário.

Ideal e utopia andam juntos. A proposta de uma transformação radical da sociedade em geral é visto com desconfiança, como algo que nunca será alcançado, uma utopia. Entretanto, viver no meio dos males sociais sem desejar mudanças profundas também não faz sentido.

Um ideal, mesmo ele sendo considerado utópico, algo impossível de se poder realizar, é sempre uma inspiração, e não pode ser deixado de lado.

Fábio Luz sai em defesa do direito de poder acreditar e, principalmente, de poder lutar pelo que acredita. Nesse sentido, ele está estabelecendo uma crítica àqueles que criticam ferozmente os escritos dos militantes libertários, chegando a serem desleais às críticas recebidas por meio dos jornais e pensadores burgueses. Entretanto, os anarquistas escrevem com destreza, com argumentação teórica, científica, e principalmente, com honestidade.

Os anarquistas não apenas negam o governo, como lhe atribuem os males presentes na humanidade. Essa foi a resposta de Fábio Luz a Pedro do Coutto ao escrever que os anarquistas negam o governo. O escritor anarquista completa a resposta dizendo que os ácratas reconhecem o Estado, e que a sua existência é nociva e exagerada “e o combatem na sua mais concreta representação - o Estado - com sua maléfica engrenagem - polícia, ministérios, justiça, Casa de fabricação de leis, presídios, etc.”<sup>114</sup>

Interessante o fato de Fábio identificar e reconhecer outras atitudes ao longo do tempo onde os bens são postos em comum, onde o trabalho é feito em benefício de todos, principalmente ao citar exemplos envolvendo algumas ordens religiosas, como os franciscanos, os jesuítas. Entretanto, Fábio é um ferrenho crítico da religião, ou melhor, da instituição religiosa.<sup>115</sup>

---

<sup>114</sup> LUZ, Fábio. “Nota a margem”. IN: Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1915. Ano I, n 15

<sup>115</sup> LUZ, Fábio. “Nota a margem”. IN: Jornal Na Barricada 04 de novembro de 1915. Rio de Janeiro Ano I, n 22.

Entende que, quando o cristianismo dominou civilização, a cultura do sentimento se tornou predominante, já a cultura da *Intelligencia* sofreu um grande retardamento. Justamente o oposto de sua época, onde a *Intelligencia* se sobrepõe a tudo, querendo dominar a sociedade, estimulando a sua falência.

A sociedade futura há de ser o accordo bem combinado da cultura scientifica e a literatura com a cultura moral e do sentimento. A fallencia da sociedade moderna está exactamente no desaccordo dessas duas tendências, e no industrialismo delle decorrente. Em que a theoria de seleção natural foi applicada ferozmente a sociologia, e de uma lei natural de vida orgânica e melhoria das espécies, se fez lemma de conquista e broquel de assalto.<sup>116</sup>

O médico anarquista entende que a história da sociedade é composta por diversos elementos que envolvem questões de caráter, como corrupção dos costumes, menosprezo do sentimento, que seriam a origem de todos os vícios.

Historicamente, os mais fortes dominaram e dominam os fracos. Os antigos impérios foram substituídos por hábeis governos. Onde o governo de outra era exercido por nobres absolutistas foi substituído pelas constituições das monarquias modernas e pelas ditaduras regulamentadas pelas Repúblicas.

Para Fábio Luz, o poder do Estado concretizado pela imposição de uma burocracia acaba cerceando a liberdade do indivíduo e conseqüentemente aumentando ainda mais o poder do próprio Estado e das instituições que o cercam. Isso proporciona uma aceleração da desigualdade entre o Estado e os seus pares e os demais, o povo, uma massa de explorados que sofre com fome e frio.

Quando os explorados lutam, esbarram no poder deste Estado burocrático, que com suas forças busca a qualquer custo extinguir todas as expectativas do povo de um processo de ruptura, no qual a revolução social acabaria com esse abismo socioeconômico imposto à sociedade.

Para Fábio Luz:

A revolução social se fará com as armas fornecidas pela própria burguesia, que se empenhou nesta luta de patriotismo puramente commercial e de conquista da supremacia de mercados, sem pensar nas conseqüências e nas novas necessidades de luxo e de conforto que foram crear para os servos da gleba, que da vida conheciam apenas a parte rude e os desesperos da fome.<sup>117</sup>

<sup>116</sup> LUZ, Fábio. “Nota a margem”. IN: Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1915. Ano I, n 14.

<sup>117</sup> LUZ, Fábio. “Nota a margem”. IN: Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1915. Ano I, n 19.

Com a farta e boa alimentação intelectual, moral e a alimentação que permite ao povo a manutenção dos organismos físicos, os homens conseguirão uma média igualitária da inteligência. Isso não necessariamente promoverá um nivelamento das inteligências, no sentido de que cada indivíduo possui características únicas, cada um possui limitações e facilidades distintas.

Percebemos que para o doutor Fábio Luz, o problema do estímulo intelectual das pessoas vai para além da educação, que é fundamental. Existem outros elementos que interferem diretamente no processo de formação da inteligência. Embora cada pessoa tenha características únicas, a inteligência é algo que precisa ser estimulado.

A alimentação física, ou seja, a comida, interfere no processo cognitivo na opinião do médico anarquista. Sua falta deixa a pessoa mais fraca, com a sua defesa imunológica mais sucessível a doenças e fraquezas que atrapalham o processo educacional das pessoas. A fome está ligada a aspectos sociais. Na época de Fábio Luz a esmagadora maioria da população brasileira enfrentava o desemprego característico de nossa sociedade, assim como as péssimas condições e oportunidades de trabalho, levando o indivíduo à falta de recursos para poder alimentar-se com certa qualidade. Somado a este fator, temos a necessidade de prover o sustento da família. Homens, mulheres mesmo sendo menores de idade, abandonavam ou nem sequer ingressavam nas escolas o que os impossibilitava de terem uma formação mais adequada.<sup>118</sup>

Outras questões estão no universo da *Nota à margem*. O olhar de Fábio Luz se estende para além do Brasil, afinal o contexto do período é de um conflito de proporções mundiais, que se iniciou em 1914.

Mesmo sendo um conflito que:

nos envergonha, guerra desleal, subterrânea, submarina, insidiosa, covarde, de bombas asphyxiantes e granadas e explosivos atirados dos aeroplanos, sem que os combatentes saibam contra que exércitos ou marinhas combatem, simples matadores de homens, tendo como inimigos a outra parte da humanidade desconhecida, alvejando sombras a distancias kilometricas, ainda haverá soldados que saibam por qual causa se sacrificam, tenham noção do interesse patriótico que representam, baralhadas e confundidas as diversas pátrias.<sup>119</sup>

---

<sup>118</sup> LUZ, Fábio. “Nota a margem”. IN: *Jornal Na Barricada*. Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1915. Ano I, n 18.

<sup>119</sup> LUZ, Fábio. “Nota a margem”. IN: *Jornal Na Barricada*. Rio de Janeiro 28 de outubro de 1915. Ano I, n 21.

O autor se pergunta: “Que pátria estão elles defendendo; que interesses superiores de humanidade, ou de sua raça cada um desses soldados defende, misturadas todas as nacionalidades de uma parcialidade e atiradas em bolo contra a outra?”<sup>120</sup>

Estabelecendo uma crítica que é constante em seus textos, questionava o patriotismo, que em nome de um nacionalismo burro, fomenta guerras.

Fábio Luz pede para que os militantes, aqueles que lutam por um futuro melhor para a humanidade, não desaminem. Que as ações promovidas pelo Estado, pela burguesia, não provoquem desânimo, que isso não os impeça de continuar firme na batalha pela transformação radical da sociedade.

Embora, essas atrocidades estivessem acontecendo, Fábio pedia para que não desanimassem mesmo com toda a “barbárie” que assolava o mundo, pois para ele existiam esperanças de que no fim da guerra o povo poderia se libertar.<sup>121</sup>

Essa série de artigos publicados por Fábio Luz, intitulados de *Nota a margem*, dão conta de uma série de questões envolvendo diversos temas, mas que no fim indicam uma direção, o anarquismo.

O médico baiano ao confrontar as perspectivas positivistas de Pedro do Coutto, expõe diversas características do anarquismo, que na sua concepção, seria a única solução para que a sociedade se livre da desigualdade e inicie um novo tempo, após derrotar o Estado, a burguesia e todas as instituições que a cerca. Apresentando fundamentos que servem de argumentos para legitimar a sua forma de pensar e ao mesmo tempo, demonstrar para seu amigo, que ele está equivocado.

Outro ponto bastante relevante sobre os anarquistas, diz respeito ao periódico no qual Fábio Luz e Pedro do Coutto duelaram. O Periódico anarquista *Na Barricada* abre espaço para que Pedro do Coutto expresse suas opiniões e debata com Fábio Luz pelas páginas do periódico. Possibilitando ao professor positivista expor seus ideais e em certo sentido fazer com que os leitores tenham uma percepção das duas propostas, mas também fica claro que Pedro do Coutto está sozinho no debate, mas independente disso, do Coutto demonstra certa fragilidade argumentativa em relação aos seus oponentes anarquistas, ratificando os pressupostos defendidos pelos ácratas perante seus leitores.

---

<sup>120</sup> Idem.

<sup>121</sup> LUZ, Fábio. “Nota a margem”. IN: *Jornal Na Barricada*. Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1915. Ano I, n 19.

*Longe de se prejudicarem mutuamente, cada qual deve apoiar, ampliar e reforçar a outra; a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais útil e mais ampla quando o intelectual não ignorar o trabalho manual; e o trabalho do operário instruído será mais inteligente e, por conseguinte, mais produtivo do que o do operário ignorante.*

Mikhail Bakunin

## **Capítulo II: A educação como uma chave para a liberdade**

### **II. 1 – Educação**

Fábio Luz escreveu vários romances, novelas, contos, folhetos, críticas literárias, artigos sobre diversos assuntos na imprensa operária e em revistas. Entretanto, tinha a consciência de que o país como um todo deveria ter educação, mas educação esta não fornecida pelo Estado. Isso fez com que ele e um grupo de pessoas que também acreditavam na educação buscassem alternativas para superar o alto índice de analfabetos.

Desse esforço coletivo, surgiu em 1904, proposta de criação da Universidade de Popular d'Ensino Livre, “destinada a fazer a educação das sensibilidades e a altura das inteligências, instituição que é uma necessidade inadiável no nosso meio.”<sup>122</sup>

Tinha um objetivo bem claro, o de constituir uma consciência popular, ou seja, para que houvesse perspectivas de solução definitivas das questões sociais, o povo precisa tornar-se consciente.

Para que esses objetivos fossem alcançados, a Universidade oferecia diversos cursos como o de Filosofia ministrado pelo Dr. Pedro do Couto, o curso de Higiene ministrado pelo Dr. Fábio Luz, o curso de História Natural ministrado por Platão de Albuquerque, o curso de História das Civilizações ministrado por Rocha Pombo, o curso de Geografia ministrado por Pereira da Silva. Outros cursos também foram oferecidos de forma imediata: “os cursos práticos de línguas, aritmética, escrituração mercantil, desenho, modelagem, arte decorativa, mecânica e conferências sobre todos os assuntos de interesse pessoal”.<sup>123</sup>

---

<sup>122</sup> Revista Kultur. Rio de Janeiro, março de 1914. Ano I, n 01.

<sup>123</sup> LUZ, Fábio. “Discurso de inauguração da Universidade Popular”. IN: CARONE, Edgard. *O Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. 2ª Edição. São Paulo: Difel, 1984. P 42



Além dos cursos, a Universidade oferecia conferências públicas, contava também com uma biblioteca, uma sala de leitura, um consultório médico e jurídico, uma livraria e um museu social. Logo, o trabalhador ao buscar a Universidade entendia que instruir-se é muito importante para o processo revolucionário: “Seu fim principal é a instrução superior e positiva e, sobretudo, a instrução daqueles que a burguesia condenou ao ostracismo.”<sup>124</sup>

Na inauguração da Universidade, Fábio Luz realizou um discurso criticando a forma como a República tratava os seus trabalhadores, não os incorporando, mais os excluindo. E vai mais além ao dizer que a Universidade representa:

mais uma larga e luminosa senda [que] está aberta para o futuro de paz e justiça, de solidariedade e amor. Que todos aqueles que nos negros das oficinas fuliginosas, nos presídios das fábricas, na galé eterna do trabalho exausto e no doloroso labor diário em bem do explorador; que todos aqueles que aspiram pela emancipação moral e pela libertação econômica, venham aqui buscar um pouco de luz para desbravar o caminho na conquista da cidade futura, feliz e igualitária.<sup>125</sup>

Nem todos os participantes da Universidade Popular eram anarquistas como afirmou o jornalista, militante e pesquisador sobre anarquismo Milton Lopes, entretanto, essas pessoas que estavam dispostas a fazer alguma ação efetiva para mudar o quadro educacional na Capital Federal, pensavam a educação da mesma maneira que os anarquistas.<sup>126</sup>

Fábio Luz tinha a educação como uma das suas maiores preocupações e por isso, era talvez uma de suas principais áreas de atuação militante, tanto na escrita quanto na sala de aula.

A educação estava ligada a condição social do indivíduo, pois aquele que não tem acesso à educação é o trabalhador, que não dispõe de tempo e oportunidade de educar-se. Nesse sentido, Fábio reivindicava uma educação sem a intervenção do Estado, com meios educacionais mais racionais e humanos, desvinculando a educação da religião católica. Reivindicava também uma maior quantidade de cursos profissionalizantes para os filhos da classe operária.

---

<sup>124</sup> Revista Kultur. Rio de Janeiro, março de 1904. Ano I, n 01.

<sup>125</sup> LUZ, Fábio. “Discurso de inauguração da Universidade Popular”. IN: CARONE, Edgard. *O Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. 2ª Edição. São Paulo: Difel, 1984. P 44.

<sup>126</sup> AARÃO Reis Filho, Daniel e DEMINICIS, Rafael. *História do anarquismo no Brasil*. Vol. I. Rio de Janeiro: EdUFF/Mauad X, 2006. P 215.

Para ele, “o interesse do indivíduo é posto a margem, o interesse do Estado, que não é absolutamente o da colectividade, é tudo. Quer-se uniformidade no modo de pensar, e não se preocupa espeitar o pensamento de cada um”.<sup>127</sup>

Fábio Luz não apenas defendia uma educação de caráter racional, não religiosa e mais humana, mas também o ensino de disciplinas que levassem o indivíduo a refletir sobre o seu papel na sociedade, refletir sobre a própria sociedade, mas também uma crítica ao Estado burguês que investe na formação de bacharéis e militares, para que esses, que também pertencem à burguesia, defendam o Estado de todas as formas. Partindo desse princípio, esses indivíduos deveriam ser educados de maneira uniforme, eliminando a sua autonomia, não respeitando a sua individualidade, a sua forma de pensar.

Como também aponta Andreia da Silva Laucas de Campos em sua dissertação de mestrado:

A educação seria o meio de combater a ignorância e a razão, o meio de conduzir os homens contra a subjugação e a exploração. As crianças deveriam ser educadas desde pequenas, cultivando os valores como liberdade e solidariedade. Os anarquistas atuaram nas fábricas, nos sindicatos, nas ruas, mas consideraram a família e a escola como pilares para a criação de um novo homem. Este foi o ponto de vista do qual Fábio Luz participou.<sup>128</sup>

Para Fábio Luz a educação deveria estar atrelada à autonomia em relação ao Estado, ou seja, para que houvesse um processo educacional de qualidade, esse deveria acontecer sem intervenção do Estado, assim como meios educativos deveriam ter o caráter racional, desvinculado da religião católica e mais humano, no sentido da instrução do indivíduo ocorrer com mais disciplinas que o levem para o campo da reflexão.

O processo educacional do Brasil nos tempos de Fábio estava ligado à condição social do indivíduo, pois aquele que não tinha acesso à educação era o trabalhador, aquele que não dispõe de tempo e oportunidade de educar-se, diferentemente daqueles que tem “conforto para viver”, da elite brasileira.

Sobre a educação, nas palavras do anarquista baiano: “Desejo por enquanto que se preocupem os nossos supremos tutores em dar feição mais prática ao ensino e facilitem a

---

<sup>127</sup> LUZ, Fábio. “O direito a instrução”. IN: *Jornal A Rebelião*. São Paulo, 01 de maio de 1914. Ano I, n 01.

<sup>128</sup> CAMPOS, Andreia da Silva Laucas de. *Fábio Luz e a pedagogia libertária: Traços da educação anarquista no Rio de Janeiro (1898-1938)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

aprendizagem das profissões liberais e não enidem<sup>129</sup> exclusivamente de formar bacharéis e criar Universidades.”<sup>130</sup>

Além da crítica que o autor faz ao Estado por se dedicar somente em formar bacharéis e militares, profissões que de alguma maneira estão ligadas à burocracia do Estado ou relacionada à sua defesa, critica também as diferenças fundamentais e estruturais entre a educação oferecida nas Capitais e as do interior.

Para que esta propaganda logre êxito, os jornais revolucionários deveriam dedicar uma seção para registrar como os políticos, os guias dos governos pensam e escrevem. Os jornais deveriam servir como métodos de propaganda contra o regime republicano.

O que o médico anarquista tenta fazer neste artigo é justamente expor uma figura pública, um deputado e juiz que escreve sobre as maravilhas da República e a possibilidade de votar. Em contraposição, Fábio Luz observa que o tal sufrágio universal não passa de uma mentira, uma falácia, um mero argumento fantasioso utilizado pelos homens do Estado.

Fábio Luz utiliza como argumento o analfabetismo, pois como já foi mencionada, a constituição de 1891 proíbe o voto aos analfabetos, contudo, o número de pessoas com o poder de decisão diminui drasticamente, pois o Brasil possui uma grande quantidade de pessoas na condição de analfabetas.

O autor deseja demonstrar que: “o sufrágio universal no Brasil é representado pela vigésima quinta parte dos seus habitantes”.<sup>131</sup>

## II. 2 – Algumas reflexões sobre a leitura e os leitores

Uma das grandes lutas de Fábio Luz era tentar proporcionar ao trabalhador uma formação mínima para que este pudesse se instruir e conseqüentemente melhorar aspectos em sua vida. Pensando na questão do grande número de analfabetos no Brasil contemporâneo a Fábio Luz, entendemos que seria importante uma reflexão sobre a questão da leitura. Pensar algumas formas de leitura, estabelecendo conexões com o movimento operário inglês por

---

<sup>129</sup> Buscamos manter o trecho citado conforme estava no jornal, contudo, esta palavra em especial não foi possível decifrar ou encontrar substituta. Logo a manteremos, pois ela não altera o sentido do texto, nem a ideia principal do autor.

<sup>130</sup> LUZ, Fábio. “O direito a instrução”. IN: Jornal A Rebelião. São Paulo, 01 de maio de 1914. Ano I, n 01.

<sup>131</sup> LUZ, Fábio. “Le monde march”. IN: Jornal A Plebe. São Paulo, 19 de abril de 1919. Ano II, n° 9.

meio das contribuições de E. P. Thompson e Eric Hobsbawm com o movimento operário brasileiro do início do século XX, identificado com o anarquismo.

Antes de começarmos, gostaríamos de fazer uma ressalva em relação às contribuições de Thompson e Hobsbawm. Sabemos que os contextos e períodos históricos estudados pelos autores são bem diferentes, assim como os seus próprios contextos históricos, contudo, percebemos nos dois estudos aspectos bastante relevantes para nos ajudar a pensar o tema proposto.

A nossa proposta não é apenas pensar na leitura em si, mas também nos seus usos dentro do operariado, como a literatura poderia ter contribuído tanto para o movimento operário em uma época onde o analfabetismo reinava na população brasileira, percebendo o uso das letras como uma das principais formas de militância política, principalmente os jornais, os periódicos, peças de teatro, romances, contos e poesias. Contudo, é importante deixarmos claro que a nossa proposta não é esgotar o debate sobre o tema, mas principalmente, levantar questionamentos, suscitar novos debates acerca de um tema bastante relevante.

Nesse sentido, entendemos a leitura como um aspecto bastante interessante e importante quando pensamos o Brasil da primeira década do século passado, pois sabemos que a realidade era de um grande índice de pessoas consideradas analfabetas.

Algumas estatísticas demonstram esse elevado número de pessoas que não tinham acesso à escrita e a leitura, e nesse sentido, o analfabetismo de boa parte destes trabalhadores ou não, poderia ser considerado como um limitador de acesso ao conhecimento, à informação.

Essa questão se torna interessante, pois os principais veículos de informação, de militância da época eram os jornais, os periódicos, que também eram utilizados pelos movimentos de classe como meio de denúncia social, de formação ideológica do leitor, de propaganda revolucionária, propaganda anti-clerical, nesse sentido, o domínio da leitura seria fundamental. Como então esse grande número de analfabetos poderia ter acesso a todo conteúdo oferecido?

Sobre o analfabetismo, Jean Foucambert em um trabalho de pesquisa bastante relevante, o define como a “impossibilidade de compreender ou de produzir uma mensagem escrita simples, que trate de questões concretas ligadas à vida cotidiana: sua origem está na falta de domínio do sistema de correspondência entre grafemas e fonemas”<sup>132</sup>

---

<sup>132</sup> FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. P 118.

Ou seja, o analfabeto é aquele que desconhece às técnicas necessárias, mesmo que estas sejam bastante simples, utilizadas para a escrita e conseqüentemente seria então um indivíduo impossibilitado de exercer a prática da leitura.

O autor também faz uma distinção entre o analfabetismo e o que chamou de analfabetismo funcional que, para ele “refere-se à mesma impossibilidade, porém envolve pessoas com vários anos de escolaridade que dominaram essas técnicas de correspondência grafo-fonética num certo período de sua vida, mas perderam esse domínio por falta de uso e de exercício com elas”<sup>133</sup>.

Isto é, a falta de prática constante das técnicas utilizadas por um indivíduo, mesmo com certo grau de escolaridade, o impossibilitaria de ser um leitor, digamos ativo, alguém com um relativo domínio das letras. Mas, esta falta de interesse aos estudos não está ligada apenas a uma simples decisão do indivíduo, está relacionada também ao seu cotidiano, isto porque um trabalhador que não tem tempo, nem a oportunidade de se dedicar a sua educação, não necessariamente este, deixou de praticar a leitura, entretanto, a necessidade o levou a isso.

Aprofundando um pouco mais sobre o tema da leitura e do analfabetismo, o pesquisador Jean Foucambert se propõe re-pensar a leitura não apenas em seu caráter empírico a partir das pesquisas, mas principalmente o caráter social da leitura, ou melhor, o seu papel no dentro espaço social. O autor entende que a leitura não se trata de um ato individual que começa e termina em si, para isso ele elabora uma nova categoria que chamou de leiturização.

O século XIX sofre bastantes alterações no modo de vida das pessoas em geral, a vida comunitária deu lugar a uma sociedade individualizada, urbana, com suas fábricas, pobreza, fome, falta de moradia, desigualdades sociais acentuadas a partir do desenvolvimento do capitalismo, essa situação se torna mais evidente no século XX.

Essas alterações também se dão no espaço escolar, contudo para Foucambert o analfabetismo não seria um resultado de um mau funcionamento do sistema de ensino, mas sim por conta de uma divisão do trabalho, principalmente com o Taylorismo, onde um maior número de pessoas passou a executar tarefas que não abrem espaço para as iniciativas, para as decisões<sup>134</sup>. Ou seja, para o autor, “[...] o não-leitor é excluído das redes de comunicação

---

<sup>133</sup> Idem, p 119.

<sup>134</sup> Idem, pp 18-19.

escrita por razões sociais e não técnicas e seus não saberes fazem eco a essa situação de exclusão".<sup>135</sup>

Entendemos que Foucambert demonstra que o acesso à leitura não está ligado diretamente ao fim do analfabetismo, pois mesmo que o indivíduo tendo escolaridade e aprendido as técnicas de compreensão da mensagem escrita não o torna automaticamente em um leitor, pois esse indivíduo pode ter se afastado destas "redes de comunicação escrita, pela falta de familiaridade com livros e jornais, pela exclusão do indivíduo das preocupações e respostas contidas na elaboração da coisa escrita"<sup>136</sup>, o que o autor chamou de iletrismo.

Nesse sentido, a leiturização é em si um ato reflexivo, o exercício de uma leitura consciente do mundo que o cerca, ou seja, a leitura deve ser realizada de uma maneira crítica, afastando o leitor de uma perspectiva imaginária e o levando para o real. "O único pré-requisito do aprendizado da leitura é ser uma pessoa questionadora do mundo"<sup>137</sup>.

Sobre as estatísticas que tratam dos números de leitores no Brasil entre a segunda metade do século XIX e a primeira década do século XX, Nicolau Sevcenko, tendo como base um artigo escrito por José Veríssimo e publicado em 1900, que trata do analfabetismo no Brasil, aponta que em 1890, de cada cem brasileiros, apenas 14 ou 15 sabiam ler.<sup>138</sup>

Já Helena M. Bomeny utiliza um dado estatístico<sup>139</sup> de um recenseamento feito em 1906, que nos permite ter *a priori* um número estimado de analfabetos, em especial nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, onde, em cada mil habitantes da cidade do Rio de Janeiro, 231 pessoas sabiam ler e 769 eram analfabetos. Já em São Paulo, de cada mil habitantes, 247 pessoas sabiam ler e 753 eram analfabetos.<sup>140</sup>

Os dados apresentados acima suscitam algumas perspectivas de análise: uma das perspectivas diz respeito ao acesso leitura, ou seja, a quantidade de pessoas que poderiam ler por conta das altas taxas de analfabetismo e a possibilidade de entender o texto escrito como uma forma de militância política.

---

<sup>135</sup> Idem, p 20.

<sup>136</sup> Idem, p 119.

<sup>137</sup> Idem, p 115.

<sup>138</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. P 110.

<sup>139</sup> Os dados utilizados pela autora foram extraídos de: Brasil. Diretoria Geral de Estatística. *Estatística da Instrução* (1ª parte, "Estatística Escolar", 1º vol.), 1916. O quadro está incluído no texto "Introdução", assinado por Oziel Bordeaux Rego, da quarta seção da Diretoria Geral de Estatística, pag. CCXI.

<sup>140</sup> BOMENY, Helena. *Quando os números confirmam impressões: desafios na educação brasileira*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2003. P 02.

Outra perspectiva trata dos dados estáticos em si, ou seja, até onde estes dados dão conta do real acesso a leitura e, por conseguinte do acesso à informação. A questão posta diante deste quadro se expressa por meio da possibilidade de ser possível identificar outras formas de contato com os textos escritos para além da leitura? E por fim, a própria ideia de traduzir os aspectos cotidianos de uma sociedade por meio dos números, que acabam ignorando as análises dos indivíduos em si.

Talvez partindo de uma forma macro, com o objetivo de exemplificar certos aspectos, os dados estatísticos são válidos, contudo basear-se nestes dados para tentar entender o cotidiano acarreta em um método equivocado, pois desta forma, tal estudo acaba ignorando as particularidades, as experiências, o dia-a-dia do indivíduo.

Partindo desse pressuposto, as pessoas não podem ser consideradas apenas como números a partir de uma análise fria, mas sim, atores principais de suas próprias vidas na perspectiva da pesquisa histórica, principalmente aquelas que estão direcionadas ao pensamento social.

Essa verticalização da pesquisa histórica, ou seja, a busca pelo passado com o olhar de cima para baixo põe de lado o cotidiano, as experiências, a autonomia destas pessoas, podendo atribuir visões de senso comum e até uma análise muito simplista em relação ao indivíduo e a sua sociedade.

E. P. Thompson critica essa forma de se analisar a história e propõe justamente o contrário, pensar a história a partir da base, uma história vista de baixo, e justamente é este o sentido da nossa proposta.

Thompson propõe-se a pensar e construir a história da formação da classe operária inglesa, assim como do próprio século XVIII de uma forma bem detalhada, por meio de fontes que possibilitam o autor a analisar o cotidiano do trabalhador, partindo do pressuposto que cada um é possuidor de experiências, experiências estas que se tornarão um conceito, sobretudo um método de análise histórica.

No texto intitulado *Patrícios e plebeus* publicado no livro *Costumes em Comum*, Thompson aponta que,

cada elemento dessa sociedade, considerando em separado, pode ter precedentes e sucessores, mas que, considerados em conjunto formam uma soma que é maior do que a soma de suas partes: é um conjunto estruturado de relações em que o Estado, a lei, a ideologia libertária, as ebulições e as ações diretas da multidão, todos desempenham papéis intrínsecos a esse sistema, e dentro de limites designados por esse sistema.<sup>141</sup>

<sup>141</sup> THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 2002. P 77.

A análise de cada elemento da sociedade nos permite entender o cotidiano e assim as suas ações, pois como o próprio historiador inglês chama a atenção, que o significado de um determinado elemento visto de cima é completamente diferente se este for visto de baixo, ou seja, o que para o rico é pode ser encarado como doação, para o pobre pode ser visto como uma conquista, por exemplo.<sup>142</sup>

Ainda sobre a questão dos dados estatísticos, embora Thompson escreva em um contexto específico e respondendo a questões do seu tempo, a sua justificativa em relação aos seus métodos é bastante interessante e muito importante e legítima para demonstrar o que estamos propondo, sintetizando a nossa perspectiva e apontando para o caminho pelo qual pretendemos seguir para pensar os atores sociais. “Minha discussão não tem sido sobre números, riqueza ou até mesmo a presença cultural da classe média, mas sobre sua identidade como um ator político autônomo e com motivação própria, sua influencia efetiva sobre o poder”<sup>143</sup>.

Em estudo publicado na primeira metade da década de 60 do século passado, que trata da formação da classe operária inglesa, Thompson inova ao olhar esse trabalhador não apenas como um número, um dado quantitativo, mas como um indivíduo dotado de cultura e de individualidade. Ou seja, o social, o econômico, o político e o cultural são inerentes a este indivíduo. A história *vista de baixo* de Thompson nos ajuda a pensar esses diversos aspectos da sociedade sem perdemos a referência do indivíduo inserido dentro de um contexto.

Sobre a leitura, E. P. Thompson ao tratar da consciência de classe, dedica algumas páginas ao estudo da leitura. O autor aponta que o radicalismo inglês do final da década de 1820 seria uma questão de cultura intelectual, onde a consciência articulada, do que ele chama de autodidata, seria uma consciência política.<sup>144</sup>

O autodidatismo para Thompson seria fundamental para que o indivíduo tenha uma consciência política e organizacional, nesse sentido, o trabalhador, “a partir de sua experiência própria e com o recurso à sua instituição errante arduamente obtida, os trabalhadores formaram um quadro fundamentalmente político da organização da sociedade”.<sup>145</sup>

---

<sup>142</sup> Idem, p 69.

<sup>143</sup> Idem, p 81.

<sup>144</sup> THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa. A força dos trabalhadores*. 3º Ed, Tomo III. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002. P 303.

<sup>145</sup> Idem, p 304.



O próprio termo autodidatismo pressupõe uma disposição do trabalhador em buscar aprender, a buscar o conhecimento, a informação por conta própria, necessidade esta, que parte do interno para o externo, mesmo estando em comunidade, à busca de algo lhes é restrito se torna um fator de uma possível mudança, principalmente para os mais pobres, que veem no conhecimento, perspectivas de ruptura com a situação de penúria pela qual geralmente se encontram.

O ato de se compreender algo, de auto-prover uma educação que é omitida e em grande medida negada pelo Estado, representa também perspectiva autônoma deste operário desprovido de letramento, em organizar-se em diversos movimentos de caráter social. Nesses casos, todo aprendizado pode ser visto como resposta a um desequilíbrio.<sup>146</sup>

Em relação à perspectiva da autonomia, existem alguns aspectos que gostaríamos de levantar. Um deles se trata da individualidade, ou seja, a autonomia do ponto de vista individual. A autonomia representa a vitória de um ponto de vista do *eu* em relação ao *outro*.

Partindo desse pressuposto, as experiências do indivíduo, a sua concepção de verdade, a formação adquirida ao longo de uma vida, faz com que o seu discurso se sobreponha ao discurso do outro, que está incutido em seu imaginário, nesse momento que o discurso do *outro* deixa de ser o *seu*, o indivíduo rompe a barreira da alienação e passa a ser um sujeito autônomo. Ou seja, o discurso do outro está presente no imaginário do indivíduo, que o domina e o torna algo que não é, a partir do instante que o indivíduo abandona o discurso do *outro*, ele passa a falar por *si*. Como aponta o filósofo grego Cornelius Castoriadis: “A autonomia torna-se então: meu discurso deve tomar o lugar do discurso do outro, de um discurso estranho que está em mim e me domina: fala por mim.”<sup>147</sup>

Quando o sujeito nega o discurso do outro, ele admitir que tem o domínio de seu próprio discurso, exercendo sobre si sua própria verdade, não tendo mais que apoiar-se em outra verdade que não seja a sua.

Um discurso que é meu é um discurso que negou o discurso do outro; que o negou, não necessariamente em seu conteúdo, mas enquanto discurso do Outro; em outras palavras que, explicitando ao mesmo tempo a origem e o sentido desse discurso, negou-o ou afirmou-o com conhecimento de causa, relacionando seu sentido com o que se constitui como a verdade própria do sujeito – como minha própria verdade.<sup>148</sup>

---

<sup>146</sup> FOUCAMBERT, Jean. Op. Cit. P 31.

<sup>147</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. P 124.

<sup>148</sup> Idem, p 125.

Castoriadis levanta outro aspecto sobre a autonomia, onde esta não apenas relaciona-se ao individual, todavia também deve ser pensada no coletivo, existindo assim uma relação histórica, pois a autonomia não elimina o discurso do outro por completo, na verdade, ela instaura outra relação entre o discurso do *outro* e o discurso do sujeito.<sup>149</sup>

O que acontece na verdade, é um acúmulo de experiências individuais e coletivas somadas à formação do indivíduo, fazendo com que este rompa com o discurso do outro e assumo o seu próprio ponto de vista.

A autonomia não é eliminação pura e simples do discurso do outro, e sim elaboração desse discurso, onde o outro não é material indiferente, porém conta para o conteúdo do que ele diz, que uma ação intersubjetiva é possível e que não está fadada a permanecer inútil ou a violar por sua simples existência o que estabelece como seu princípio.<sup>150</sup>

A ideia de autonomia é bastante importante para nos ajudar a compreender os atores do movimento operário e por isso, destacamos a importância dada por Castoriadis ao conceito de autonomia, pois para ele a autonomia seria algo que deve ser desejado para todos e que sua realização se trata de uma empreitada coletiva<sup>151</sup> ou seja, a autonomia do indivíduo é fundamental para que os objetivos e os caminhos do projeto revolucionário.<sup>152</sup>

A partir desta reflexão sobre a perspectiva da autonomia, percebemos que ela está presente no caráter formativo dos militantes, onde as ações autônomas destes representam uma tomada de consciência, sobrepondo-se ao discurso do outro.

Retomando a proposta do autodidatismo que parte da necessidade de se auto-alfabetizar, de buscar outras formas e maneiras de se ter acesso às informações, que partindo deste princípio, inviabiliza o critério de quantificar o número de analfabetos, que não dá conta de uma realidade sobre o acesso e circulação da informação, Thompson chama a atenção para este fato, apontando que “de forma nenhuma o analfabetismo (devemos lembrar) excluía os indivíduos do discurso político”.<sup>153</sup>

Este é um ponto bastante interessante, pois de fato, a estatística sobre o analfabetismo não aponta com clareza os aspectos sobre o conhecimento em si e principalmente o acesso à informação, por razões óbvias, pois a taxa de analfabetismo significa apenas um dado ligado à deficiência na escrita e na leitura.

---

<sup>149</sup> Idem, p 126.

<sup>150</sup> Idem, p 129.

<sup>151</sup> Idem, p 129.

<sup>152</sup> Idem, p 122.

<sup>153</sup> THOMPSON, Edward P. Op. Cit. P 304.

Entretanto, esta noção é bem limitada e digamos simplista, principalmente quando a nossa proposta pretende avançar para além dos dados estáticos e busca compreender a pessoa em si.

Eric Hobsbawm ao estudar um grupo de artífice ingleses do século XIX, nos ajuda com exemplos sobre o que estamos tentando demonstrar. Os sapateiros constituem um ofício exercido por trabalhadores bastante politizados, participativos e combativos. Independente de sua ideologia política, eles poderiam ser encontrados em movimentos grevistas, manifestações, revoltas. Na verdade, têm como características principais, além do seu ofício, o fato de serem ativistas e intelectuais.<sup>154</sup>

Segundo Hobsbawm, a radicalidade tinha origem nas próprias especificidades do seu ofício, no fato de exercerem a sua profissão de forma autônoma, alguns exerciam as atividades em oficinas grandes que abrigavam outros ofícios, desenvolvendo uma coletividade que atravessava barreiras, possibilitando que outros tivessem acesso às informações, instituindo a figura do leitor, que em forma de rodízio, lia jornais ou livros em voz alta para os demais trabalhadores.<sup>155</sup>

Nem todos os sapateiros trabalhavam em grandes oficinas, portanto, muitos exerciam seu ofício em lugares pequenos e sozinhos, como o trabalho não exigia grandes esforços físicos, o cansaço não era um empecilho para o pensamento. “O trabalho do sapateiro, portanto, permitia o pensamento e a discussão durante sua execução; seu frequente isolamento durante as horas de trabalho faziam-no recorrer a seus próprios recursos intelectuais.”<sup>156</sup>

Outro fator apontado pelo autor para o desenvolvimento político e social do sapateiro tinha a ver com o seu próprio público, ou seja, os seus clientes. Para Hobsbawm, “o que realmente o distinguia era o seu contato com grandes quantidades de pessoas humildes e sua independência com relação a seus protetores, clientes abastados e empregadores.”<sup>157</sup>

Esse contato com todos os grupos sociais, principalmente os pobres e a sua independência em relação aos ricos, somado a sua capacidade intelectual, fazia do sapateiro um militante ativo, consciente dos problemas econômicos, sociais e políticos enfrentados pelo seu tempo, onde não somente estavam presentes nos *fronts* de luta, liam para si e para os

---

<sup>154</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Mundos do trabalho: Novos estudos sobre história operária*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. P 151.

<sup>155</sup> Idem, p 161.

<sup>156</sup> Idem, p 162.

<sup>157</sup> Idem, p 167.

outros, demonstrando uma preocupação com a formação das pessoas ao seu redor, dando-lhes acesso à informação inviabilizada pela via formal da educação.

Roger Chartier em um artigo intitulado *Do livro à leitura*, também irá criticar este critério de análise que parte da alfabetização como um determinante do número de leitores e conseqüentemente do acesso à informação. Assim como Thompson, Roger Chartier chama a atenção para a questão da escrita e da leitura, onde “trata-se, portanto de reconstruir, se possível, essas diferenciações mascaradas até hoje pelo emprego da noção necessariamente simplificadora da alfabetização, que opõe sem nuances duas populações: a dos leitores alfabetizados e a dos iletrados”.<sup>158</sup>

Roger Chartier apresenta um argumento bastante interessante e que nos ajuda a pensar a questão da leitura transportada para o universo brasileiro do início do século XX. Esse argumento tem a ver com a posse material do livro, ou seja, essa posse privada não pode ser atribuída como a única forma de leitura, pois o acesso ao texto escrito ocorria de diversas formas: em bibliotecas, empréstimos, e até mesmo leituras realizadas em voz alta.

A leitura feita em voz alta pode ser pensada como uma alternativa para a falta de escolaridade de grande parte da população, que inviabilizava o acesso ao texto escrito, mas também deve ser pensada como uma solução encontrada na própria tradição do ser humano para superar esse desnível educacional. Pois a tradição de transmissão oral remete aos tempos mais antigos, sempre utilizada como recurso de acesso a um conteúdo, mesmo antes da escrita. Contudo, mesmo com a escrita, a leitura em voz alta continuou sendo utilizada como meio de transmissão de conteúdos.

Temos a princípio dois caminhos para o debate, mas que no fim, levam para uma conclusão, o que Chartier chamará de *maneiras de ler*, ou poderíamos atribuir outro termo, o de *leitura social*, trataremos desta ideia mais adiante.

Em um primeiro momento temos a questão da escrita como um fator predominante para a alfabetização e conseqüentemente para a leitura, essa ideia pressupõe que aquele que sabe assinar, por conseguinte sabe ler, caracterizando o acesso a alfabetização e, portando podemos considerá-lo leitor.

Entretanto, ambos, tanto Roger Chartier quanto Edward P. Thompson discordam desta explicação apresentando uma argumentação bastante válida, pois, aquele que não sabe

---

<sup>158</sup> CHARTIER, Roger. “Do livro a leitura.” IN: CHARTIER, Roger (ORG). *Práticas da leitura*. 5ª Edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. P 82.

escrever teria acesso à leitura, ao conhecimento por diversas maneiras, significando que a escrita não seria um critério basilar, ou seja, o acesso ao conhecimento vai mais além do critério da escrita, principalmente ao que diz respeito à leitura, pois o ato de ler um texto escrito pode ser tanto individual quanto coletivo.

Thompson se refere, por exemplo, à necessidade do autodidata em adquirir conhecimento, sendo assim, um trabalhador poderia andar por grandes distâncias para poder ouvir um discurso de um orador considerado radical, assim como em períodos de fermentação política, os analfabetos tinham o costume de pedir aos seus companheiros de trabalho para ler os periódicos em voz alta.<sup>159</sup>

Mas também precisamos ver essa ideia do autodidatismo com certo cuidado, pois o que se fala não necessariamente é o que entende. Como o próprio Thompson nos alerta, quando, por exemplo, uma determinada palavra quando é entendida de maneira errada, esta pode dar outro significado em relação ao proposto inicialmente. A forma de como se entende, determina a ideia do texto. “A capacidade de operar com argumentos abstratos e sucessivos não era absolutamente inata; tinha de ser descoberta à custa de dificuldades quase esmagadoras.”<sup>160</sup>

Roger Chartier apresenta uma conclusão sobre a questão do analfabetismo, que entendemos ser fundamental para o debate, sintetizando o que pensamos sobre o assunto.

Portanto, se todos os homens que sabem assinar podem, sem dúvida, ler, pelo contrário, nem todos que sabem ler podem assinar. Portanto, não é possível restringir a capacidade de leitura das sociedades tradicionais apenas às porcentagens de alfabetização, classicamente calculadas.<sup>161</sup>

Dando um salto para o Brasil do final do século XIX e início do XX, percebemos que todos esses elementos discutidos anteriormente, estão presentes na história dos trabalhadores brasileiros, onde temos uma grande quantidade de analfabetos, porém, estes dados não significam que o universo das letras, dos textos escritos, não tenham sido importantes para a formação de militantes.

Os anarquistas desde sempre, estavam preocupados com a educação do povo, tinham a consciência da necessidade da instrução do operário, assim como a necessidade de instruir toda a sua família, entendendo que a transformação do indivíduo começa pela sua formação.

---

<sup>159</sup> THOMPSON, Edward P. Op. Cit. P 305.

<sup>160</sup> THOMPSON, Edward P. Op. Cit. P 305.

<sup>161</sup> CHARTIER, Roger. Op. Cit. P 80.

Como expõe Élisée Reclus, “que a evolução e a revolução são dois atos sucessivos de um mesmo fenômeno, a evolução precedendo a revolução, e esta precedendo uma nova evolução”.<sup>162</sup>

Essa evolução dita acima está, sobretudo, ligada à educação, nesse sentido, a maioria dos pensadores libertários se dedicaram em algum momento a pensar a educação, fora dos padrões burgueses e religiosos.

Mikhail Bakunin, um dos expoentes mais importantes do anarquismo, como pensador e principalmente, como militante, ao escrever sobre sua tese que trata da instrução integral do homem publicada no jornal *L'Égalité* entre os anos de 1869 e 1871, afirma que as atividades de caráter intelectual e braçal do indivíduo devem ser desenvolvidas de forma igual,

longe de se prejudicarem mutuamente, cada qual deve apoiar, ampliar e reforçar a outra; a ciência do sábio se tornará mais fecunda, mais útil e mais ampla quando o intelectual não ignorar o trabalho manual; e o trabalho do operário instruído será mais inteligente e, por conseguinte, mais produtivo do que o do operário ignorante”.<sup>163</sup>

No movimento operário de caráter anarquista brasileiro, essa preocupação será bastante evidente, não apenas na produção textual, mas também nas próprias ações dos militantes, que percebiam a dificuldade de se transmitir, de realizar a propaganda ideológica por conta do grande número de analfabetos.

Nesse sentido, uma das formas encontradas para tentar diminuir essa distância entre educação e os sem instrução, era fortalecer e multiplicar às festas de associações de classe, onde diversos grupos teatrais encenavam peças que em geral, tinham trechos publicados em periódicos de orientação libertária.<sup>164</sup>

Edgar Rodrigues, um grande memorialista libertário, descreve justamente essa necessidade e vontade de acesso à informação por parte dos trabalhadores, onde aqueles que eram mais instruídos, “tinham de ler os jornais e prospectos em voz alta, em grupo, nos locais de trabalho, nas horas do “almoço” ou nas sedes das associações para que a maioria de analfabetos pudessem ouvir, compreender as ideias, os métodos de luta, memorizá-los, assimilá-los.”<sup>165</sup>

---

<sup>162</sup> RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Editora Imaginário, 2002. P 25.

<sup>163</sup> BAKUNIN, Mikhail. “A instrução integral.” IN: Revista *Novos Tempos*. São Paulo, Editora Imaginário, 1998, nº 01. P 25.

<sup>164</sup> RODRIGUES, Edgar. *O anarquismo: na escola, no teatro, na poesia*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992. P 25.

<sup>165</sup> Idem, p 25.

Abriremos um parêntese para destacar ainda nesse contexto brasileiro do final do século dezenove e início do século vinte, outra forma de ação para buscar diminuir esse foço na educação brasileira, com a criação de diversas Escolas Modernas pelo país, inspiradas em grande medida pela proposta de uma escola racional e libertária de Francisco Ferrer Y Guardia. Destaco a inauguração da Universidade Popular do Ensino Livre em 1904 na cidade do Rio de Janeiro, pensada por diversos militantes, entre eles, Fábio Luz.

Essa leitura realizada em voz alta era uma forma de educação popular, de formação do indivíduo, às vezes a leitura pública carregava consigo uma dramatização, ganhando tons de teatro, de encenação, atraindo o público não apenas pela mensagem lida, mas também pela forma de como era lida e o objetivo deveria ser alcançado por meio dele, ou seja, as leituras públicas verdade tinham como objetivo a divulgação de grandes obras de literatura e do pensamento anarquista.

Não somente as leituras feitas em voz alta serviam como uma via de acesso para o trabalhador iletrado ao conhecimento, aos postulados libertários ou as notícias diárias, mas também se utilizavam do teatro social, onde as peças tinha caráter combativo, explicativo e educativo, tratando de diversos assuntos, desde a ideologia em si como a questão da religião e a sociedade.

Nesse debate sobre a experiência, o cotidiano, a partir de uma análise mais doméstica sobre um determinado contexto, é possível perceber certa intencionalidade desses autores anarquistas, pois sua literatura não estava condicionada no sentido de uma estética literária ou títulos e ascensão social, sendo uma de nossas hipóteses, mas sim, a uma militância política em diversos campos, nesse viés, discordamos do postulado defendido pelo semiólogo italiano Umberto Eco no que diz respeito à intenção do autor. Eco afirma que:

[...] quando um texto é produzido não para um único destinatário, mas para uma comunidade de leitores, o/a autor/a sabe que será interpretado/a não segundo suas intenções, mas de acordo com uma complexa estratégia de interações que também envolvem os leitores, ao lado de sua competência na linguagem enquanto tesouro social<sup>166, 167</sup>.

Concordamos com Eco principalmente quando ele diz que a interpretação deve ser feita por meio de diversos aspectos, mais relacionados à cultura do que a língua. Porém,

---

<sup>166</sup> Umberto Eco entende como tesouro social, “não apenas uma determinada língua enquanto conjunto de regras gramaticais, mas também toda a enciclopédia que as realizações daquela língua implementaram, ou seja, as convenções culturais que uma língua produziu e a própria história das interpretações anteriores de muitos textos, compreendendo o texto que o leitor está lendo.” P 80

<sup>167</sup> ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. 3º edição. São Paulo: Martins Fontes, 2012. Pp 79-80.

discordamos, como colocamos acima, sobre a questão da intenção. De fato, certas intenções de determinados autores serão difíceis de detectar, e a interpretação pode ser problemática.

Destacamos como exemplo, o romance escrito pelo médico baiano de nascimento, mas morador da cidade do Rio de Janeiro, Fábio Luz, publicado em 1903. O *Ideólogo* aborda diversas questões que fazem parte do universo do autor. Se pensarmos no contexto histórico, de reformas, de doenças, de pobreza, da situação de pobreza vivida pela maioria da população da então capital federal. O romance trata dos diversos temas citados, com um tom de crítica social de um presente difícil e apresenta perspectivas para o futuro, propondo uma ruptura com o atual estado de coisas para uma sociedade onde não haja mais a exploração do homem pelo homem.

Contudo, a partir de uma análise da obra, do autor e do contexto, isto é, o cotidiano em que este autor está inserido, as questões sociais, políticas e econômicas podem estar presentes em seu texto. Nesse sentido, a literatura produzida por militantes anarquistas que se utilizam do texto literário como meio de formação política, meio para realizar denúncias, seria um exemplo de intencionalidade textual.

Roger Chartier novamente nos traz elementos bastante significativos para o debate. O autor aponta diferenças entre produção de textos e produção de livros, onde pesquisador francês define como produção de textos, o uso de “senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção.”<sup>168</sup>

O autor assinala que existe um conjunto de práticas que resultam de uma escrita textual, onde o autor tende a impor formas de leitura, que o aproximam do leitor, ou seja, “uma maneira de ler que lhe é indicada, seja fazendo agir sobre ele uma mecânica literária que o coloca onde o autor deseja que esteja.”<sup>169</sup>

A partir desse pressuposto, entendemos que alguns textos escritos podem ser endereçados para leitores específicos, e nesse sentido, podem possuir uma leitura pré-determinada de acordo com o propósito do autor, contudo, a interpretação se dá em grande medida de forma individual, onde cada leitor analisa e absorve o escrito da sua maneira, neste contexto, cada leitor significa uma possível interpretação, convergente ou não, dando múltiplos sentidos ao texto escrito.

---

<sup>168</sup> CHARTIER, Roger. Op. Cit. P 96.

<sup>169</sup> CHARTIER, Roger. Op. Cit. P 97.



Esses múltiplos sentidos ocorrem, não somente por conta especificamente da educação, formação política ou cultural que este ou aquele leitor tenha adquirido ao longo da sua trajetória de vida, mas também é um aspecto que deve ser levado em consideração quando tratamos do autodidatismo.

Thompson, abordando sobre o contexto inglês, durante o processo de formação de uma classe operária do início do século XIX, aborda a temática do autodidatismo e a entendemos como uma ótima contribuição para pensarmos o Brasil do início do século XX. “O autodidata tinha, muitas vezes, um entendimento desigual e difícil, mas era seu. Como tinha sido obrigado a encontrar seu próprio caminho intelectual, pouco tomou de empréstimo: sua mente não se movia dentro da rotina estabelecida de uma educação formal.”<sup>170</sup>

A ideia do autodidatismo como uma busca por uma formação informal e por informações complementa a ideia de diversas formas de leitura de um texto escrito. A busca autônoma por outra maneira de acesso a informação por parte do trabalhador, possibilita ao mesmo tempo outras maneiras de se poder ler um texto escrito.

Partindo desse pressuposto, buscamos de alguma maneira sintetizar as ideias acima, acrescentando o contexto histórico brasileiro de militância anarquista por meio da literatura em um termo que denominamos como *Leitura social*.

Sobre o termo, entendemos por *leitura social*, as diversas formas de se adquirir, de se chegar ao conhecimento contido em um texto escrito por parte daqueles que não sabem ler. Esse acesso ao conhecimento pode ser feito por diversas formas, como as leituras realizadas em voz alta, assim como a encenação de textos escritos publicados em diversos veículos de informação por meio de peças teatrais ou até mesmo canções.

Contudo, dois aspectos devem ser levados em consideração: o primeiro diz respeito aos objetivos, nesse sentido, a formação política, a denúncia e crítica social são os principais pontos buscados por este leitor. O segundo ponto diz respeito à autonomia, onde o próprio leitor iletrado tem a consciência de que a sua formação e conseqüentemente a perspectiva de mudança, só depende dele mesmo, ou seja, o indivíduo sente a necessidade de romper com as barreiras impostas pela sociedade burguesa em relação à educação, buscando instruir-se, educar-se.

A nossa proposta foi pensar e suscitar algumas questões relacionadas ao universo da leitura e dos leitores e principalmente a sociedade de iletrados, tanto no que diz respeito ao

---

<sup>170</sup> THOMPSON, Edward P. Op. Cit. P 305.

indivíduo e quanto a sua coletividade. Sempre refletindo o papel da leitura, ou seja, da literatura produzida como um canal de militância política.

A leitura relaciona-se a dois aspectos principalmente, ao indivíduo em si e à sociedade da qual esse indivíduo pertence, está inserido.

É bastante interessante perceber que os próprios militantes do movimento operário da cidade e os do campo, entendem que eles são os responsáveis pela transformação da sociedade em que estão inseridos, partindo desse pressuposto, a ruptura de uma vida de exploração do homem sobre o homem só será possível por meio das suas próprias mãos.

Nesse ponto, é interessante pensar na proposta autônoma de revolução, não dependendo de militantes profissionais que os guiem para um caminho de luz.

Mesmo com todo o esforço da burguesia e do Estado, porém, não podemos deixar de mencionar o papel importante da igreja nesse processo, de tirar a possibilidade de qualquer tipo de instrução, negando-lhes a educação, o trabalhador buscou se instruir.

Entendendo que a formação é extremamente importante para a crítica, para propor soluções, para o debate em si, para perceber como se dá o processo de exploração, entender os mecanismos que os oprimem.

Além da proposta de autonomia do trabalhador, entendemos o papel essencial da literatura nesse processo de formação, principalmente. Literatura, não apenas em textos ficcionais, mas também o que era produzido pela imprensa operária e nesse sentido a importância da leitura e da educação nesse processo.

*Navegante incerto do mar tormentoso, que é a sociedade atual; tendo vivido aos boléos das ondas tempestuosas da rebeldia, contra todos os preconceitos, contra todos os tiranos e todas as tiranias, contra a propriedade e a autoridade, contra todas as formas de dominação, contra o Estado burguês, autocrata, ou democrata.*

Fábio Luz

### **Capítulo III: O *Ideólogo* e o seu tempo**

#### **III. 1 – Percepções iniciais acerca do romance**

Fábio Luz possuía um vasto conhecimento literário de uma maneira geral, conhecia não apenas os gêneros literários, mas também toda a história que circunda o universo literário. Para Fábio Luz, não bastava apenas escrever, ele precisava dominar os diversos aspectos literários, não para transformar sua obra em cânone, mas para que esses conhecimentos fossem recursos para a elaboração de seus textos. Mas para ele, esse conhecimento teórico também deveria ser aplicado na prática, e principalmente, deveria ser passado adiante, para que outros também tivessem acesso.

Fábio Luz, médico, educador, escritor, e acima de tudo militante, escrevia de forma realista e panfletária, porque realmente acreditava nos seus ideais. O fazia, também, porque acreditava que esses ofícios podem e devem ter um fim, a propaganda ideológica, a formação dos indivíduos, o apoio para a transformação radical da sociedade, além de ter paixão bastante fervorosa pelos ofícios exercidos.

Fábio Luz pregava o amor, acima de tudo, porque realmente acreditava no amor como algo fundamental, inerente ao ser humano, o escritor libertário não apenas acreditava no anarquismo, mais também vivia o anarquismo em seu cotidiano, no sentido de viver com base nos pressupostos defendidos pelos ácratas. Apenas a palavra não basta, a ação é necessária. A pura falácia militante não atraía o médico escritor, ele acreditava e vivia o que defendia, sendo coerente com suas ideias e ideais.

O romance *Ideólogo* de Fábio Luz é publicado no ano de 1903, talvez seja o principal texto escrito pelo autor, por conta principalmente do seu conteúdo e por ser um dos primeiros a abordar essa temática. Está claro que Fábio Luz não tinha preocupações literárias no sentido de viver da pena ou de se enquadrar dentro de um perfil estético que o elevasse ao patamar

dos grandes autores. Entretanto, a obra de Luz pode facilmente figurar entre os principais romances de sua geração. Entendemos e reconhecemos a importância do livro escrito pelo médico anarquista, mas que ainda hoje se encontra no limbo historiográfico e, por que não dizer, literário.

Compreendemos também que o autor, como homem do seu tempo, carrega em seu texto um universo de perspectivas acerca da sua geração, e isso torna o livro tão especial e importante. Trata-se de um romance, que hoje podemos chamar de histórico, mas também podemos e devemos chamar de social.

O livro apresenta uma narrativa que não oferece sinais de dificuldade para o entendimento, sem arroubos de erudição ou fatos desconexos com a realidade, elementos que podem tornar o texto difícil de ser lido. Pelo contrário, a leitura é bastante fácil e tranquila, permite que nos aproximemos de certas personagens com as quais nos identificamos e personagens que odiamos.

Quando falamos em leitura fácil, não estamos dizendo uma leitura simplória, ou seja, por mais fácil seja a leitura do texto escrito pelo médico anarquista, isso não quer dizer que não seja um texto mal elaborado e sem proposta ou propósito, no sentido do olhar literário.

A função do livro de Luz é ser um propagador de ideias e críticas, no qual qualquer pessoa, desde o intelectual até o operário, pudesse perceber claramente a proposta do autor, as questões colocadas por ele em seu texto. Pensamos desta forma porque entendemos que o texto tem uma finalidade evidente, o de exercer um papel de propaganda, de denúncia, de crítica à sociedade.

A narrativa possui alguns personagens principais e outros que perpassam o texto. De uma maneira geral, são poucos personagens, mas todos necessários para o andamento da trama. Os dois personagens principais, Anselmo e Alcibiades, são amigos e conterrâneos de longa data, que vivem no Rio de Janeiro, mas que se diferem na profissão e na ideologia.

Sobre eles Manuel Curvelo de Mendonça destaca:

Ambos, porém, servem ao fim do autor – mostrar a contingência terrível produzida pela sociedade em que vivemos. Enlouquecer, porque viveu segundo ela e os seus princípios, gastando as forças e energias da mesma vida. Regenerar-se, o que quer dizer abandonar os seus preceitos e sentir a necessidade de combater-los ao lado dos grandes reformadores teóricos e práticos.<sup>171</sup>

---

<sup>171</sup> Idem.

O narrador conta de uma maneira bastante agradável os movimentos das personagens, mas não se insere no contexto da trama. Também pode ser visto como alguém que está lendo o texto em voz alta para outras pessoas, prática comum no Brasil da época, onde a maioria da população era analfabeta e os textos eram lidos de fato em voz alta para que todos tivessem o mínimo acesso.

O livro tem um direcionamento claro, objetivando penetrar nos lares das camadas mais baixas da população. Já os representantes das camadas mais ricas e abastadas da sociedade podem entender o texto escrito por Luz como uma afronta ao seu estilo de vida, à sua forma de se relacionar com as outras pessoas, pois são abordados pelo autor como uma *categoria* na qual as maiorias dos indivíduos não têm alma e nem escrúpulos.

Mas esse não é o único aspecto que poderia afastar os leitores ricos do texto de Luz, pois ao retratar de forma fidedigna o cotidiano dos subúrbios ou das prisões, ou seja, ao autor se dedicar a relatar os problemas vividos pelos pobres, às vezes doentes, às vezes presos, o leitor abastado se afasta da trama, não se identificando com o sofrimento do pobre ou se enxergando como daqueles apresentados no romance como um *sem alma*.

Já o outro lado, os mais pobres, podem se identificar facilmente com alguns personagens da trama de Luz, talvez nem tanto com as personagens principais, mas com algumas das personagens transversais que vivem a mesma realidade, sendo na verdade uma representação da sociedade no texto ficcional. Essas personagens transversais são retratadas de forma bastante elogiosa pelo autor.

Elas se relacionam com Anselmo, o *ideólogo*, um advogado rico que tem como um grande objetivo de vida ajudar aqueles que são menos favorecidos. Um personagem bondoso, que mesmo sendo rico, sofre por amor, pela pobreza de seu povo. Seu ímpeto em querer dar tudo o que tem, dividindo com os pobres, tem o objetivo de provocar bons sentimentos no leitor, mas trataremos disso mais adiante.

Como um bom romance, o *Ideólogo* não vive apenas da militância. Existe todo um cenário de tragédia, de relacionamentos que ora permeiam o universo da conveniência e o do desejo de “um bom casamento”, ora perpassam relações nas quais o amor é o principal motivador de sentimentos.

Tragédia para Fábio Luz está relacionada ao cotidiano do ser humano e nesse sentido, Luz explora a tragédia social em diversos aspectos, tais como a maneira que a sociedade burguesa lida com o casamento e todas as suas nuances. Nesse aspecto, o casamento de

Alcibiades serve como argumentação, ele é um médico de relativo prestígio, que vem a se casar com uma mulher de índole duvidosa por conta do seu dote.

O romance dialoga também com a forma como vivem as pessoas mais pobres dos subúrbios, muito bem retratada pelo autor. São provas claras da tragédia social à qual são submetidos os trabalhadores pobres.

A morte acompanha toda a vida das personagens principais do romance, Alcibiades vive à sombra do suicídio da mãe de Elsa, uma criança gerada do romance entre ele, um jovem rico, e uma mulher mestiça e pobre. Assim como acompanha Anselmo, que por pensar mais nos pobres, se descuida do horário, fazendo com que sua mulher, Martha, viesse a sofrer um grave acidente ao ir procurá-lo, acidente este que acaba tirando-lhe a vida.

Não só de tragédias trata o livro de Fábio Luz. Há também alegrias, como novos relacionamentos surgidos por meio do amor, perspectivas de novos rumos para as pessoas que antes eram mal vistas pela sociedade, possibilidades de ruptura de formas de pensar. O livro também revela um grande sentimento de otimismo por parte do autor.

Na verdade o livro está cercado por dualidades que de alguma maneira se complementam. Polos antagônicos entre si, em uma relação onde um não existe sem o outro. A vida e a morte, a crítica à sociedade e a proposta de transformação social, são as tônicas do livro, abarcando a vida do ser humano, perpassando desde o nascimento até a morte do indivíduo.

O romance escrito por Fábio Luz nos deixa um legado bastante extenso acerca da sociedade do seu tempo. A partir do texto, temos diversas impressões da Cidade do Rio de Janeiro do início do século XX, diversos aspectos do cotidiano burguês, como escândalos, formas de enriquecer, etc. Constitui uma substancial crítica à República, assim como expõe o universo das prisões, as realidades dos subúrbios, a exploração do trabalho e a religiosidade popular.

Apresenta uma solução para a sociedade propondo a criação de uma comuna libertária, mas também denuncia aceleração do ritmo de vida, a política sanitária promovida por Oswaldo Cruz, além de destacar a proposta econômica do encilhamento e de abordar o conflito ocorrido no Arraial de Canudos.

### III. 2 – Sociedade em *Ideólogo*

Cabem aqui algumas palavras introdutórias antes de iniciarmos nossa exposição sobre o tema. Entendemos ser mais interessante dividir as percepções sobre o livro *Ideólogo* em três partes: Sociedade; Crítica Social; Anarquismo.

Por se tratar de um romance de cunho social, acreditamos que os três aspectos dão conta de uma leitura mais criteriosa e analítica sobre a obra inserida em um contexto específico. Dentro das três partes, abordaremos alguns aspectos sobre a História e como o autor a percebe.

O livro começa com um diálogo entre dois amigos de infância, muito próximos desde a época do colégio, mas que se separaram na faculdade. Alcibiades viria se formar médico e Anselmo, advogado.

Separados pela formação acadêmica, os dois amigos originários da região Norte do país irão se estabelecer profissionalmente e fixar residência na Capital Federal. Oriundos da classe média, ambos tiveram a possibilidade de estudar, concluir o curso superior e se casar com mulheres do mesmo grupo social.

Entretanto, mesmo tendo praticamente a mesma formação enquanto cidadãos, os caminhos dos dois amigos tomaram sentidos completamente opostos no que diz respeito à formação ideológica, à forma de enxergar a sociedade e às perspectivas para o futuro tanto individual quanto da própria sociedade.

O diálogo entre os dois acontece no consultório do médico Alcibiades, sendo que quem começa a falar é Anselmo. O tema da conversa inicialmente é o casamento entre o advogado nascido na região Norte e a mineira Martha.

Embora Anselmo ame a sua esposa, o relacionamento dos dois não anda muito bem das “pernas”. As brigas, ciúmes, descontentamentos são os pontos fortes dos desentendimentos entre o casal.

Mesmo parecendo algo sem importância, totalmente corriqueiro, sem relevância suficiente para tal destaque, o autor evidencia este ponto no diálogo. Nesse sentido, cabe aqui uma observação. Quando Anselmo fala: “Não maldigo a hora em que a vi porque ainda a amo muito. Vivo por ella e para ella, e é a injustiça que me magôa, é estar ella sempre a me criminar de falta de atenção, de pouco caso e pouco amor, quando eu a adoro.”<sup>172</sup>

---

<sup>172</sup> LUZ, Fábio. *Ideólogo*. Rio de Janeiro: Altina, 1903. P 04.

Fábio Luz quer destacar, ou talvez seja a leitura que estamos fazendo sobre o diálogo, que há um ponto de divergência bastante evidente entre as personagens principais do livro. Anselmo vem a se casar por amor, diferentemente de Alcibiades, que se casa por interesse financeiro.

O próprio Alcibiades reconhece que a sua postura em relação ao casamento é bem diferente da do amigo, que não casou por amor, não tem a mínima preocupação com os sentimentos. Seu desejo é simples e bem característico da sociedade que Fábio Luz tenta, com bastante sucesso, descrever e ao mesmo tempo criticar: “Quero glória, renome, e considero a esposa um acessório indispensável ao médico.”<sup>173</sup>

Logo nas primeiras linhas do romance, Fábio Luz tece seu primeiro ponto de vista crítico em relação à sociedade, pensando a forma costumeira como alguns dos membros integrantes das camadas mais abastadas agiam frente ao matrimônio. Quase que de forma instantânea podemos eleger a personagem favorita de acordo com a índole de quem está lendo o texto, se identificando com as posturas das personagens criadas por Fábio Luz.

Dentro dessa ideia de dualidades, fica claro que a personagem do advogado Anselmo representa o bem, no sentido de ser um personagem de bom caráter, de boas ações e sentimentos, representando o melhor do indivíduo. Completamente o oposto do médico Alcibiades. Embora os dois sejam amigos, este pode ser visto como representante da sociedade que está em decadência, submergida em um mar de luxúrias, em ambições desmedidas, na deturpação dos valores morais do indivíduo.

Ou seja, o que temos na verdade, são dois indivíduos, um representando aquele que é consciente de sua função social e outro indivíduo alienado, deslumbrado por todas as luxúrias oferecidas pela sociedade burguesa.

Se não bastasse a passagem acima transcrita para deixar o leitor decidido de qual personagem escolher como preferido, para estimular ainda mais a sua repulsa, vendo como Fábio Luz fala sobre a Igreja e sua relação com a sociedade.

Para a maioria das famílias burguesas, a Igreja não alimenta a fé, o desejo de salvação, mas “o desejo mundano de appacerer com maiores donativos”.<sup>174</sup> Na verdade, a boa ação não alimenta o desejo de se fazer bem ao próximo, por querer de fato ajudar aquele que tem menos. Alimenta sim o desejo egoísta de aparecer para a sociedade como uma pessoa de atitudes exemplares.

---

<sup>173</sup> Idem, p 12.

<sup>174</sup> Idem, p 14.



A relação entre a fé e o indivíduo se baseia no egoísmo, pois o ato de ajudar o semelhante não era feito de forma sincera. A ação em si não é uma atividade fim, mas uma atividade intermediária entre esse indivíduo, que alcançaria como recompensa o prestígio obtido por meio de sua ação e um lugar cativo no paraíso.

Para que a narrativa de Fábio Luz ganhe tons emocionais, deparamo-nos com uma história bem comum na época, quando rapazes de família de posses acabavam se engraçando por filhas de mestiças pobres. Estas mulheres, com esperanças de um bom matrimônio, para que de alguma maneira pudessem sair da situação de pobreza na qual se encontravam, acabavam se envolvendo demais com esses rapazes ao ponto de ficarem grávidas. Por se tratar de um romance que vai a fundo nas contradições da sociedade burguesa, buscando expô-las, o autor não hesitaria em dar um sentido dramático a um drama social.

Nesse sentido, Alcibiades se envolve com uma mestiça e a engravida. Com receio de um escândalo em sua região que viesse a colocar o nome de sua família em risco, seus pais pegam a criança para cuidar. Entretanto, a mãe da criança não sabendo disso entra em tal desespero por conta do sumiço que tira a sua própria vida.

Mesmo que seja um drama costumeiro na sociedade brasileira, Fábio Luz dará tons ainda mais dramáticos a esse acontecimento no desenrolar de sua trama. Daremos mais atenção a este caso nas próximas linhas.

O Rio de Janeiro de Fabio Luz, nas palavras do narrador, se apresenta como uma cidade linda, de belas paisagens, uma natureza exuberante e encantadora, mas ao mesmo tempo, é uma cidade empobrecida, doente, cheia de vícios e de opressão.

A então Capital Federal pode ser vista como uma cidade dividida entre dois polos opostos, mas que se convergem. Essa convergência ocorre na medida em que há um Rio de grandes riquezas e luxos faustuosos e, do outro lado, ambientes onde a pobreza é o fator predominante, onde vivem e trabalham uma imensidão de trabalhadores, uma sociedade onde muitos existem para servir e outros poucos para serem servidos.

Não estamos entrando no mérito da beleza indiscutível da cidade do Rio de Janeiro, que permanece bela em certa medida até hoje. Pois além da beleza natural, o luxo da burguesia e tudo que a cerca, como os carros, a urbanização a custos sociais altíssimos, atribuiu ao Rio, outros patamares de beleza para além dos seus atributos naturais.

Outro ponto de vista interessante do autor é sobre as mulheres. Na verdade, Anselmo em seus pensamentos, analisa a formação de sua esposa Martha, depois de uma crise em seu relacionamento.

A partir das reflexões da personagem, temos uma noção do processo de formação das mulheres de classe média. Partindo desse pressuposto, a mulher tem uma educação voltada exclusivamente para viver em função de um marido que deveria pertencer ao mesmo grupo social. Tinha uma rígida educação, aprendia diversas línguas, música, bordado, todos os ritos ligados à Igreja Católica.

Nas palavras da personagem: “Metteram-na num internato de irmãs de caridade, ensinando-lhe piano, canto, francez, italiano, inglez, metteram-na nos mysticismos das communhões.”<sup>175</sup>

Sobre a citação acima, gostaríamos de fazer algumas ponderações. Mais levantar questionamentos do que apresentar certezas. O risco é evidente e perigoso, principalmente para o historiador, no sentido da possibilidade de estabelecer relações entre passado e presente e acabar caindo na armadilha do anacronismo.

Pensando na citação do texto de Fábio Luz, acreditamos que a ordem disposta sobre o processo de aprendizagem da personagem Martha não foi casual ou aleatória. Na verdade, se relaciona com o contexto da época do autor.

O ponto que gostaríamos de destacar está relacionado com a música, pois quando o autor relata que a personagem Martha aprendeu piano e canto, essa afirmação pode ser pensada como reflexo da sociedade dentro da obra de Fábio Luz. Talvez não de forma intencional ou com tons de crítica, mas de forma involuntária por conta dos costumes da época. Percebia-se o piano como um instrumento que pertencia à elite, enquanto o violão, por exemplo, era visto como o instrumento ligado à malandragem, as camadas mais pobres da sociedade, um instrumento popular.

Mesmo que no final do século XIX se inicie um processo de *democratização do piano*, como afirma um dos mais importantes pesquisadores da história da música brasileira, José Ramos Tinhorão, o piano ainda simbolizava um status que diferenciava os cidadãos ricos dos pobres.

Na verdade, até bem entrado na segunda metade do século XIX, possuir um piano, no Brasil constituía privilégio de algumas poucas famílias de Pernambuco, da Bahia, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, o que conferia ao instrumento uma sonora conotação de nobreza, poder, cultura e bom nascimento.<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> Idem, p 75.

<sup>176</sup> TINHORÃO, José Ramos. *História social da música popular brasileira*. 2ª Edição. São Paulo: Ed 34, 2010. P 136.

Voltando ao texto de Fábio Luz, a descrição do narrador sobre um típico representante da burguesia é bastante interessante. “Tinha o typo de adido de legação, oco e vasio, dentro de uma bem talhada sobre-casaca, com a grande importância de um monóculo que o obrigava a uma contração muscular contínua deformando-lhe o rosto, esgazeando-lhe o globo ocular. Era completo!”<sup>177</sup>

O que nos chamou a atenção foi o uso da palavra *deformar*, pois não foi apenas nesse momento que o autor se utilizou desta palavra para fazer alusão à estética burguesa. Ao descrever a esposa, Anselmo também utiliza a palavra para expor a forma como sua esposa utilizava as roupas com o espartilho, que acabava por deformá-la. Isso dá a dimensão da crítica de Fábio Luz sobre o ser humano, ao submeter-se a uma estética a qualquer custo para se encaixar nos moldes pré-estabelecidos pela sociedade.

Podemos ir mais fundo. Na verdade, isso representa para o autor algo que ele não entende, pois para ele o ser humano não deveria se submeter desta maneira. A felicidade que Fábio Luz tanto reivindica estaria em si mesmo, na forma de ver a vida principalmente por meio da ótica da liberdade, e não por meio da escravidão de uma estética ligada a uma sociedade burguesa permeada pelas aparências.

Anselmo deixa claro que, sua esposa não seria a pessoa ideal para que ele compartilhasse uma vida. Para ele, “se fosse educada na liberdade fecunda dos campos, habituada ao trabalho e a fadiga, seria uma esposa exemplar.”<sup>178</sup>

Isso levanta outro aspecto: o narrador descrever a esposa de Anselmo e Elsa de formas bem diferentes, deixando clara a sua preferência. Elsa, filha de Alcibiades com uma mulata, que ele não assumiu (a tarefa ficou a cargo de seus pais que a adotaram e a criaram como se fosse sua filha), não sabe de toda essa trama que envolve a sua vida. Ela se vê como irmã de Alcibiades.

Elsa ganhará papel de destaque na trama elaborada por Fábio Luz. Mas, nesse primeiro momento, vamos nos ater a sua descrição, que de alguma maneira nos dá pistas para o que ainda irá acontecer.

Elsa teve sua formação assistida de perto pelos seus pais adotivos, mas desde o início mostrou ser uma menina diferente das outras do seu mesmo círculo social. Possui uma personalidade de certa maneira autônoma, não se submetendo aos caprichos, deformações ou regras estabelecidas pela moda burguesa. Estudou História, Botânica, ou seja, era uma menina

---

<sup>177</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 84.

<sup>178</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 75.

que não sabia tinha sido adotada, mas era bem rica, e mesmo assim, deixou de lado os arroubos faustuosos de que poderia se valer para estudar disciplinas mais reflexivas, que buscam estimular o debate, o pensamento. Na verdade, ela optou por se dedicar a áreas mais humanas, indo na contramão da formação do grupo social a qual fazia parte, não se dedicando a preencher o vazio da vida de aparências levada a cabo pela sociedade burguesa.

O narrador revela certa admiração de Anselmo pela formação de Elsa, expondo um gosto por mulheres que possuem autonomia ao invés das que se submetem aos prazeres e tentações burguesas.

Um romance que é ambientado na cidade do Rio de Janeiro acaba sempre nos revelando um pouco mais do cotidiano da cidade. Além das belas paisagens descritas pelo autor, o Centro da cidade também tem seu destaque. Nele circulam belas e ricas senhoras, em um desfile de elegância e ostentação, automóveis. Na Rua do Ouvidor, por exemplo, circulam muitas pessoas elegantes, cobertas de sedas e joias.<sup>179</sup>

Mesmo sendo um texto de crítica e propaganda, o *Ideólogo* também é um romance, logo algumas tramas são desenhadas em segundo plano, mas elas também podem ser vistas como uma crítica a partir do momento que Fábio Luz descreve, na maioria dos momentos, uma sociedade hipócrita e em decadência.

O médico escritor toca em um ponto bastante complicado para a sua sociedade, que é dominada culturalmente e religiosamente, desde a chegada dos portugueses em nossas terras, pela Igreja Católica.

Nesse sentido, o adultério feminino é visto como um tabu, por dois pontos em nosso entendimento. Pela ideia de pecado em si e pela imagem negativa que acaba manchando o nome do marido e de sua família. Entretanto, não se demonstra em nenhum momento algum tipo de preocupação com a mulher, sintetizando a ideia de uma sociedade extremamente machista e sexista.

Na trama escrita por Fábio Luz, e justamente a esposa de Alcibiades, que de se casarem, já tinha o hábito de se envolver com outros homens, mesmo que estes fossem casados. Antes do casamento, ainda em Petrópolis, onde vivia com os pais, Eulina se envolveu com um homem casado. Sem se importar com o escândalo que poderia, dentro dos padrões da época, manchar de alguma maneira a sua reputação, Alcibiades veio a se casar

---

<sup>179</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. Pp 89-90.

com ela. Mas ele tinha um objetivo bem específico para ser conquistado: adquirir o dote de sua futura esposa.

O casal formado por Alcibiades e Eulina, no romance, representa a percepção do autor em relação ao casamento burguês. De maneira geral, eles levam uma vida confortável e sem grandes preocupações, e Eulina continua praticando o adultério depois de se ter casado. Embora tenham uma vida mais tranquila do que os trabalhadores mais pobres no sentido financeiro, a falta de caráter no trato, a forma como conduzem suas vidas por conveniências, acaba indicando uma sociedade em franca decadência.

Fábio Luz não se restringe a apenas descrever a sociedade burguesa e as suas contradições. Ele também destaca algumas páginas de seu romance para apresentar o universo da pobreza, descrevendo como vivem esses trabalhadores explorados pelos grandes burgueses e pelo Estado.

O autor destaca a forma como vivem, no sentido de mostrar, para quem lê o seu livro, que a vida nas camadas mais pobres da sociedade é bem difícil e tem como culpado o próprio burguês que por ventura lerá o seu livro.

A fome que assola os moradores do subúrbio, as péssimas condições de moradia, os baixíssimos salários que recebem de seus patrões, a falta de vestimentas adequadas para suportar uma temporada de frio, até mesmo para o dia a dia.

Na verdade o autor nos leva a refletir sobre a forma como eram tratados pelo Estado, assim como o Estado tratava a região onde se encontra a maioria das moradias dos trabalhadores, sem saneamento básico, questão que também pode ser pensada como uma bastante atual. A labuta sol a sol sem leis que regulamentavam o seu trabalho, e quando interrompesse o trabalho, por mínimo que viesse ser o problema levantado por ele, o trabalhador poderia vir a perder seu emprego, por motivos banais e sem nenhuma justificativa. E os patrões não se preocupavam, pois a oferta de trabalho era bem menor do que a oferta de pessoas dispostas a trabalhar.

De certa maneira, Fábio Luz descreve a sociedade criticando-a, expondo suas fraquezas, mas também algumas virtudes, pessoas que podem mudar a partir da tomada de consciência do seu papel nesta sociedade.

### III. 3 – A Crítica Social em *Ideólogo*

Logo nas primeiras páginas do livro, em nossa interpretação, Fábio Luz já traça uma crítica bastante contundente, que se relaciona diretamente à vida pessoal do autor, não se limitando apenas ao campo ficcional da personagem.

No diálogo inicial entre Alcibiades e Anselmo, este último, relata alguns dos devaneios cometidos por sua esposa, Martha, que possui sentimentos de fidalguia, mesmo não passando perto de tal posição. Por conta de tal sentimento de nobreza e imbuída de sentimentos excludentes, Martha não via com bons olhos nada que não fosse oriundo das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Para ela, as coisas e os serviços prestados por pessoas não originários destas duas cidades eram de qualidade duvidosa, para não dizer ruins.

Em busca de controlar um dos ataques da sua esposa, Anselmo consegue leva-la para poder se consultar com um amigo médico que sempre o tratara (não fica claro no texto se esse médico é Alcibiades). A reação foi completamente diferente da esperada. Martha ficou ainda mais transtornada ao saber de que se tratava de um médico formado pela Academia de Medicina da Bahia, fora do eixo Rio, São Paulo.

No texto, a personagem se coloca; “dizendo que os médicos formados por aquela Academia eram todos burros.”<sup>180</sup> Isso quer dizer que para a personagem, o médico poderia ter origem nortista, mas independente de qualquer coisa, deveria ter se formado pela Escola de Medicina do Rio de Janeiro.

Esse fragmento nos faz entender a maneira de como a elite da capital federal percebe os demais estados e conseqüentemente seus moradores. Excetuando-se os estados de São Paulo e Minas Gerais, os demais, principalmente os do norte e nordeste do país, eram vistos como atrasados, habitados por pessoas sem educação, não desenvolvidos, estados que ainda vivem submersos em um passado colonial.

Martha se dizia descendente da fidalguia portuguesa, mesmo tendo apenas um pequeno sítio em Minas Gerais e seu tio que mesmo em declínio financeiro, conservava se título de Barão. Com uma situação econômica não condizente com o seu discurso, Martha sempre fazia questão de dizer, inclusive em relação ao seu marido, como expõe a personagem de Anselmo, que ela tinha “nojo da gente do norte. Chama-nos descendentes de negros apegados aos hábitos e costumes coloniais”.<sup>181</sup>

---

<sup>180</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 06.

<sup>181</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 06.

Essas passagens não estão no texto para encorpá-lo ou por um mero recurso literário. Na verdade, se trata do próprio universo do autor inserido na narrativa ficcional. Pois Fábio Luz, além de ser baiano, cursou e se diplomou como médico pela Academia de Medicina da Bahia. Ou seja, na verdade, toda essa exposição do autor representa uma crítica de Fábio Luz à sociedade de sua época, no sentido de que o preconceito entre as diversas regiões do país era mais evidente, principalmente em relação à região norte, não muito diferente dos tempos atuais.

Em um diálogo bastante interessante, Anselmo, o *Ideólogo*, começa a expor suas observações sobre a sociedade obtidas por meio de suas experiências cotidianas como advogado criminal.

Mesmo tendo a mesma origem burguesa que Alcibiades, que exerce sua profissão com o único intuito de enriquecer e obter status sociais, Anselmo faz do seu ofício de advogado não apenas uma fonte para o seu sustento, mas também e principalmente uma possibilidade de ajudar aqueles que não têm condições financeiras para poder levar uma vida ao menos digna. Aqueles que não podem se defender das artimanhas do Estado e da burguesia em um Tribunal de Justiça.

Ao defender os *gatunos*, Anselmo acredita que está de alguma maneira fazendo uma reparação por todos os danos causados pela burguesia e pelo Estado desde muito tempo à população pobre de uma maneira geral. Pois os defende para “compensal-os das injustiças sociaes”<sup>182</sup>.

Não é apenas culpa da burguesia pela situação em que se encontram essas pessoas, mas também do Estado, que ao em vez de promover ações que possam recuperar esses indivíduos que cometeram algum tipo de crime, na verdade criam as condições que os estimulam ainda mais para a permanência na vida criminosa, na visão de Anselmo.

Para o autor, a Casa de Detenção se trata de um lugar onde se forma pessoas viciadas. Lá se diplomam no ofício do crime, obtendo formação continuada no uso de *instrumentos* e *objetos* que o aprimorarão no crime. Ou seja, ao em vez do sujeito se corrigir, ele sairá ainda pior, o que dá um caráter de inutilidade à Casa de Detenção.

Problemas bastante atuais, que Fábio Luz já evidenciava no início do século XX, e que nos fazem pensar que ele tinha razão ao criticar o Estado pela forma como procede com os detentos das Casas de Detenção.

---

<sup>182</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 17.

A começar pelo tempo dos processos para serem julgados, que determinam o tempo de estadia de um detento na Casa e que podem variar com a posição social deste detento. Mesmo que o crime cometido pelos mais pobres possa ter sido mais brando, ele esperará bem mais para ser julgado, na lógica do autor.

A Casa de Detenção não era um lar provisório apenas de pequenos ladrões. Lá também habitavam aqueles que eram considerados inimigos da República. Na verdade, toda a ação desses *revoltados* legitimava o rigor das perseguições e das punições daqueles, que entendiam que a República era um fim em si mesmo, governando para os seus pares e não para aqueles que o elegeram.<sup>183</sup>

O problema vai mais além. A questão não é a Casa de Detenção em si, mas o que vem antes dela. Ou seja, se a distribuição de riqueza acontecesse de forma igualitária, não existiria uma sociedade dividida em classes. Na verdade, seria uma sociedade onde todos pudessem ter acesso à educação, e as Casas de Detenções não seriam problemas. O indivíduo não precisaria cometer crimes para conseguir comida, pois isso não aconteceria em uma sociedade igualitária, na perspectiva do autor.

O que está em jogo na verdade, é o debate moral sobre a sociedade entre os dois amigos burgueses. Anselmo se recente pela situação atual das pessoas, representando os intelectuais que se identificavam com as teorias socialistas ou anarquistas e que pensam a sociedade criticamente, buscando perceber a origem da situação atual da sociedade, entendendo que o sofrimento do outro é o seu sofrimento também.

Já o outro lado, o da burguesia que só pensa em acumular, ignora, age de forma completamente alheia à situação social do país, entende que divisão social em classes é fundamental para separar os ricos dos pobres. Esse grupo de pessoas é representado por Alcibiades.

“Pode haver bem estar onde há sofrimento?” Pergunta Anselmo. Na verdade é o próprio autor se perguntando e estimulando o leitor a se questionar sobre a sociedade em que vive. Como destacamos anteriormente, a época em que Luz escreve é bastante tumultuada. Havia dez anos, aproximadamente, que o Brasil deixava para trás uma monarquia de quarenta e nove anos sob o governo de Dom Pedro II. O país acabara de deixar de ser um lugar da escravidão. Enfim, essas e outras questões estavam nas rodas de debates da época.

---

<sup>183</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. Pp 111-112.



Fábio Luz estava convidando o leitor a pensar a sua sociedade de forma mais crítica, demonstrando por meio de um diálogo, com argumentos de ambos os lados, mas evidenciando o lado que ele entende ser o correto, e chamando a atenção do leitor para os problemas sociais, para que este não tivesse satisfeito com a situação, que este pelo menos se questionasse sobre o seu papel dentro dessa sociedade.

Ele não apenas convida, mas também demonstra a situação do trabalhador no Brasil, destaca o desemprego, a miséria dos subúrbios e dos bairros pobres, os processos financeiros.

E o Estado sempre a matar o operário, despedindo turmas e turmas dos arsenaes, para entregar mediante sommas fabulosas as construcções a industriaes estrangeiros, concedendo a titulo de educação fóros de casa de correcção infantil a uma exploração capitalista da infância transviada.<sup>184</sup>

Na verdade, trata-se de uma crítica contundente da personagem de Anselmo, que pode ser pensada como a própria exposição da forma de pensar do autor, que sem nenhum constrangimento, critica o Estado e a burguesia por toda a exploração do trabalho, por toda a situação de pobreza que essas pessoas se encontram. Essa é, a forma de pensar do próprio Fábio Luz, demonstrada não apenas na narrativa ficcional publicada no ano de 1903, mas em todos os seus escritos publicados ao longo dos seus longos anos de militância anarquista, nas diversas frentes, principalmente, em jornais ácratas.

Em um diálogo entre a personagem de Anselmo e Jorge<sup>185</sup>, um terceiro personagem surge de forma repentina na cena. Martha, a esposa de Anselmo, que ouve a proposta dele, de criar uma *colônia de iguaes*, na qual ela também seria um membro. Portanto, iria dividir o mesmo espaço com pessoas pobres, como Jorge, e iria ter que trabalhar assim como os demais. Ela entra em desespero e critica ferozmente o marido. Essa crítica expõe o pensamento de um grupo econômico que detém a riqueza em relação ao grupo econômico que detém apenas o direito de ser explorado.

Fica bastante evidente e fácil de identificar a crítica social que o autor pretende realizar a partir da fala da personagem Martha. Expõe de maneira objetiva a maneira como os ricos de então enxergavam os pobres, além de confrontar a opinião desse grupo que detém o poder econômico sobre a possibilidade da perda desse poder para viver em uma sociedade onde todos seriam iguais. A menor possibilidade de nivelamento da sociedade era vista como

---

<sup>184</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. Pp 24-25.

<sup>185</sup> Esse diálogo faz referência à proposta de Anselmo em criar uma colônia de iguais e o convite a Jorge. Esse diálogo será discutido no sub-item Anarquismo.

uma ofensa para a burguesia de uma maneira geral. Igualar-se a uma pessoa mais pobre era uma opção que não passava pela cabeça desses indivíduos.

Da mesma maneira que podemos identificar certo sentimento de otimismo, no sentido de que Anselmo, ou o próprio autor, mesmo tendo origem burguesa, se dispunha a ajudar aqueles que não possuem recursos financeiros e conseqüentemente, educacionais.

Ou seja, o local de nascimento não implica que todos os membros desse grupo pensem a sociedade da mesma forma, havendo a possibilidade de mais pessoas com recursos se identificarem com a proposta do autor e, de alguma maneira, contribuíssem para com os demais. O autor, na verdade, está chamando a responsabilidade essas pessoas, para que elas comecem a refletir sobre esses aspectos, a partir da leitura do seu romance cheio de tons militantes.

Sobre a crítica levantada pelo autor, boa parte das pessoas que fazem parte do mesmo grupo social da personagem Martha, entende que o pobre é sinônimo de imundice, ignorância, enfim, eles são vistos como *porcos*.<sup>186</sup> Não percebem que aqueles que possuem condição social inferior não vivem na ignorância e na inércia por opção, justamente ao contrário, vivem assim pela falta de oportunidade para poder evoluir.

Fábio Luz não fica apenas no universo imaginário do pobre, vai a fundo na realidade como destacaremos na citação a seguir:

Anselmo parou junto ao córrego infecto, em parte coberto por um bambual. Em frente a uma serie de casinhas, antigas senzalas talvez, ficava um pequeno pateo batido e varrido, indo terminar no córrego; do lado da rua, entre o matto rasteiro e o capim, corria uma sargeta, onde lama cheia de detritos se escoava lentamente, exhalando um cheiro detestável de matérias orgânicas em decomposição. Do outro lado, dando para a outra rua, mulheres lavavam, e cantavam em um terreno baldio, onde as hervas cresciam livremente.<sup>187</sup>

Passagem bastante interessante por revelar alguns aspectos importantes da cidade do Rio de Janeiro. Nela, o autor descreve um pouco da triste realidade vivida pelos moradores dos subúrbios cariocas, como o próprio Fábio Luz, que como já destacamos, morou no bairro do Méier.

Por isso, o autor demonstra conhecer bem essa realidade. Como destacamos no capítulo anterior, Fábio Luz, como médico, atendia pacientes pobres do seu bairro e de bairros

---

<sup>186</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. Pp 71-72.

<sup>187</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 115.

vizinhos de forma gratuita, a fim de colaborar com pessoas que dificilmente teriam acesso a um acompanhamento médico de qualidade.

Cometeríamos um erro grave se abordássemos a Revolta da Vacina que ocorreu no ano de 1904, ou seja, um ano depois a publicação do livro aqui estudado. Entretanto, percebemos a partir do romance escrito pelo médio anarquista que as bases que motivaram o movimento contra a vacinação obrigatória estavam sendo alicerçados há alguns anos antes da eclosão da revolta.

Fábio Luz retrata em certo momento do romance o universo, como destacamos acima, do pobre que vive no subúrbio. Na trama, o advogado de tendências libertárias foi visitar Jorge, que doente e cercado de vizinhos, se perguntam quando o *Commissario de Hygiene* iria averiguar a possível doença de Jorge.

Fica evidente que a população pobre já temia Oswaldo Cruz e seus métodos de tratamento de doenças. “Dizem que só os pobres é que vão e que na gente se faz experiência do remédio que vem de Manguinhos (...). Diz que lá se aproveita a gente para fazer estudo e que depois de morto se vae para os estudantes.”<sup>188</sup>

Esse imaginário popular, de duvida, da desconfiança em relação ao futuro desconhecido em Manguinhos, aos métodos aplicados pelo famoso sanitarista, demonstram porque a aprovação da Lei Federal nº 1261, de 31 de outubro de 1904, que no seu primeiro artigo diz: “A vacinação e revaccinação contra a variola são obrigatorias em toda a Republica”<sup>189</sup> foi o estopim de um movimento, que já tinha suas bases elencadas nos anos anteriores.

Mais uma vez a realidade se confunde com a ficção, pois ao abordar a questão das doenças que atingiam principalmente a população pobre da cidade e a forma como os pobres vivem, isso nos remete ao subitem sobre saúde no qual abordamos, no capítulo anterior, a relação entre o autor e o médico, onde este aborda a questão social por trás das doenças. Isso significa que Fábio Luz tratou pelo romance em 1903, o que ele iria abordar novamente anos depois, mas em formato de folheto.

Nesse folheto, Fábio Luz disserta sobre a tuberculose como uma doença social, embora o autor não especifique a doença de Jorge no romance. Na verdade, a forma como a sociedade pobre dos subúrbios cariocas vive são os indicadores de que a doença, não a sua

---

<sup>188</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. Pp 117-118.

<sup>189</sup> <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1900-1909/lei-1261-31-outubro-1904-584180-publicacaooriginal-106938-pl.html>. Acessado em 20 de setembro de 2015.

origem, mas causas são por conta da situação de vida dos mais pobres. Explica o médico romancista que à falta de luz, a não circulação de ar pelos ambientes, somados à fome, o frio, dos cômodos apertados onde vivem um número grande de famílias, a falta de recursos para tratamento, só contribuía para a proliferação dessas epidemias de doenças como a tuberculose.

Fábio Luz expõe a ineficiência dessa República que, apoiada nas instituições que cercam, como a Assembleia, está em situação de decadência. Uma República na qual o Executivo e o Judiciário se somam ao Legislativo decadente. O Estado e as instituições que a cercam, para Fábio Luz estavam falidas.

Embora o romance escrito por Fábio Luz não esteja listado no rol dos grandes clássicos de nossa literatura, nem o próprio autor tenha o devido reconhecimento, por toda a sua história de militância, ele deve ser lido com bastante atenção, e assim podemos compreender diversos aspectos históricos sobre o Brasil dos anos de 1900.

Hoje, o *Ideólogo* nos dá uma aula de História do Brasil durante a transição dos séculos XIX e XX. E justamente por expor os aspectos cotidianos de uma forma bastante realista, no fim, acaba estabelecendo uma linha tênue entre a ficção e a realidade, tanto na época em que foi lançado, quanto ainda hoje.

Por conta de sua característica realista, o romance sofreu severas críticas na época em que foi lançado, pois o texto aborda diversas nuances desta jovem República chamada Brasil. Aborda também, as contradições de uma sociedade em vias de modernização política e econômica.

Como destacamos anteriormente, por ser tratar de um livro produzido com uma proposta de ser bastante realista, que busca evidenciar e criticar as contradições presentes na sociedade de então de uma forma bem didática, para que todos pudessem compreender o que estava escrito e que hoje o livro de Fábio Luz pode ser lido como um excelente recurso de compreensão histórica.

Nesse sentido, o autor aborda em seu romance diversas temáticas sobre o seu cotidiano e que hoje se destacam como tópicos muito recorrentes e importantes em nossos livros didáticos.

Em diversos momentos, Fábio Luz evidencia as algumas questões que permeiam o universo do trabalhador pobre, no qual às vezes lhe falta o básico para a sobrevivência humana, como a comida, tanto quanto o universo da alta burguesia da capital federal, no qual

as pessoas se preocupam com o luxo, com os escândalos matrimoniais baseados não nas relações amorosas, mas nas relações econômicas.

O autor não se limita em destacar apenas as contradições e dualidades presentes na sociedade. Ele também escreve sobre situações reais, como por exemplo, o fez ao denunciar as diversas artimanhas utilizadas pelos políticos para permanecerem no poder. “Sob a denominação de Política de Governadores se fundará uma oligarquia de mandarins, e as Assembleias unânimes no apoio incondicional encampavam todas as negociatas”.<sup>190</sup>

Na verdade, a citação acima, assim como todo o livro do médico escritor, serve como resposta a uma das perguntas, do nosso projeto, no que diz respeito à literatura como uma fonte de conhecimento histórico, mais especificamente, o romance. O texto favorece a nossa resposta pela própria proposta do autor em escrever um romance de caráter realista, mas não preso a padrões estéticos de estilos literários, imbuído de novas paixões literárias que proporcionavam ao autor um novo posicionamento sobre a política.

Nesse sentido, encantado com o universo libertário, Fábio Luz desejou expressar na forma de literatura, outra paixão, todas aquelas ideias novas dentro de um contexto específico, a realidade da sociedade em que vive.

Fábio Luz destaca o Encilhamento e o Funding-Loan, políticas econômicas promovidas pelo Governo Federal, de uma forma negativa. Pois na verdade, elas só estimulam o sentimento de enriquecimento a qualquer preço, a esperança de investimentos e lucros que seriam obtidos de forma duvidosa. “Os operários estão sem trabalho; os processos financeiros do funding-loan empobreceram a indústria, mataram quase a lavoura.”<sup>191</sup>

### III. 4 – Anarquismo em *Ideólogo*

“Não sei ainda o que sou”<sup>192</sup> diz Anselmo respondendo a um questionamento de Alcibiades sobre o sentimento político do amigo, que a partir de uma série de colocações, faz com que ele se perguntasse se estava virando *anarchista*.

Acredito que talvez seja o próprio sentimento do autor em relação a sua perspectiva política. Como destacamos no capítulo anterior, Fábio Luz se aproxima do anarquismo na

---

<sup>190</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 113.

<sup>191</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 24.

<sup>192</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 18.

virada do século XIX para o XX, quando Kropotkin lhe é apresentado. A partir de então, se identificou com as ideias colocadas pelo anarquista russo, e o médico escritor passa então, a frequentar e militar nas fileiras libertárias.

Levando em consideração que o romance de Fábio Luz foi publicado em 1903 e pensando no relativo tempo que o texto demorou a ser produzido, tudo nos leva a crer que a posição de Anselmo em relação ao anarquismo reflete a posição do autor sobre sua perspectiva política.

O debate inicial entre Anselmo e Alcibiades evidência a presença das ideias anarquistas na sociedade brasileira, mesmo que a esmagadora maioria da população as enxergasse de forma negativa. Isso fica claro mesmo em um romance que, logo nas primeiras páginas, deixa o leitor ciente da sua proposta, o que hoje podemos chamar de “Romance Social”, assumidamente anarquista.

Alcibides, em várias oportunidades levanta a suspeita de que o amigo tenha se tornado anarquista, ao mesmo tempo em que demonstra a forma de pensar da sociedade burguesa. “Estás ficando anarchista”<sup>193</sup>. “Deixa-te de utopias e enriquece”<sup>194</sup>. “Queres transportar esses idéaes novos só applicaveis aos paizes exhaustos da Europa?”<sup>195</sup>

Podemos estabelecer vários aspectos a partir dessas colocações. Pensando no livro de Fábio Luz, sem esquecer a historiografia, notamos a presença do anarquismo como a principal tendência política norteadora da classe operaria brasileira, ideologia vinda juntamente com os imigrantes do velho continente. Isso que dizer que aquele que criticasse o Estado ou estivesse próximo dos pobres no pensar e agir seria confundido ou identificado como anarquista, pelos menos simpáticos a tal ideologia.

Mas esse não é o único objetivo de Fábio Luz. Ele também quer instruir o leitor sobre alguns pressupostos do anarquismo, levantar questionamentos também feitos anteriormente pela Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). Ou seja, não é novidade o tema sobre o qual o autor está escrevendo, mas a forma pode ser vista como novidade, pelo menos no Brasil, ao propor essas questões em um romance.

As questões sobre a herança e o trabalho são os pontos autos desse primeiro debate entre os amigos. Entretanto, como já mencionamos, as duas questões também são frutos de debates dentro da AIT, como exemplificaremos na citação a seguir.

---

<sup>193</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 18.

<sup>194</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 19.

<sup>195</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 21.

É declarar que em direito, a riqueza social adquirida, o capital acumulado, são inalienáveis e intransmissíveis por via de hereditariedade; enquanto que, ao contrário, a produção cotidiana, o produto do trabalho atual, a recompensa do esforço individual, devem pertencer absoluta e exclusivamente ao indivíduo.<sup>196</sup>

De forma bem didática, simples e clara, Fábio Luz trata sobre os temas ligados à política. De uma forma bastante objetiva, apresenta-os com o intuito de levar essas ideias a um número maior de pessoas. Na verdade, ele está militando entre seus leitores.

A sociedade burguesa, na figura de Alcibiades, defende a divisão do trabalho entre intelectual e manual. Já Anselmo, o *Ideólogo*, entende que é importante que os indivíduos exerçam as duas formas de trabalho. Pois todos têm a mesma capacidade, mas a exploração da burguesia e do Estado sobre os trabalhadores não permite que este desenvolva suas habilidades artísticas e intelectuais. Para a personagem de Anselmo, todos deveriam ser “ao mesmo tempo obreiros e artistas, intelectuaes e manufactureiros”<sup>197</sup>.

Um das causas que levaram a essa discrepância na sociedade, a essa divisão desigual foi herança, na opinião de Anselmo, mesmo este tendo se beneficiado de tal instrumento. Como diz a personagem: “Mas essa mesma herança me desgosta, porque indago de mim mesmo se do berço trouxe alguma cousa de diferenciação do resto da humanidade, e se melhor do que outros nasci para gosar descansado do que elles não conseguem com labor insano?”<sup>198</sup>

Para ele, a herança não contribui para o bem estar social, mas sim o bem estar individual. A herança tem origem na exploração do trabalho alheio. A riqueza de hoje foi adquirida por meio do suor e lágrimas dos trabalhadores de outrora.

Obviamente, Alcibiades como bom representante da burguesia, tem o posicionamento completamente oposto ao de Anselmo. A discordância dos amigos e os argumentos do advogado bem próximos dos pressupostos libertários soam de uma forma bem didática, aproximando o leitor das ideias de Anselmo. Na verdade, como sugerimos antes, é bem fácil tomar partido. De uma forma bem simples, envolvido por meio do emocional, alguns leitores, principalmente os não liberais, tendem a se identificar com o amigo advogado.

Pois entendemos que o romance foi escrito também para que os leitores se identificassem com ele, e a partir daí, aproximar o leitor das ideias anarquistas, levando o

---

<sup>196</sup> MALON, Benoît. *A Internacional: Sua História e seus princípios*. São Paulo: Ed Imaginário, 2014. Pp 83-84.

<sup>197</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 22.

<sup>198</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 26.

leitor a questionar a sociedade e a política em que está inserido. Ou seja, o romance de Fábio Luz tem como recorte temporal a contemporaneidade do próprio autor. O autor escreve sobre a mesma época e sociedade que está vivendo e seus personagens são representações dessa sociedade e do próprio autor.

Anselmo, ao se recordar de sua infância, vivida no campo, destaca a alegria de uma vida simples e honesta, mas que infelizmente teve a sua paz perturbada pela presença do Estado. Essa digressão feita pelo narrador sobre o passado de Anselmo, estabelece uma comparação com o presente. Em certa medida, podemos perceber a concepção de história do Brasil e evidenciar a sua concepção política.

Para o autor, a roda da História se movimenta por meio da evolução da sociedade. Essa evolução se caracteriza pelo surgimento e desenvolvimento do Estado, de todo o seu aparato burocrático, substituindo uma sociedade coletiva, na qual todos se apoiavam mutuamente por uma sociedade individualizada cerceada por toda a burocracia estatal. Nas palavras do autor: "O Estado perturba e impede a tendência constante do homem para a felicidade."<sup>199</sup>

O aparecimento do Estado dentro do processo evolutivo da sociedade aparece como algo limitador para o indivíduo, que deixa de ser alguém livre e é absorvido pelo Estado e por sua burocracia. Uma organização social que se baseia na relação de poder entre exploradores e explorados.

No Brasil, a Monarquia deu lugar à República, mas a relação entre fraco e forte permaneceu. A *Constituição Positivista* da República, fez não apenas permanecer, mas também acentuar as distinções de classe, de gênero, entre operário e patrão, homem e mulher. Ou seja, para o autor: "A divisão do trabalho e a distribuição equitativa do bem estar artístico e intelectual e physico continuariam como privilégio de classes."<sup>200</sup>

Anselmo, pensando na sua sociedade, tinha a liberdade como uma mentira e a igualdade como um sonho. A liberdade, a democracia reivindicada pela República, não passava de uma mera falácia, uma farsa. Nesse sentido, a igualdade entre os indivíduos, para o autor seria um sonho.

A personagem de Anselmo em diálogo com Jorge, a personagem que representa o lado menos atrativo da cidade para os burgueses, um pobre, trabalhador, que sofre na pele toda a exploração da sociedade burguesa. A personagem vê beleza no que a burguesia condena.

---

<sup>199</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 42.

<sup>200</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 43.



Entende que, para que se tenha uma transformação social efetiva, os trabalhadores pobres seriam fundamentais nesse processo, não como seguidores de um partido, mas como agentes efetivos de seu próprio futuro.

O diálogo com perguntas e respostas é bastante esclarecedor em vários aspectos. Para situar o leitor, Anselmo convida Jorge para juntar-se a ele em uma nova empreitada, uma *Colônia de Iguaes*. Com a sua fortuna, Anselmo pretende comprar uma extensa propriedade rural e instrumentos de trabalho. Em seguida, iria por as terras e os instrumentos em comum com outras famílias.

No Brasil, temos a experiência real da proposta da personagem, na Colônia Cecília, idealizada pelo Dr. Giovanni Rossi, um italiano que pôs em prática a ideia de uma colônia de caráter libertário no sul do país, no Estado do Paraná, que durou apenas quatro anos, indo de 1890 a 1894.<sup>201</sup>

Anselmo estava convencido que o ideal para o futuro da sociedade seria a formação de uma *Communa* libertária e a apresenta como proposta. Perspectivas estas desenvolvidas a partir dos estudos sobre o *socialismo e o coletivismo*.

Nesse momento, fica clara a proposta de Fábio Luz de um romance com características anarquistas, não se limitando apenas a expor as contradições da sociedade em que vive, também reivindicando para si a reponsabilidade de pensar e propor uma nova perspectiva de futuro para a sociedade.

No diálogo, o autor destaca possíveis perguntas de pessoas que estão enraizadas dentro da estrutura capitalista de acumulação, de propriedade privada. Nesse sentido, Jorge não consegue se distanciar da forma usual burguesa de pensar a sua sociedade contemporânea, sempre questionando como seria possível alguém ter algo e dividir esse algo com outros. “Isso é uma caçoadá. Então o Sr., dono da terra, dono de tudo, podendo tirar lucro de tudo vae dar aos outros?”<sup>202</sup>

Jorge tem bastante dificuldade para entender a proposta de Anselmo, que por sua vez, tenta convencê-lo de que não mais existirá, na colônia idealizada por ele, opressores e oprimidos, não haverá mais exploração, todos serão iguais. "Não haverá distinção entre nós, a terra será de todos, e quanto ella produzir aproveitará a todos."<sup>203</sup>

---

<sup>201</sup> Ver SOUZA, Newton Stadler de. *O anarquismo da Colônia Cecília*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

<sup>202</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 70.

<sup>203</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 70.

O autor vai mais além na crítica. Jorge tem dificuldade para entender a proposta de Anselmo porque, embora sendo pobre, a personagem do Jorge pensa como alguém que pertence à burguesia. “O próprio proletário, e Jorge bem o demonstrara como exemplo vivo, era burguez no fundo.”<sup>204</sup>

Para o autor, independentemente da origem, todos querem obter poder e riqueza, ter a possibilidade de explorar e dominar. Indivíduos que pensam de forma individualizada, de maneira egoísta, acabam por não desejar que todos os indivíduos sejam considerados como iguais.

Todos irão participar da comunidade, de forma autônoma, ou seja, Anselmo não pretende impor a ninguém a participação, embora ele esteja convidando, no nosso entender, pessoas pobres que são próximas a ele.

O trabalho será coletivo, como coloca Anselmo: “Trabalharemos em *commum* no campo e nas *officinas*; o *producto* de nosso labor será para toda a colônia; todos trabalharão e todos *gosarão*.”<sup>205</sup>

Não apenas o trabalho seria realizado em comum, mas também as demais atividades, ou seja, todos trabalharão no campo, nas oficinas, na escola, não havendo divisão do trabalho em intelectual e braçal, como na sociedade burguesa, sendo que o primeiro ramo de atividade geralmente era feito, nos tempos de Luz, por aqueles que tinham uma origem na classe média, que lhe possibilita o acesso à educação.

A proposta de uma sociedade de iguais, com base nos pressupostos libertários de Anselmo, na verdade expõe a perspectiva do autor, que nesse momento está tendo contato com diversos autores do campo anarquista, mais principalmente Mikhail Bakunin e Piotr Kropotkin.

Como expomos no capítulo anterior, Fábio Luz se aproxima do campo libertário lendo Kropotkin no início do século XX, justamente quando ele está escrevendo o romance, que representa todo o sentimento de euforia de Luz com o anarquismo, não apenas na questão teórica, mas também na prática.

A preocupação dos anarquistas era com a ação, principalmente os autores que Fábio Luz estava lendo. Eles entendem que a teoria não se separa da ação, na verdade se preocupavam mais em participar dos movimentos ligados aos trabalhadores, das Comunas, do que dispor do tempo de militância para poder escrever livros.

---

<sup>204</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 79.

<sup>205</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 70.

E nesse sentido, Fábio Luz também pode ser considerado um homem de ação prática, como mencionamos anteriormente, pois além de se dedicar a escrita como militância política, ele esteve presente junto com os operários, nas fábricas, criando e ensinando em escolas para os trabalhadores e seus filhos, exerceu seu ofício de médico junto aos mais pobres, aqueles que não tinham recursos para usufruírem de serviços médicos.

Outra evidência clara das perspectivas militantes de Fábio Luz em o *Ideólogo* se encontra em uma passagem onde o pai de Alcibiades, o médico burguês amigo de Anselmo, está perdido em pensamentos sobre seu filho.

O romance navega por um mar de pensamentos que põe em rota de colisão uma sociedade católica tradicional que impõe às pessoas suas normas de conduta, que a todo o momento entram em choque com o processo evolutivo desta sociedade. Ou seja, o conflito entre o conservadorismo e o processo de modernização da sociedade é algo muito presente no universo do autor.

Fábio Luz dissecava de alguma maneira essas contradições presentes na sociedade, mas ele não fica apenas na crítica. Ele apresenta suas ideias para estimular o debate entre os leitores. Nesse sentido, nesse momento do desenrolar da trama, o *Commendador*, pai de Alcibiades, perplexo ao descobrir que sua nora tem um histórico de envolvimento com outros homens, mesmo já casada, se vê entre o olhar conservador de uma sociedade que vive envolvida pelos dogmas católicos e o olhar de pecador que deseja o mal a alguém.

O mais interessante é que, ao mesmo tempo em que está envolvido em divagações sobre ética, o *Commendador* se lembra de uma colocação feita por Anselmo, onde este “pregava o amor livre em uma sociedade libertaria, igualitária. Com o direito de testar, com a transmissão da propriedade.”<sup>206</sup> Ele se pergunta se essa seria a solução para o caso do filho, mas responde prontamente afirmando que *com a organização da sociedade actual isso era impossível*.

Essa passagem esclarece nossas perspectivas em relação à proposta de Fábio Luz ao escrever o romance. Acompanhando por meio das fontes sobre o autor que encontramos disponíveis, encontramos essa mesma frase *Liberdade de testar*. Na verdade, ela aparece no ano de 1915 em um artigo publicado pelo jornal *Na Barricada* com a frase sendo utilizada como título. Nesse artigo, o autor expõe algumas de suas ideias sobre os relacionamentos.<sup>207</sup>

---

LUZ, Fábio. Op. Cit. P 107.

<sup>207</sup> Ver capítulo II no item 04 que trata do cotidiano.

Fábio Luz expõe suas ideias sobre uma sociedade libertária no romance e ao longo de sua vida, trabalhava cada aspecto nos jornais libertários.

Em certo momento, o narrador estabelece um diálogo na figura de Anselmo e o Commendador, pai de Alcibiades. O tema do diálogo: Canudos.

O que torna o debate mais interessante é a tentativa do autor em comparar Antônio Conselheiro com Leon Tolstoi. Isso seria possível? Por qual razão Fábio Luz tentar fazer tal comparação?

Talvez não encontremos repostas para tais questionamentos, talvez possamos pensar em hipóteses que dificilmente teremos condições de comprovar.

O autor compara Antônio Conselheiro a Leon Tolstoi, na nossa maneira de ver, com um objetivo claro, o de reivindicar um lugar ao sol na história. Mesmo Antônio não sendo um europeu, um intelectual ou um homem de origem abastada, ele, em sua concepção, merecia um espaço de mais destaque. “Ele tinha entretanto a intuição da igualdade, e foi muito além do seu tempo. Um dia Antônio Conselheiro há de ser admirado como o precursor de uma idéia nova de largos horizontes.”<sup>208</sup>

A proposta do autor não é apenas comparar o anarquista russo e o religioso brasileiro, mas também destacar o próprio movimento de Canudos, aquilo que a personagem ligada à burguesia chamou de *Estado dentro do Estado*. A proposta de Antônio Conselheiro trouxe um alento a uma gente sofrida, angustiada, com fome e sede, sem esperanças de uma vida melhor.

A perspectiva de iniciativas pacíficas, de uma espiritualidade que vai além da religião, de um lugar de comunhão, de fraternidade, levaram inúmeras famílias a seguirem o religioso. “Antônio Conselheiro fez-se orientador das massas, tirou do catholicismo uma nova religião, applicou o doce comunismo christão aos sertanejos jagunços e taes eram os seus dotes Moraes e o seu prestigio intellectual que formou uma communa exemplar nos sertões inhospitos.”<sup>209</sup>

O evento de Canudos pode ser pensado como uma proposta autônoma de transformação social promovida pelo religioso e que encontrou um povo carente de provimentos, carentes de recursos, que formam esquecidos pelo Estado, e lá encontraram uma sociedade igualitária, fraterna.

A comparação de Fábio Luz se dá em dois aspectos, no campo das ideias religiosas envolvendo os personagens e na proposta de ação libertária. Assim coloca o autor: “Tolstoi é

---

<sup>208</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 155.

<sup>209</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 152.

um homem culto, um homem de letras, um apóstolo: Antônio Conselheiro era um homem do povo, quase analfabeto. Entretanto foi igual na sua missão na terra.”<sup>210</sup>

O autor, mesmo de forma comparada, entende que ambos são extremamente importantes para aqueles que, como ele, querem transformar a sociedade. Mesmo o religioso brasileiro não tendo uma formação adequada, não sendo um homem das letras, mostrou que, com autonomia e vontade de transformar, pode-se lograr êxito.

---

<sup>210</sup> LUZ, Fábio. Op. Cit. P 152.

*A arte é função social, como tal acompanha os movimentos da sociedade, registra-os e quasi sempre prepara-os, precedendo e estimulando as grandes revoluções, sendo e devendo ser sempre o espelho dos acontecimentos e o registro das commoções da alma popular, como os sismographos o são dos movimentos geológicos.*  
Fábio Luz

## **Capítulo IV: Escrita e militância**

### **IV. 1 – Conceito de Romance Social**

Talvez seja muita pretensão de nossa parte tentar traçar um panorama conceitual do termo “Romance Social”. Entretanto, entendemos ser necessário alguns esclarecimentos por conta da falta de estudos em relação ao tema de forma mais específica e, principalmente, para podermos situar a obra de Fábio Luz dentro de um contexto literário. Ou seja, não pretendemos buscar uma classificação fria, pura e simples. O nosso objetivo também não é colocá-lo em um pedestal, algo que o próprio Fábio Luz em toda sua vida não almejou, mas sim usar o termo para entender o contexto da obra do médico anarquista.

Queremos, na verdade, pensar a literatura como algo que ao mesmo tempo pode entreter e também instruir, não apresentando apenas críticas sobre uma sociedade, mas também propondo soluções para esta mesma sociedade. Ou seja, tentar demonstrar a relevância do romance “Ideólogo” escrito por Fábio Luz, publicado em 1903, não apenas para a militância ácrata, mas também para o campo literário e principalmente para campo histórico.

No fim da juventude de Fábio Luz, a literatura brasileira passou por grandes transformações, pelo menos no que diz respeito aos padrões estéticos estabelecidos anteriormente.

Como aponta Alfredo Bosi, essa transição de estilos no Brasil, entre o *Romantismo* e o *Realismo*, aconteceu por volta da segunda metade do século XIX: “Os anos de 70 trouxeram a viragem antirromântica que se definiu em todos os níveis. Chamou-se realista e depois naturalista na ficção, parnasiana na poesia, positiva e materialista em filosofia.”<sup>211</sup>

---

<sup>211</sup> BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 48ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2012. Pp 261-262.

Mas para que a percepção em relação a essa transição de estilos fique bem mais evidente, Alfredo Bosi nos convida a pensar o momento político brasileiro da segunda metade do XIX e o seu impacto na sociedade, que atinge diretamente a literatura: “De qualquer forma, só o estudo atento dos processos sociais desencadeados nesse período fará ver as raízes nacionais da nova literatura, raízes que nem sempre se identificam com a massa de influências europeias então sofridas.”<sup>212</sup>

Podemos tirar pelo menos dois aspectos interessantes da citação acima: um indicativo que, justamente, sugere a análise do cotidiano brasileiro para observar os novos rumos da literatura, e outro no qual se adverte sobre esses rumos, que podem surgir sem que o velho continente seja a nossa principal influência. Ou seja, podemos pensar a literatura brasileira de maneira bastante particular, a partir de características próprias, na qual a sociedade irá fornecer os elementos para se pensar a transição de estilos literários que não estarão presos aos padrões europeus, embora eles fossem uma de nossas fontes de inspiração.

O cotidiano político brasileiro, amplamente debatido nos capítulos anteriores, fez com que o escritor de literatura se aproximasse, em especial, do cenário político, da realidade em que o país se encontrava, ao mesmo tempo, que acabou se afastando do cenário romântico da literatura. O autor passou a se importar mais com a realidade e, conseqüentemente, passou a ser motivado pelos acontecimentos contemporâneos. As questões do cotidiano passaram a ser fonte de inspiração para seus textos.

Dos escritores que estão na prateleira dos “cânones” da literatura brasileira, Lima Barreto seria um dos exemplos de autores que se aproximaram de forma mais evidente da questão social em seus romances, nos seus textos em geral, na perspectiva de Alfredo Bosi e de diversos outros estudiosos como Nicolau Sevcenko, Antônio Arnoni Prado, Francisco Foot Hardman, Antônio Candido, dentre outros.

Ainda falando de Lima Barreto, Alfredo Bosi destaca:

Tal duplicidade de planos, o narrativo (relato de percalços do brasileiro em sua pátria) e o crítico (enfoque dos limites da ideologia) aviva de forma singular a personalidade literária de Lima Barreto, em que se reconhece a inteligência como força sempre atuante.<sup>213</sup>

Lima Barreto, para Bosi, pode ser caracterizado como um escritor realista. Partindo desse pressuposto, o seu olhar crítico em relação à sociedade é transmitido quase em tom de

---

<sup>212</sup> Idem, pp 177.

<sup>213</sup> Idem, p 339.

ideologia através de seus textos ao longo de sua vida. Entretanto, temos que salientar que o *Ideólogo* de Fábio Luz é anterior ao primeiro livro publicado por Lima Barreto, “Recordações do escrivão Isaías Caminha”, em 1909. Isso poderia ser visto como um fato irrelevante, contudo, entendemos que não, pois em uma análise literária, o livro de Fábio Luz tem muito a contribuir a essas classificações, e não é citado na bibliografia em momento algum.

Alfredo Bosi não apresenta uma definição de “Romance Social”, mas, nos dá algumas pistas para buscarmos tal definição.

Voltando ao início do debate Bosi destaca que, o autor da segunda metade do XIX, mas principalmente, a partir da década de setenta, como produto de seu tempo observa a realidade de forma empírica, absorvendo e escrevendo a partir de suas experiências cotidianas.

“Os escritores realistas voltaram-se para a observação do mundo objetivo. Consideravam possível a sua representação artística. Procuravam fazer arte com os problemas concretos de seu tempo, sem preconceito ou convenção. E renovaram a arte, ao focalizarem o cotidiano, desprezado pelas correntes estéticas anteriores. Pretendiam os realistas estabelecer uma relação real entre suas ideias e o mundo objetivo de sua época.”<sup>214</sup>

Benjamin Abdala Junior publicou na década de noventa do século vinte, um livro cujo título dado tem muito a ver com o que estamos discutindo, pois se chama “O Romance Social”. Mesmo se dedicando a trabalhar com os autores da década de 1930, Benjamin Abdala Junior aponta alguns elementos bem interessantes e importantes para que possamos traçar um panorama sobre o *Romance Social*. Entendemos que estes elementos podem ser transportados para o nosso recorte temporal a fim de nos ajudar a entender um pouco mais sobre o termo.

O romance, para os autores pesquisados, como para seus predecessores, pode ser visto como forma de intervenção social, uma possibilidade de criticar ou denunciar os problemas sociais que nos cercam, conscientizar o leitor para os problemas reais do seu tempo. Ou seja, os autores não escrevem apenas pelo prazer artístico ou buscando laureados elogios, mas chamar a atenção do leitor para os problemas reais do seu cotidiano.<sup>215</sup>

A linha que permeia o romance voltado para o campo social, ou seja, aquele que tem como temática a crítica à sociedade é bastante tênue, pois muitos romances tratam do social

---

<sup>214</sup> JUNIOR, Benjamin Abdala & CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da Literatura Brasileira*. 2ª Edição. São Paulo: Ática, 1986. P 133.

<sup>215</sup> JUNIOR, Benjamin Abdala. *O Romance Social*. São Paulo: Scipione, 1993. P 11.



de forma direta ou indireta. Esse ponto de vista é defendido pelo grande sociólogo Florestan Fernandes, para quem o “romance social pode ser todo romance”. Para o sociólogo paulista, o autor direta ou indiretamente tem o seu cotidiano transferido para sua obra.<sup>216</sup>

Partindo desse pressuposto, o “juízo do autor se faz a partir de sua capacidade em recriar ambientes e, nestes, criar um clima de vida humana, por meio de personagens vivos, em interação, caracterizados por sua conduta e pelos padrões de comportamento que a explicam.”<sup>217</sup>

Na reflexão proposta por Florestan Fernandes, há algo que pode soar simples, mas que aplicado ao assunto que estamos tratando, faz bastante diferença na nossa interpretação. Quando ele fala sobre “personagens vivos”, entendemos que em um romance social, as personagens devem ser idênticas às pessoas, como o leitor e o autor. Isso quer dizer que as personagens podem ser transportadas para a “vida real”, para fora do romance, sem nenhuma alteração. As personagens de uma maneira geral sentem as mesmas dores do cotidiano que os leitores.

Um “Romance Social”, não deve apenas tratar da sociedade, mas também levar a sociedade para as páginas do livro, dando vida as personagens no sentido de serem reais em um texto de caráter fictício.

Em um livro de ficção, todas as personagens estão vivas em nosso imaginário, entretanto, queremos evidenciar que, no romance social, às personagens além de vivas, são representações do cotidiano, do dia-a-dia.

Mesmo não oferecendo uma definição concreta sobre o termo “Romance social”, alguns autores do campo libertário, como Milton Lopes<sup>218</sup> e Edgar Rodrigues<sup>219</sup> classificam o livro de Fábio Luz, *Ideólogo*, como um dos precursores do gênero no Brasil.

Um dos poucos autores que trataram do tema, mesmo que de passagem, foi José Adriano Fenerick. Seu estudo sobre a literatura anarquista nas duas primeiras décadas do século XX, abordando de forma mais específica Fábio Luz e Manuel Curvelo de Mendonça, mostrou alguns aspectos característicos da literatura libertária.

---

<sup>216</sup> FERNANDES, Florestan. “O Romance Social no Brasil”. IN: Folha da Manhã. São Paulo. Ano XIX, n 6172 de 27 de abril de 1944.

<sup>217</sup> Idem.

<sup>218</sup> LOPES, Milton. “A Universidade Popular: Experiência educacional anarquista no Rio de Janeiro”. IN: AARÃO Reis Filho, Daniel e DEMINICIS, Rafael. *História do anarquismo no Brasil*. Vol. I. Rio de Janeiro: EdUFF/Mauad X, 2006.

<sup>219</sup> RODRIGUES, Edgar. Op. Cit.

Porém, podemos adaptar esses itens para nos ajudar a pensar o termo objeto dessas linhas iniciais. O autor afirma que “os romances de cunho anarquista, basicamente, constituem-se de três elementos: a descrição de uma sociedade burguesa, a apresentação e crítica das contradições desta sociedade e a projeção de uma sociedade utópica baseada nos preceitos do ideário anarquista.”<sup>220</sup>

Os romances de cunho social, além de descreverem a sociedade vigente, apontam críticas a essa mesma sociedade, críticas ao sistema político, ao comportamento da sociedade, não se restringindo apenas à elite, mas também do sofrimento do povo.

E de fato, o *Ideólogo* se insere nessas características, além da militância anarquista propriamente dita.

Em meio a estes questionamentos e abordagens do autor, entendemos de uma forma geral que o “Romance Social” se refere a um texto de carácter ficcional que não foge da realidade, mesmo apresentando personagens fictícios ou mesclando personagens reais e fictícios. Como mostra o exemplo de Fábio Luz, o texto busca analisar de forma crítica o espaço social em que este autor está inserido. Nesse sentido, ele não é apenas uma representação do cotidiano de uma sociedade, um olhar descritivo, mas também na análise crítica dessa sociedade em praticamente todos os aspectos, como os sociais, políticos e econômicos.

É claro que não podemos nos esquecer de que se trata de um romance, logo, no curso de o *Ideólogo*, ele tratará de diversos temas, perpassando por tramas envolventes que nos farão não apenas perceber todo o contexto social, mas nos envolver com as personagens.

#### **IV. 2 – Arte e Anarquismo:**

Pegamos emprestado o título de um livro traduzido por Plínio Augusto Coelho e publicado em 2001 pela Editora Imaginário para nomear este item, os motivos são diversos, falta de criatividade ou de algo melhor. Mesmo curto, o título define com clareza o que pretendo debater nas páginas seguintes.

Arte e Anarquismo, palavras que talvez não soem bem em uma mesma frase, pois arte pressupõe a busca pelo belo, mesmo que este belo esteja fora dos padrões de beleza

---

<sup>220</sup> FENERICK, José Adriano. “A literatura anarquista dos anos 1900/20: um estudo da recepção em dois quadros críticos”. IN: *Revistas de Humanidades*. V05, N10, Junho de 2004.

estabelecidos pela sociedade moderna. E o anarquismo, ideologia política nascida no século XIX, mas que é oriunda do termo anarquia, que teve sua origem na antiguidade clássica, palavra que, para alguns grupos de pessoas pode soar como caos, desordem, no pior sentido atribuído a estas palavras.

Contudo, entendo a relação entre estas duas palavras de uma forma bem diferente, onde a arte pode ser vista como um ato de construir e também um ato de des-construção de sentidos, ou seja, a arte não apenas como a busca pelo belo.

Iremos abordar a arte de uma maneira geral, embora o nosso trabalho tenha um campo artístico específico, no caso a literatura, entretanto, estamos destacando o movimento artístico como um todo.

A arte aqui também é entendida como um meio de transformação social, onde o anarquismo soube se utilizar deste meio de luta com bastante destreza, nas suas diversas formas para um único fim, a revolução social, a transformação da sociedade.

O anarquismo pode ser visto também como uma arte de transformação, mas não somente transformação, e sim principalmente destruição. Destruição no sentido de reconstrução, ou seja, o ato de destruir a antiga ordem estabelecida, provocar uma ruptura definitiva com as estruturas dominantes.

Destruir o velho para que se construa o novo, uma nova sociedade com base no apoio mútuo, uma sociedade sem classes, sem a opressão do homem pelo homem, onde a auto-gestão, a liberdade sejam as bases que irão compor esta nova sociedade.

Percebemos a arte, não deve ser pensada apenas como algo dado, previamente estabelecido, como um quadro, mas como algo que está em constante movimento, onde o que está sendo representado dentro de um quadro ganha movimento a partir de quem o observa, algo que pode ser captado em um instante. O que estamos querendo dizer que, a arte pode estar presente na forma de um quadro, em uma partitura em forma de notas musicais que traduzidas por um instrumento, meio que como um passe de mágica ganha vida, mas também a arte pode estar em uma peça de teatro, ou em uma denúncia ao capitalismo em formato de cartaz, por exemplo.

Temos como ponto de partida o século XIX por várias razões, a mais importante delas diz respeito ao próprio surgimento do anarquismo, como destacamos anteriormente, uma segunda razão tem a ver com a própria arte, pois quase todos os autores destacam que este é um período de ruptura no diz respeito à arte.

Segundo Gaetano Manfredonia, a arte e a política, sobretudo, a arte e o socialismo estão longe de ter um bom relacionamento no final do século XIX. Haja vista a solicitação do anarquista russo Piotr Kropotkin que escreve um texto pedindo aos jovens artistas para que se dediquem a causa revolucionária. Trabalharemos de forma mais detida este aspecto nas páginas seguintes.

Gaetano Manfredonia afirma que o episódio da Comuna de Paris ocorrido em 1871 foi considerado pelos artistas com algo traumático, nesse sentido, para superar este trauma, a solução encontrada foi refugiar-se no que o autor chamou de arte pela arte<sup>221</sup>, ou seja, o envolvimento com a política passou a ser evitado.

A arte pela arte servia como uma forma de defesa em relação aos imprevistos do cotidiano, uma defesa ao envolvimento com a política e os danos colaterais que esta união poderia a vir causar. “Uma arte concebida como uma espécie de escudo protetor em relação ao mundo exterior ameaçador e imprevisível em que as forças ‘bárbaras’ estavam para desencadear-se a qualquer momento<sup>222</sup>.”

Uma das razões para esse tal afastamento, segundo o autor, tem a ver com os preconceitos sofridos por alguns artistas que vinham principalmente da própria militância, porque alguns destes artistas viam na arte uma forma de conquistar prestígio social e conseqüentemente conquistas financeiras, e nesse sentido, não eram vistos efetivamente como militantes, causando diversos choques entre os dois grupos, evidenciando claramente as diferenças, que neste caso não contribuíram para um somatório de forças que objetivavam a revolução.

Talvez por conta dessa indiferença, alguns anarquistas irão se aventurar no campo artístico, iniciando uma militância dentro e por meio de suas bases, não mais dependendo do seguimento dos considerados artistas profissionais, surgindo então a figura do artista engajado<sup>223</sup>.

Segundo Gaetano Manfredonia, o grupo ligado ao campo artístico que mais se identificou e se influenciou pelo anarquismo foram os simbolistas, por conta dos diversos postulados defendidos por estes que se encaixavam de alguma maneira no que era defendido pelos anarquistas. Na verdade, alguns pontos de vistas entre o anarquismo e o simbolismo eram bem próximos, o fato dos anarquistas recusarem as leis e os simbolistas de negarem as

---

<sup>221</sup> MANFREDONIA, Gaetano. “Arte e Anarquismo na França da belle époque (1880-1914).” IN: Vários autores. *Arte e Anarquismo*. São Paulo: Editora Imaginário, 2001. P 36.

<sup>222</sup> Idem, p 36.

<sup>223</sup> Idem, p 38.

regras estéticas sobre a arte, ou seja, o ato de negar padrões estabelecidos aproximava os simbolistas dos anarquistas.<sup>224</sup>

Contudo, esta união entre simbolistas e o anarquismo não foi a mais frutífera ou duradoura, houve muitos conflitos, pois politicamente, os simbolistas pouco aderiram ao anarquismo, ou seja, viam uma possibilidade do anarquismo com fonte de inspiração para a sua arte, contudo, não viam com bons olhos o anarquismo em seu campo político.

Essa posição é bastante complicada para os artistas, e porque não para os militantes, e também bastante contraditória e nesse sentido algumas questões aparecem indicando alguns caminhos. Um destes caminhos está relacionado com a ideia de estética anarquista, onde a arte de caráter libertário deve ou não ser militante? E o artista deve ou não ser militante? E vamos mais além, existe uma estética anarquista no que diz respeito à arte?

Embora as respostas para estes questionamentos sejam talvez não respostas, mas indicações para novas perguntas, tentaremos encontrar caminhos para que estas indagações não passem em branco e nem que sejam esquecidas.

Retomando o texto *Aos Jovens*, comentado anteriormente, Piotr Kropotkin, entre 1880 e 1882, escreveu um série de artigos para a revista de viés anarquista *Le Révolté* instalada na região de Genebra. Os textos tinham como endereço os trabalhadores e leitores que militavam no *front* libertário. Alguns anos mais tarde, o também geógrafo Élisée Reclus selecionou parte dos artigos, editando-os em uma brochura intitulada *Paroles d' un Révolté*, que no Brasil é comumente chamado de *Palavras de um Revoltado*.

O artigo *Aos Jovens* faz parte desta coletânea. Trata-se de um texto bastante importante e bem conhecido, principalmente por configurar-se em um apelo feito por Kropotkin aos cidadãos, em geral de origem burguês, para que estes se voltem para a causa revolucionária, entregando os seus talentos para o bem comum.

As palavras do anarquista russo são tocantes, invocando a faculdade de justiça dos jovens, onde estes devem se unir para um trabalho comum, preparar a sociedade para a revolução.

Todos vós, jovens sinceros, homens e mulheres, camponeses, operários, empregados e soldados, compreenderéis vossos direitos e vireis conosco; vireis trabalhar com vossos irmãos para preparar a revolução que, abolindo toda a escravidão, quebrando todas as correntes, rompendo com as velhas tradições e abrindo a toda humanidade novos horizontes, virá enfim estabelecer nas sociedades humanas a verdadeira igualdade, a verdadeira liberdade, o trabalho para todos, e também para todos o pleno gozo dos

---

<sup>224</sup> Idem, p 43.

frutos de seu trabalho, o pleno gozo de todas as suas faculdades; a vida racional, humanitária e feliz!<sup>225</sup>

Sobre esse aspecto levantado por Kropotkin relativo à vida racional, os anarquistas viam com muitos bons olhos a perspectiva da razão. Os gregos, assim como os renascentistas, mas principalmente os iluministas reivindicavam que o ser humano fosse um ser racional, ou melhor, que o indivíduo adquirisse a razão como forma de entender as coisas. Para os anarquistas, a razão estava ligada principalmente à crítica em relação à religião, encontrarmos esse postulado em diversos textos anarquistas.

O ser humano deveria se libertar de todas as formas opressoras, adquirindo consciência política. Uma destas formas de oprimir seria a religião, a igreja. Mikhail Bakunin defende o afastamento total com a igreja, e o ser humano só poderia enxergar com os olhos da razão.

Todas as religiões, com os seus deuses que não representam jamais senão a criação da fantasia crente e crédula do homem não ainda a altura da reflexão pura e do pensamento livre apoiado sobre a ciência, o céu religioso nada mais foi que uma miragem onde o homem exaltado pela fé reencontrou há muito tempo sua própria imagem, mas ampliada e invertida, isto é, divinizada.<sup>226</sup>

Em outro texto, Bakunin retoma essa questão da religião e a razão, para ele: “Deus, portanto, outra coisa não é senão o Eu humano tornado absolutamente vazio por força de abstração ou de eliminação de tudo o que é real e vivo.”<sup>227</sup> Ou seja, é preciso que o ser humano saia do imaginário religioso em direção ao mundo real do indivíduo para que ele possa conquistar a liberdade, se emancipar.

Voltando ao texto de Kropotkin, *Aos Jovens*, se trata de um apelo, isso é evidente, contudo, duas questões se fazem presentes, ou melhor, dois porquês, o porquê do apelo e o porquê aos jovens.

Mas porque os jovens? Uma questão que pode ser facilmente respondida, pois o próprio autor colabora, dando-nos a resposta em seu próprio texto.

Por duas razões Kropotkin se volta para os jovens. A primeira tem a ver com as tradições, pois este jovem possuiria um *espírito liberto*, onde ele não estaria preso às tradições

---

<sup>225</sup> KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um Revoltado*. São Paulo: Editora Imaginário, 2005. P 71.

<sup>226</sup> BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, Socialismo e Antiteologismo*. São Paulo: Cortez Editora, 1988. P 39.

<sup>227</sup> BAKUNIN, Mikhail. *O princípio do Estado: Três conferências feitas aos operários do Vale Saint-Imier*. Brasília: Novos Tempos Editora, 1989. P 30.

e aos costumes, como a religião, a superstição, eles não estariam presos a uma sociedade em declínio.

Os jovens, segundo o autor, são indivíduos menos influenciados pelas tradições, diferentemente dos mais velhos, que impregnados destas tradições, não conseguem enxergar um palmo a sua frente, ou seja, estão presos a superstições de uma sociedade em declínio<sup>228</sup>.

Os velhos de coração e de espírito segundo Kropotkin estão presos ao passado decadente, corroídos pelo vício, nesse sentido, não forma capazes de sonhar, de “aplicar sua inteligência, sua capacidade, seu saber, para ajudar na libertação daqueles que pululam hoje na miséria e na ignorância”<sup>229</sup>.

A segunda razão tem a ver com a postura destes em relação à sociedade, pois estes estudaram, desenvolveram seus talentos com apoio da própria sociedade, de várias maneiras, o Estado que fornece educação aos que tem renda, essa renda é gerada da exploração do homem pelo homem, nesse sentido, os jovens.

O anarquista russo se dirige aos médicos, aos professores, aos artistas, convidando-os para a causa da revolução, utilizando os seus talentos em favor, a serviço daqueles que mais precisam, buscando sempre realizar comparações entre o sofrimento especificamente ligado à profissão destacada, mostrando as diversas maneiras de se utilizar a profissão para a causa revolucionária.

O apelo direcionado aos jovens artistas, em especial, representa este afastamento dos artistas com a política, por um lado, e por outro, tem a ver com a profissionalização da arte, tornando-a um elemento com objetivos capitalistas, se adulterando em ofício de decorador de lojas<sup>230</sup>.

O autor acredita que a arte não deve ser pensada e realizada para expor em museus ou para serem vendidas, mas uma arte vinculada à transformação social, que busca trazer elementos revolucionários para o cotidiano, logo, o artista não deve se unir aos oprimidos “porque sabeis que o belo, o sublime, a vida, enfim, estão do lado daqueles que lutam pela luz, pela humanidade, pela justiça”.<sup>231</sup>

---

<sup>228</sup> KROPOTKIN, Piotr. Op. Cit. P 51.

<sup>229</sup> KROPOTKIN, Piotr. Op. Cit. P 51.

<sup>230</sup> KROPOTKIN, Piotr. Op. Cit. P 61.

<sup>231</sup> KROPOTKIN, Piotr. Op. Cit. P 62.

O anarquista francês, Pierre-Joseph Proudhon também nos chama a atenção para essa relação entre profissionalização e a arte. “O fato é que, depois que a arte se tornou uma profissão, uma sorte de indústria, uma especialidade na sociedade.”<sup>232</sup>

Aqui, tradição tem outro viés, relacionando diretamente ao ofício do artista e não a uma sociedade decadente como coloca Kropotkin. Proudhon se refere à tradição dos artistas nos tempos medievais, onde a arte tinha um forte vínculo com a comunidade, isto é, a arte produzida por eles não tinham objetivos comerciais, como também afirma André Reszler “o culto da Idade Média: culto de uma arte que é a criação de todo o povo”<sup>233</sup>

Ao tratar do tema da transformação da arte, tendo como inspiração o pensamento do anarquista russo, André Reszler afirma que: “Hoje, o pintor já não tem ambição de se dirigir a comunidade, a maior honra a que aspira é ver a sua tela emoldurada de maneira dourada dependurada num museu”<sup>234</sup>.

O autor traça claramente a arte em dois momentos, sendo o primeiro na era medieval, onde o artista estava preocupado com a comunidade, direcionando a sua arte para essa mesma comunidade e um segundo momento que com o crescimento da burguesia, ou seja, o crescimento do capitalismo, onde o artista está preocupado somente em expor a sua obra a fim de vendê-la pelo melhor preço.

Os museus e a profissionalização do artista estão ligados a essa forma de reflexão sobre a arte, mas insisto, que ambos os autores são filhos do seu tempo, logo não podemos deixar de levar em consideração a crítica ao capitalismo da época. Principalmente, porque os dois autores são defensores do anarquismo.

Proudhon afirma que nunca se teve tantas exposições e tão frequentes. Segundo ele, “trata-se na realidade, de uma feira de artistas que colocam seus produtos à venda e esperam com ansiedade os fregueses”<sup>235</sup>.

Essa prática capitalista relacionada à arte acaba afastando o artista da comunidade consequentemente de suas relações com essa mesma comunidade. Nesse sentido, a arte perde a sua identidade com as questões locais.

---

<sup>232</sup> PROUDHON, P. J. *Do princípio da arte e de sua destinação social*. Campinas: Editora Armazém do Ipê, 2009. P 05.

<sup>233</sup> RESZLER, André. *A estética anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000. P 12.

<sup>234</sup> Idem, p 44.

<sup>235</sup> PROUDHON, P. J. Op. Cit. P 04.



A arte passa a ser um comércio, perdendo a sua relação com a natureza e principalmente, com o social. Nesse sentido, se faz necessário um apelo para que os artistas se dediquem mais com as questões que atingem a sociedade.

Entendemos que este apelo aos jovens artistas não foi feito por acaso, Kropotkin, como um bom leitor do seu tempo, percebeu com clareza este afastamento entre a arte e a política, especialmente o socialismo. Isto fica mais evidente quando o autor afirma que os jovens artistas não poderão mais continuar neutros, devendo juntar-se aos oprimidos e com estes lutar pela justiça e pela humanidade<sup>236</sup>.

Os artistas deveriam colocar a sua arte a serviço da revolução, a serviço daqueles que mais precisam, deixando claro que a luta deve ser contra quem oprime o povo, onde a influencie, penetre nos poros em direção ao coração levando o sentimento revolucionário por todo o corpo, mostrando ao povo que a vida da forma como segue não está correta, inflamando no povo a luta pela emancipação social<sup>237</sup>.

Piotr Kropotkin também nos deixou alguns indícios para tentarmos responder os questionamentos feitos anteriormente. Para Kropotkin, a arte deve ser militante e o artista também deve estar voltado para as questões sociais, direcionando sua arte e seus esforços para um único objetivo, a revolução. Ou seja, para Kropotkin não haveria distinção entre o artista militante ou aquele que vê no anarquismo uma saída para a sua arte, mas que não segue o anarquismo na sua forma política.

Todo artista antes de produzir uma arte ligada ao anarquismo, deve ter em mente o seu papel na sociedade é o de transformação. Não deixando espaço para que o artista seja um alienado, ou que não tenha noção da sua função na sociedade. Isso representa uma ruptura do se chamou de arte pela arte, que agora tem uma intencionalidade, independentemente do que venha compor a obra em si, mas que esta obra de alguma maneira desperte sentimentos, paixões de mudança, de transformação, de crítica ao cotidiano, com objetivos claros, a emancipação social.

Encontramos um fio condutor da arte militante, ou melhor, que a estética anarquista está de alguma maneira vinculada à militância. A arte pode ser vista como uma experiência e que “a arte será não apenas a arte do povo e para o povo, mas também pelo povo”.<sup>238</sup>

---

<sup>236</sup> KROPOTKIN, Piotr. Op. Cit. P 62.

<sup>237</sup> KROPOTKIN, Piotr. Op. Cit. P 66.

<sup>238</sup> RESZLER, André. Op. Cit. P 08.

A arte especificamente anarquista está ligada de alguma maneira a uma estética, para tentarmos identificá-la, antes temos que, mesmo que rapidamente, buscar entender o conceito de arte, acreditamos que isto seja importante para a interiorização do debate e principalmente, para que as definições fiquem claras.

Tanto para Leon Tolstoi quanto para Proudhon, a ideia de arte está diretamente ligada aos sentidos, a ideia de que a arte representa uma sensação de prazer, ou seja, a arte seria responsável de nos transmitir a sensação de algo agradável.

Dá mesma maneira se coloca o anarquista francês, afirmando que a arte está diretamente ligada à natureza e o artista seria a pessoa responsável por dar vida, por tornar a natureza representada em forma de arte algo que nos agrade. Nesse sentido, como coloca Proudhon, o artista “soube perceber na natureza um objeto agradável, interessante, singular, magnífico ou terrível”<sup>239</sup>.

Logo, cabe ao artista à função quase que emanada por um ente superior de ter o poder de identificar na natureza, ou melhor, diferenciar na natureza o que seria arte ou não.

A arte não se encontra apenas no campo do passado ou como coloca Raymond Williams no campo social, no sentido de que o social é para o autor um sentido fixo e explícito, mas arte também se encontra no campo pessoal, ou seja, o presente, com uma estrutura mais móvel, que assim resiste ao fixo e ao explícito. Para Williams, “o fato de a feitura da arte nunca está, em si, no tempo passado. É sempre um processo formativo, com um presente específico.”<sup>240</sup>

A arte, embora represente aspectos variados, tem com uma característica que está sempre em movimento, que a leva do passado para o futuro, passando pelo presente. A arte é vista aqui também como um meio de comunicação, talvez não como uma forma de eternizar uma mensagem, mas como um meio de comunhão, de transmissão de sentimentos, como coloca Tolstoi. Mas não somente como um meio de comunicação, também como uma forma de representação dos sentidos vinculados a um sistema de olhares em relação ao meio no qual estamos inseridos, um conjunto de experiências que estão relacionadas à natureza e ao ser humano em um universo diacrônico e sincrônico.

A segunda questão tem a ver com a contradição implícita na afirmação de Proudhon, pois o autor ao mesmo tempo também afirma que a arte é “uma coisa indefinível, algo de místico, a poesia, a fantasia, tudo o que se quiser que escapa à análise, que só existe por sim

---

<sup>239</sup> PROUDHON, P. J. Op. Cit. P 11.

<sup>240</sup> WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. P 131.

mesma e não conhece regras”<sup>241</sup>, ele determina quem tem o poder de ser ou não um artista. Neste caso, ao determinar quem consegue ver beleza em algo pode ser considerado um artista e aquele que não consegue estaria fora desta categoria.

Tolstoi levanta a questão da intenção do artista, mas também do seu lugar social, pois embora ele, o artista, esteja com o pensamento no passado, ao mesmo tempo está localizado no presente, logo, a sua arte também está bastante impregnada do presente, e também por que não dizer do futuro.

Ao tratarmos de futuro, estamos utilizando como referência, o alemão Reinhart Koselleck, que ao realizar uma grande empreitada pelos campos historiográficos, pela história dos conceitos por longos anos, nos brindou com uma série de reflexões acerca de diversos temas.

Koselleck, ao estudar a história dos conceitos, afirma que o uso de certos conceitos em um momento histórico específico pode tanto levar o historiador a correr o risco de cometer o tão famigerado anacronismo, considerado pecado capital do historiador, quanto atribui ao conceito uma ideia de futuro, conferindo uma busca por um amanhã completamente diferente do presente se utilizando de lições do passado, esses tipos de conceitos foram integrados principalmente pelo campo das ideologias. “A temporalização dos conceitos modernos deve ser compreendida em termos deste contexto. Muitos conceitos básicos, sobretudo aqueles que designam movimentos, confluem na reivindicação de que a história futura deve diferir fundamentalmente da passada.”<sup>242</sup>

A partir do que foi exposto acima, vemos no anarquismo essa ideia de futuro a qual Koselleck se refere, pois se trata de uma ideologia que não apenas critica a forma como o capitalismo do presente age, mas principalmente propõe perspectivas de uma sociedade a ser alcançada que seja realmente igualitária, onde haja a liberdade tão pensada por Bakunin, entre tantos outros militantes.

Nesse sentido, a arte pode ser revolucionária, não apenas o artista, mas também a arte produzida por ele, pois tem a possibilidade de levar uma mensagem de transformação, de denúncia, de contestação a lugares onde uma passeata, ou utilizando o método do século XIX, onde as barricadas não têm a possibilidade de alcançar.

---

<sup>241</sup> PROUDHON, P. J. Op. Cit. P 02.

<sup>242</sup> KOSELLECK, Reinhart. “Uma resposta aos comentários sobre o *Geschichtliche Grundbegriffe*”. In: JASMIM, Marcelo G. e JÚNIOR, João Feres. *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Edições Loyola, IUPERJ, 2006. Pp 99.

O que estamos tentando demonstrar que a arte pode facilmente se ligar à política, quanto à política se ligar a arte, por ser um meio de comunicação e de construção de sentidos. A militância política por meio da arte representa a principal característica da arte anarquista, nesse sentido, entendemos como estética anarquista, a arte que de alguma maneira busca a transformação social.

Não estamos falando de uma arte de caráter libertário, pelo fato do anarquismo pressupor liberdade, ser contra as instituições, alguns artistas que são críticos a esse comportamento regulador que sofre a arte, afirmam que trabalham com a arte de caráter libertário. Contudo, quando o artista não está ligado ao anarquismo pelo seu viés político, ele não tem como objetivo final a transformação social, a busca por uma sociedade sem classes, às vezes se opõe a uma sociedade sem Estado.

Podemos então estabelecer duas categorias a partir do que foi exposto, a arte libertária, ou seja, uma arte que critica as regras, uma arte produzida por pessoas contrárias a um padrão artístico estabelecido, porém que não reivindica ou se identifica com anarquismo como proposta de revolução social e a arte anarquista, produzida por militantes, pessoas identificadas e ligadas ao movimento anarquista, que acreditam que esta seja a melhor forma de realizar a revolução social e ideologia para o pós revolução.

A arte deve ser analisada não apenas a partir da perspectiva de quem a faz, o olhar sobre o artista é importante, mas também não podemos deixar de analisar a expectador, aquele para quem a arte foi produzida. Pois há uma intensão na arte, por mínima e subjetiva que possa vir a ser, partindo do princípio de que a arte também se trata de um meio de comunicação.

O artista se comunica por meio de sua arte, por conseguinte, esta arte se torna uma mensagem que será lida por outras pessoas, que irão transmitir uma interpretação desta arte para outros ouvintes. Nesse sentido, entendemos que uma análise do receptor desta arte também se faz necessária.

Essa recepção é bastante subjetiva, mas que estabelece um vínculo entre quem a fez e quem a vê, logo, se o artista tem alguma pretensão a partir da sua arte, ele tem uma intensão com a mesma. Partindo desse pressuposto, o artista que também é militante tem uma proposta para a sua arte, este tem um olhar em relação à sociedade para além do capitalismo, tem uma postura de crítica social, que de alguma maneira está presente em sua arte.

Isso nos leva a outra questão, o artista é um filho do seu tempo, se trata de um ser social, fruto das relações e perspectivas de sua sociedade. Está imerso a questões do seu

momento presente e isso não pode ser ignorado. A relação do artista com o seu mundo irá determinar o que por ele será representado. Como coloca o filósofo alemão Ernst Cassirer, a arte não é apenas expressão, mas também representação e interpretação<sup>243</sup>.

A interpretação não diz respeito somente ao receptor da arte, mas também vale para o artista, que ao transformar um olhar em um projeto final de arte também está interpretando um determinado ponto de vista em relação ao real. Isso é bastante interessante, pois dois artistas podem ver um mesmo aspecto da natureza de maneiras diferentes, a interpretação é individual e autônoma logo, a arte não pode ser encarada como uma mera cópia ou imitação do real.

Ernst Cassirer contribui bastante para nossas reflexões, um apontamento importante feito pelo autor diz respeito sobre a arte e a sua relação com a realidade, onde “a arte não é uma simples reprodução de uma realidade dada, pronta. É um dos meios que levam a uma visão objetiva das coisas e da vida humana. Não é uma imitação, mas uma descoberta da realidade.”<sup>244</sup>

Como falamos anteriormente, a arte não se trata de uma mera imitação do real, mas uma representação do real, ou seja, estamos nos referindo no sentido de que a arte tem como base o real, não necessariamente o que está no presente, o artista também é um descobridor, encontrando elementos no real que não foram pensados anteriormente.

A arte é um elemento autônomo, que busca representar o real a partir da interpretação deste real pelo artista, a interpretação de suas experiências sociais vividas ou não, que estão relacionadas ao passado e ao presente ou projetando-se a perspectivas relacionadas ao futuro, que busca transmitir, estabelecer uma comunicação entre o artista e o receptor.

A estética anarquista está ligada diretamente a função social da arte, logo a estética anarquista se desenvolve pelo caráter militante explícito ou implícito estabelecido pelo artista em sua obra.

Não estamos tratando da arte como um todo, mas de uma ramificação desse processo artístico que está vinculado diretamente com o campo anarquista, não uma arte libertária como colocamos anteriormente, mas uma arte de caráter militante. Nesse sentido, entendemos que a estética anarquista da arte está diretamente ligada a militância política desta arte e consequentemente do artista envolvido, as suas perspectivas revolucionárias.

---

<sup>243</sup> CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana*. 2ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. Pp 233-234.

<sup>244</sup> Idem, p 234.

A arte anarquista tem como perfil o caráter militante, uma arte ligada ao presente e ao passado, mas principalmente ligada ao futuro, buscando uma formação ou informação para tempos menos opressivos, em que não existam mais classes, a relação entre opressor e oprimido deixe de existir.

#### **IV. 3 – Fábio Luz entre a escrita e a arte.**

Em 1934, Fábio Luz publicou o texto *Dioramas*, a partir dele temos diversas confirmações sobre as perspectivas literárias do médico escritor, como por exemplo, a escrita em si, um dos aspectos que iremos trabalhar em relação ao romance *Ideólogo*. Trata-se justamente de uma escrita que entendemos ser de fácil entendimento para o leitor.

Essa particularidade da escrita pode ser vista como uma característica própria de Fábio Luz que, no texto *Dioramas* de 1934, estabelece uma crítica à forma extremamente rebuscada à qual se atém os literatos de seu tempo. “A phrase difícil e a raridade do termo fino, de adjetivos, rebuscados nos dicionários e nas sciencias e já em desuso, estão complicando nossa incipiente literatura.”<sup>245</sup>

Para Fábio Luz, essa forma de escrever na verdade prejudicava a leitura e a compreensão do texto, principalmente daqueles que não tiveram acesso a uma formação contínua, fazendo o *leitor perder o fio da narrativa*, pois para que este pudesse ler, deveria ter em mãos pelo menos um dicionário para, de tempos em tempos, parar a leitura para poder consultá-lo.

Trouxemos essa questão, pois acreditamos que ela seja pertinente, mesmo entendendo que o ato de consultar um dicionário seja fundamental para o enriquecimento do vocabulário, do conhecimento em si.

Entretanto, o contexto no qual Fábio Luz escreve é bem distinto, o que reforça a crítica feita por ele. A população brasileira de então não frequentava escolas por conta da falta de oportunidade de poder estudar. A mensagem deveria ser transmitida com certa rapidez e de forma muito objetiva e clara, para que esse mesmo leitor pudesse absorver todo o conteúdo, principalmente o de propaganda ideológica e da crítica social contida nos textos escritos.

---

<sup>245</sup> LUZ, Fábio. *Dioramas: Aspectos Literários (1908-1932)*. Volume I. Editora Ravaro. Rio de Janeiro, 1934. P 17.

Sendo assim, fazia-se necessária uma linguagem mais prática e clara, de fácil acesso para que os objetivos fossem alcançados pelos autores militantes.

A arte produzida pelos militantes anarquistas, de uma maneira geral, é vista principalmente como função social, como afirma o próprio Fábio Luz. Para o autor, a arte além de cumprir a tarefa de função social, ela também cumpre a função de história, ou seja, a arte deve registrar o cotidiano da sociedade e esse registro deve servir como estímulo para as gerações futuras reivindicarem as mudanças de caráter revolucionário.

A arte aqui é entendida de uma maneira mais ampla, incluindo as esculturas, músicas, caricaturas, construções, etc. e ela. Contribui de forma segura com “verdadeiros ensinamentos de seu desenvolvimento material e intelectual, com seus vícios e suas virtudes”.<sup>246</sup>

Nesse sentido, a arte permite que a história seja transmitida também pela sensibilidade de observação dos artistas, que imbuídos de senso crítico, podem perceber elementos da sociedade a partir de outro olhar mais sensível, como um espectador mais atento do seu tempo.

O médico libertário se coloca desta maneira também para criticar a forma como a História era produzida e reproduzida em sua época. Nas palavras de Fábio Luz, os “ensinamentos transmitidos pelos cronistas e escribas reais, cujas bajulações aos poderosos ainda servem de fonte de informações para a História, sempre contada à feição dos governantes ou ao sabor das preferências do historiador.”<sup>247</sup>

Fábio Luz acredita que a História produzida no Brasil tinha endereço certo, e sempre era vista por apenas uma ótica, a dos vencedores. A produção histórica era destinada a agradar quem financiava os estudos, não existia a ideia de imparcialidade, aquele que produzia história sempre tinha partido, escrevia com o objetivo de ratificar a opinião dominante. Ou seja, o que o autor reivindica é aquilo a que depois de muito tempo, E. P. Thompson se dedicou durante anos em sua vida de pesquisador: pensar uma história vista de baixo para cima.

Nesse sentido, Fábio Luz entende que as informações, as experiências, as relações históricas de um povo devem ser deixadas por este mesmo povo, ou seja, a análise das experiências a partir de uma produção artística variada é fundamental para uma compreensão histórica de um determinado recorte.

---

<sup>246</sup> Idem, p 16.

<sup>247</sup> Idem, p 16.

Esse olhar parte da perspectiva do autor, de uma angustia revelada por Luz, mas entendemos que esse ponto de vista não anula de maneira alguma a pesquisa empírica através de fontes documentais ou da produção historiográfica acerca de um determinado assunto.

Bastante interessante o ponto de vista de Fábio Luz sobre o tema. Podemos dizer que também é bem atual. Já abordamos duas de suas propostas no primeiro capítulo: a questão da experiência e a da questão do texto literário, ou seja, de caráter ficcional ser uma contribuição para uma análise histórica.

Fábio Luz é muito firme na sua convicção sobre arte, pois esta para ele tem uma função social. O contrário é visto pelo autor como uma arte vazia, prejudicial, que não produz sentimento, não comove ou provoca entusiasmos.

Os autores dessa estética criticada por Luz são vistos pelo mesmo como pessoas cansadas, incapazes de criar algo novo, permanecendo imóveis em face da evolução da própria literatura. No fim, dedicam-se a produzir uma “arte de japonarias, de exotismos, literatura de dicionário, erudição de catálogo, poesia de grandes cartazes de medicamentos milagrosos, com maiúsculos impressionantes, como preconcícios de estabelecimentos de arte graphica, exibindo typos diversos em caixa alta...”.<sup>248</sup>

Como destacamos no primeiro capítulo, a estética anarquista ratificada pelo posicionamento de Fábio Luz não está apenas na forma, mas, sobretudo no conteúdo, ou seja, a partir da temática, a produção artística, independente do gênero dessa arte, teria uma função muito clara, a de estimular o processo de transformação social.

Na verdade, nas palavras do autor, a *Arte pela arte*, não passava de: “Phraseado ôco e ressoante, fazendo arte decorativa, esthetica simplesmente visual, e não arte emotiva, arte para o coração e a alma, educadora do sentimento e da razão.”<sup>249</sup> Não passava de um tipo de arte destinada a galerias frias, sem sentimentos, sem propósitos, ou melhor, tinha propósitos sim, mas na concepção do escritor libertário, eram inúteis, totalmente desvinculadas do objetivo maior de transformar a sociedade.

Cantar o doce enlevo da vida feliz e despreocupada é mentir a si mesmo e mentir á posteridade, pois ninguém é feliz na actualidade...Todos se procuram illudir, aturdindo-se e atordoando-se com alegria fingida e ruidosa, alegria de lupanar, incapaz de abafar o grito de dor das turbas esfaimadas e maltrapilhas, sem pão e sem lar.<sup>250</sup>

---

<sup>248</sup> Idem, p 19.

<sup>249</sup> Idem, p 23.

<sup>250</sup> Idem, pp 22-23.



Devemos destacar também que, Fábio Luz se utiliza de referências para pensar a arte que estão fora do campo militante, fora do anarquismo, tais como Platão, Émile Faguet, Paul Pierson.

O médico baiano escreve de uma forma bem direta e clara ao dizer que esse estilo de fazer arte, na verdade não é arte, pois:

falta aos fins, pois não educa, nem é capaz de criar valores novos. Falta aos seus fins de cousa humana, se não interessa aos homens, não sendo proveitosa á humanidade concorrendo para melhorar as tendências e aptidões, não lhes adoçando os costumes pelas emoções despertadas, não tendendo a recalcar dentro de nos mesmos os bárbaros que palpitam em cada acção nossa e tentam sempre reivindicar seus antigos domínios, na luta milenar do bem e do mal.<sup>251</sup>

Uma longa citação, mas muito importante para demonstrar à perspectiva de Fábio Luz em relação ao debate entre a arte pela arte e a arte como um método que contribui para o processo de transformação social.

A arte não apenas como objetos para exposição, mas também a arte como método de luta, de instrumento de revolta, como provocação, como denúncia das injustiças sociais, uma arte que estimule ao ato de rebelar-se, de agitar-se contra toda a exploração e as desigualdades.

Fábio Luz entende que esses autores poderiam, ou melhor, deveriam olhar com mais atenção para dentro, ou seja, para o próprio Brasil, para a região em que residem, que pode fornecer tantos elementos novos para a construção de uma literatura que seja “uma contínua representação dos momentos populares, muito embora, primitivamente e originalmente, não seja brasileira a língua”.<sup>252</sup>

Vale destacar que no fim da citação acima, Fábio comenta sobre a língua falada no Brasil, que, no seu entender, sofreu influências de outros idiomas. Para ele, a língua portuguesa no Brasil se modificou a partir dessa diversidade étnica que podemos encontrar até hoje no país.

Embora Fábio Luz teça todas essas afirmativas críticas a esse movimento da arte pela arte, críticas estas bastante severas, mesmo assim, o nosso escritor acredita em uma mudança radical não apenas na sociedade, mas também no campo artístico. Fábio Luz na verdade não deve ser visto na categoria dos pensadores que não veem mais solução para o país, daqueles que visualizam as coisas de uma maneira pessimista. Na verdade, ocorre exatamente o oposto,

---

<sup>251</sup> Idem, p 21.

<sup>252</sup> Idem, p 20.

pois em diversos momentos ao longo de sua vasta produção escrita, identificamos um grande sentimento de otimismo vindo do médico/escritor libertário.

A partir dos seus textos publicados em jornais, folhetos, livros, etc. Supomos que Fábio Luz realmente acreditava e vivia o que escrevia, não apenas no que diz respeito à ideologia anarquista, mas, sobretudo, em relação à revolução social, de proporções mundiais que se aproximava. Ele fazia de tudo para chamar a atenção dos demais sobre essa revolução que estava virando a esquina.

Fábio Luz, assim como o seu contexto histórico era de um grande otimismo, via no presente a possibilidade de construção das bases estruturais para poder erguer os alicerces de uma sociedade futura, na qual os indivíduos seriam verdadeiramente livres da opressão das instituições burguesas, do homem pelo homem.

O campo literário, para Luz, como o seu sobrenome já indica, seria uma forma de iluminar esse caminho. Fábio percebia um processo de renovação.

Não; é ao contrario um réquiem á decadência da Arte pela Arte no Brasil; saudação ao prenuncio de uma renovação que se há de dar e que já desponta na geração nova, que se anuncia pujante, surgindo dos destroços da insinceridade convencional e do academicismo, e que saberá repelir os outros processos de exibição e de preconceio gritado na praça publica pelas boccas dos camelots literários...<sup>253</sup>

Para Fábio Luz, após a Revolução Social e Mundial estabelecer os princípios de igualdade econômica e da verdadeira liberdade, uma nova arte substituiria a arte convencional produzida pela burguesia.

Essa *Arte Nova* não será produto de regras ou escolas vinculadas ao que Luz chamou de *panellinhas de artistas*, que visam se tornar estrelas para brilhar em seus pedestais. Mas sim um, “Glorioso hymno canta aos meus ouvidos a victoria da Arte nova e regeneradora, vibrante e vida e ideal.”<sup>254</sup>

A partir do pensamento de Fábio Luz, podemos ter uma ideia sobre o que ele entende como *Arte Nova* por meio de vários elementos elencados pelo autor. Essa arte será acima de tudo social e humana, mas também regeneradora e representação das aspirações gerais do povo para a felicidade e para a luz.

Não será também um produto de regras de escolas, no sentido de crítica. Será uma arte vibrante de vida e ideal e, acima de tudo, farta de sentimento. “Toda a alma, quando o

---

<sup>253</sup> Idem, p 24.

<sup>254</sup> Idem, p 24.

escriptor é sincero e escreve tomado pelo fogo ardente da concepção, sem subordinação nem respeito às cousas humanas, todo voltado e absorvido pelo seu ideal.”<sup>255</sup>

Outro ponto bastante importante que podemos destacar na forma de pensar de Fábio Luz tem a ver com o universo que circunda uma obra de arte, um livro, etc., ou seja, o universo do autor. “Depende o estylo do escriptor, como a maneira do pintor, de suas idiosyncrasias, de seu temperamento, de sua educação, da influencia do meio em que vive e viveu, do seu modo de encarar a natureza.”<sup>256</sup>

Isso quer dizer que todo artista é produto do seu meio e do seu tempo. Consequentemente, a sua obra é fruto de todo esse caldeirão de experiências, suas obras são reflexos de sua realidade, transformadas em arte e ficção. Nesse sentido, isso nos dá mais elementos para o debate iniciado no primeiro capítulo sobre a intenção do autor.

Para Fábio Luz, “a arte escripta, se é humana, se é sincera e verdadeira, se bem exprime o sentir do auctor que sabe, com ardor e carinho, nella transfundir toda a sua alma e sua sensibilidade, impressionará a todos.”<sup>257</sup>

Isso quer dizer que, uma obra para ser observada com a devida atenção ou um livro seja lido com prazer, ambos (a arte de uma forma geral) devem transmitir sentimentos, sentimentos estes que representam os do próprio autor. O leitor ou expectador deve se convencer, se comover por meio dos sentimentos expostos pelo autor presentes intrinsecamente em sua obra.

E, no entender de Fábio Luz, o sentimento deve passar invariavelmente pelo estilo do autor. Ou seja, “o bom estylo depende de tanta sensibilidade, de tanto poder artístico, de tanto habito de trabalho, que se não pode modificar a vontade, depois que se consegue um característico.”<sup>258</sup>

Fábio Luz também escreve acerca do papel da crítica na literatura, sobre sua responsabilidade, sobre a possibilidade de destruir ou levar uma obra ao *estrelato*. Ao mesmo tempo em que comenta sobre a função do crítico, Fábio Luz é um escritor, e nesse sentido, sua obra também passa pelo crivo de um crítico. “E a maior parte dos críticos tem mais inteligência que sensibilidade (Henry Bordeaux), e por isso percebendo nas obras de arte

---

<sup>255</sup> Idem, p 28.

<sup>256</sup> Idem, p 31.

<sup>257</sup> Idem, p 34.

<sup>258</sup> Idem, p 31.

somente a parte que affecta a intelligencia, põe de parte a emoção que é a fonte de toda a esthetica.”<sup>259</sup>

Ou seja, para Fábio Luz, o crítico deveria observar os aspectos de uma obra que estejam ligados à questão do sentimento, não se fixando apenas no olhar sobre a forma. Pois se toda obra tem ligação direta com o seu autor. O universo de experiências do autor está inserido direta ou indiretamente em uma obra como afirma o próprio Fábio, e os críticos deveriam se ater não apenas aos aspectos da forma, mas também do sentimento, do conteúdo.

Fábio Luz não apenas escreveu sobre a crítica literária, mas também sofreu em suas penas. O tratamento dado pela imprensa e a pela crítica literária burguesa à obra de Fábio Luz não foi os dos melhores. O *Ideólogo*, livro publicado em 1903, tendo um tratamento bem frio, nas palavras do professor e advogado Manuel Curvelo de Mendonça: “Evidente má vontade, proposito firme de catar defeitos numa obra que lhes não agradava por causa de inspiração revolucionária”.<sup>260</sup>

Para Curvelo de Mendonça:

Fábio Luz não se meteu a fazer um romance pelo desejo de aparecer em público e criar nome literário. Sua obra tem o cunho do sentimento que o levou a executá-la. E, se *Ideólogo* foi uma surpresa para muitos, não o foi para aqueles que lhe notaram já na literatura ligeira, no conto e em as suas formosas e apreciadas novelas, uma tendência cada vez melhor definida para fazer a crítica dos vícios políticos e sociais.<sup>261</sup>

Fábio Luz era um escritor que se preocupava com as pessoas, com a sociedade cheia de miséria, falta de instrução, o seu o objetivo era buscar meios para transformá-la, e a literatura era um caminho. Nesse sentido, Fábio Luz utilizava o principal elemento do que nós entendemos por estética anarquista, transformar para revolucionar, instruir os leitores, apresentar às críticas sociais, assim como os pressupostos libertários e perspectivas para uma sociedade afundada no mar de explorações burguesas.

Para Curvelo de Mendonça, o *Ideólogo*, se trata de uma obra sincera e um reflexo do próprio autor: “Nenhum livro, nenhuma obra pode agradar a outrem, se seu assunto primeiro não agrada, não vibra e apaixona o próprio autor. Tudo o mais é literatura fofa e pedantesca, que se esvai como nuvem, e não vale o trabalho representado pelo papel e pela tinta que consomem”.<sup>262</sup>

---

<sup>259</sup> Idem, p 32.

<sup>260</sup> MENDONÇA, Manuel Curvelo de. “O *Ideólogo*”. IN: Revista Kultur – N 02

<sup>261</sup> Idem.

<sup>262</sup> Idem.

Assim como Fábio Luz, Curvelo de Mendonça entende que a literatura vai para além da estética literária, para além da *arte pela arte*, a literatura deve servir a um propósito estabelecido pelo autor, para que este se identifique com o que escreveu, independentemente, das opiniões contrárias que inundarão os jornais do dia seguinte.

A obra deve ser a representação do autor e de seu cotidiano. Nesse sentido, o texto é intencional, não com o objetivo de chocar (talvez choque os leitores das camadas mais altas da sociedade), mas de explorar não de uma forma dramática e inconsequente, justamente o contrário, explorar para denunciar todo o universo de sofrimento real em que se encontra o trabalhador, o pobre morador dos subúrbios. Mas também propõe perspectivas de mudança, sempre atreladas a um arcabouço teórico alicerçado pelo anarquismo.

*A alegria não diminui com os anos, apenas é mais bem gozada, mais saboreada; o modo de ser sentida é que é outro. Há mais saber, mais consciência e mais compostura no gozo. A faculdade de gozar a vida, de fantasiá-la fecunda, amorosa, silenciosa criadora, inspiradora, bela e digna.*  
Fábio Luz

## **Capítulo V: Considerações finais**

Pesquisar e pensar um pouco de forma mais densa a vida e obra do baiano de Valência nos proporcionou descobertas muito interessantes. Talvez a maior delas tenha sido a percepção da vida de Fábio Luz e o anarquismo, ou seja, a relação entre o médico/escritor e a anarquia.

Na verdade, Fábio Luz e muitos outros de sua geração, entendiam o anarquismo não apenas como uma forma de luta política que pretendia um futuro melhor para o povo. Fábio Luz vivia o anarquismo como um estilo de vida, em uma escala de 24 horas por 07 dias, pensava e agia diariamente seguindo os pressupostos ácratas.

O anarquismo para Fábio Luz ia mais além das questões políticas ou econômicas, o anarquismo corria em seu sangue, seus poros exalavam o amor. Acreditava irrestritamente na liberdade, ser anarquista era amar a vida e os indivíduos que a compõem.

Existem algumas palavras chaves que podem fazer parte com certa tranquilidade o universo que compõe a trajetória de vida de Fábio Luz: Amor, liberdade, fim da opressão, revolução, instrução, anarquia. Estas palavras podem facilmente serem ligadas entre si, e dentro desse caldeirão de ideias, encontramos o alimento que sustentou boa parte da vida de Fábio Luz.

O médico, que usava a educação, o educador que usava a militância, o militante que usava a escrita, com o objetivo de libertar as pessoas da opressão, reivindicando a liberdade e a igualdade entre todos, sem a restrição das fronteiras.

A partir das fontes aqui analisadas, e tendo como base uma bibliografia bastante relevante, podemos chegar a algumas conclusões preliminares. Pois entendemos que o nosso trabalho não é um texto final, no sentido de termos todas as respostas, mas antes inicia um debate bastante importante sobre alguém que merece o devido reconhecimento por parte da historiografia brasileira. Esperamos que este trabalho seja um estímulo a outros estudos que

buscam dar voz àqueles que merecem ser ouvidos e que no momento ainda estão sendo silenciados.

A estética anarquista de fato tem como principal característica, o estímulo à revolução social. Vimos isso claramente por toda a vida de militância de Fábio Luz e em seus textos escritos, falando mais especificamente do campo literário. A literatura produzida por Fábio Luz tem um endereço fixo: o povo, o trabalhador que sofre todas as mazelas sociais. É para este e por este que o médico escrito escreve, desenvolvendo um tipo de escrita que possibilite que este trabalhador possa ler. Incentivando neste trabalhador à crítica social, à possibilidade de ruptura que está nas suas próprias mãos.

Isso nos leva a outro ponto. Principalmente a partir do início do século XX, os anarquistas tentam divulgar suas ideias e ideais por meio da arte, criando uma cultura própria de militância, não podemos afirmar que se trata de uma cultura operária, mas de uma cultura operária anarquista. Pois em seus círculos suas perspectivas eram trabalhadas por meio de peças de teatro, pela literatura, como romances e poesia.

Ou seja, desde os primeiros anos do século XX existia uma cultura operária de caráter anarquista dentro do movimento operário. Ela não representava a totalidade dos trabalhadores, mas boa parte deles.

A questão da leitura se torna fundamental para entendermos esse processo de formação. Tínhamos então uma maioria da população analfabeta, mas, a militância se dava principalmente pela imprensa e, portanto era preciso enfrentar esse duelo entre a informação e a falta de uma educação básica.

A leitura em voz alta feita pelo trabalhador mais instruído nos intervalos, entre o almoço e o turno diário, assim como as peças teatrais que se utilizavam de peças publicadas inicialmente nos jornais essas práticas possibilitavam ao trabalhador que não sabia ler o acesso à informação. Isso quer dizer que o trabalhador analfabeto não era necessariamente sinônimo de falta de instrução ou informação. Embora tivéssemos no Brasil das primeiras décadas do século XX elevados índices de analfabetismo, isso não significava que eles eram uma massa de alienados políticos sem acesso à formação ideológica.

Fábio Luz, além de um importante militante nas fronteiras libertárias, também deve ser tratado como uma figura de destaque no campo literário, mesmo que escrevesse objetivando reconhecimento por um grande público.

E sobre esse aspecto literário, temos três pontos fundamentais de análise em nossa dissertação: O primeiro ponto tem a ver com o sucesso obtido pelo escritor baiano em levar o

anarquismo para além das fileiras militantes, entendemos por meio das fontes que este não era o objetivo no ato da escrita, mas uma consequência pela qualidade de seus textos. Embora Luz tenha sido atacado ferozmente pelos críticos literários burgueses, seus textos e livros eram lidos pelos privilegiados da sociedade brasileira. Fábio Luz teve seu esforço literário reconhecido pelo grande público ao ponto de ter sido indicado ainda vivo e ter feito parte da Academia Carioca de Letras. Esse feito, no nosso entendimento, é bastante significativo, demonstrando que, a literatura militante poderia ultrapassar as barreiras do movimento operário possibilitando uma nova perspectiva. É claro que não podemos generalizar, pressupondo que todos os escritores libertários tiveram o mesmo sucesso. Contudo, Fábio Luz merece o devido reconhecimento por conseguir algo impensado talvez para a época.

O segundo ponto atenta para a literária em si. Encontramos muita dificuldade, por conta da falta de estudos, de identificar um conceito de romance social que pudesse nos ajudar em nossa análise. Entretanto, por meio da leitura de alguns autores, chegamos a alguns elementos que contribuíram bastante para o nosso trabalho. Como explicamos no capítulo anterior, o *Ideólogo* de Fábio Luz publicado em 1903, de fato se enquadra perfeitamente na categoria de romance social. Pois, ao analisar friamente e de forma bastante detalhada diversos aspectos relacionados à sociedade de sua época, não apenas criticando-a, mas também apontando elementos para uma sociedade futura, o autor demonstra escrever sobre as questões sociais. Mas, acima de tudo, propõe formas de romper com o paradigma social de sua época que estão muito presentes em suas linhas, configurando então o *Ideólogo* como um romance de caráter social.

O terceiro ponto também se relaciona com a literatura, no sentido de que por meio do romance o *Ideólogo*, temos um excelente exemplo de como a literatura pode contribuir para a compreensão histórica, fornecendo mais elementos sobre o tempo histórico no qual vive o autor. Ou seja, embora se trate de uma obra ficcional, o romance escrito em 1903 apresenta um conteúdo bastante importante para a compreensão do período em questão. É óbvio que o romance não substitui o estudo mais sistemático do historiador e da historiografia, mas o romance serve como um instrumento paralelo e que deve ter uma digna importância na reconstrução do processo histórico.



## **Bibliografia:**

- AARÃO Reis Filho, Daniel e DEMINICIS, Rafael. *História do anarquismo no Brasil*. Vol. I. Rio de Janeiro: EdUFF/Mauad X, 2006.
- ADDOR, Carlos Augusto. *Um homem vale um homem: Memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2012.
- ANKERSMIT, F. R.. *A escrita da história: natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012.
- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Edipro, 2011.
- BAKUNIN, Mikhail. *Estatismo e Anarquia*. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.
- BAKUNIN, Mikhail. “A instrução integral”. IN: Revista Novos Tempos. São Paulo, Editora Imaginário, 1998, nº 01.
- BAKUNIN, Mikhail. *O princípio do Estado: Três conferências feitas aos operários do Vale Saint-Imier*. Brasília: Novos Tempos Editora, 1989.
- BAKUNIN, Mikhail. *Catecismo Revolucionário: Programa da sociedade da revolução internacional*. São Paulo: Editora Imaginário, 2009.
- BAKUNIN, Mikhail. *Federalismo, Socialismo e Antiteleogismo*. São Paulo: Cortez Editora, 1988.
- BARRANCOS, Dora. *Educación, cultura y trabajadores (1890-1930)*. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina, 1991.
- BATALHA, Claudio H. M. & SILVA, Fernando Teixeira & FORTES, Alexandre. *Cultura de classes: Identidade e diversidades na formação do operário*. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2004.
- BARROS, José d’ Assunção. “História Comparada: Um novo modo de ver e fazer a História.” IN: Revista de História Comparada. Vol 01, n01, junho de 2007.
- BOMENY, Helena. “Quando os números confirmam impressões: desafios na educação brasileira.” Rio de Janeiro: CPDOC, 2003.
- BORGES, Valdeci Rezende. “História e Literatura: Algumas considerações”. IN: Revista de Teoria da História, Goiás, ano 01, nº 03, 2010. <  
[http://www.historia.ufg.br/uploads/114/original\\_ARTIGO%205\\_\\_BORGES.pdf?1325259086](http://www.historia.ufg.br/uploads/114/original_ARTIGO%205__BORGES.pdf?1325259086)  
> Acessado em 06 de Janeiro de 2014.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 48ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

BRITO, Broca. *A vida literária no Brasil: 1900*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

CAMPOS, Andreia da Silva Laucas de. *Fábio Luz e a pedagogia libertária: Traços da educação anarquista no Rio de Janeiro (1898-1938)*. Dissertação de Mestrado. 2007

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária*. 6ª Ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1980.

CANDIDO, Antônio & ROSENFELD, Anatol & PRADO, Décio de Almeida & GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. 12ª Edição. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CARONE, Edgard. *O Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*. 2ª Edição. São Paulo: Difel, 1984.

CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana*. 2ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

CHARTIER, Roger (ORG). *Práticas da leitura*. 5ª Edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CHARTIER, Roger. "Debate: Literatura e História." IN: Topoi, Rio de Janeiro, n° 01, vol 01, 2000. < [http://www.revistatopoi.org/numeros\\_anteriores/Topoi01/01\\_debate01.pdf](http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi01/01_debate01.pdf) > Acessado em 10 de junho de 2013.

CORRÊA, Felipe. *Ideologia e Estratégia: Anarquismo, movimentos sociais e poder popular*. São Paulo: Faísca, 2011.

CORRÊA, José Rossini Campos do Couto. "Da anarquia para a polícia: Elysio de Carvalho, lacuna na história do direito nacional." IN: Revista de Informação Legislativa. Brasília, vol., 35, n. 137, de Janeiro a Março, 1998. pp 281-296. <http://www2.senado.gov.br/bdsf/bitstream/id/355/4/r137-26.pdf>

- ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ECO, Umberto. *Sobre a Literatura*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. São Paulo: Difel, 1977.
- FAUSTO, Boris & DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: Um ensaio de História Comparada (1850-2002)*. São Paulo: Editora 34, 2004. P 14.
- FENERICK, José Adriano. “A literatura anarquista dos anos 1900/20: um estudo da recepção em dois quadros críticos”. IN: *Revistas de Humanidades*. V05, N10, Junho de 2004.
- FERNANDES, Florestan. “O Romance Social no Brasil”. IN: *Folha da Manhã*. São Paulo. Ano XIX, n 6172 de 27 de abril de 1944.
- FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GOLDMAN, Emma. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*. São Paulo: Hedra, 2007.
- GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- GUILLAUME, James. *A Internacional: Documentos e Recordações 1*. São Paulo: Editora Imaginário/Faísca, 2009.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultural anarquista no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- HOBBSBAWM, Eric J. *Mundos do trabalho: Novos estudos sobre história operária*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: Perspectivas de uma Antropologia Literária*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- JASMIM, Marcelo G. e JÚNIOR, João Feres. *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Edições Loyola, IUPERJ, 2006.
- KOCHER, Bernardo & LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer. *Ouve meu grito: Antologia de poesia operária (1894-1923)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1987.
- KROPOTKIN, Piotr. *Palavras de um Revoltado*. São Paulo: Editora Imaginário, 2005.
- KOSELLECK, Reinhart & MEIER, Christian & GÜNTHER, Horst & ENGELS, Odilo. *O conceito de História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- JUNIOR, Benjamin Abdala & CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Tempos da Literatura Brasileira*. 2ª Edição. São Paulo: Ática, 1986.
- JUNIOR, Benjamin Abdala. *O Romance Social*. São Paulo: Scipione, 1993.

- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 7ª Edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: Novas Abordagens*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1988.
- LIMA, JOSELY TOSTES DE. *A palavra e a pena: dimensões da militância anarquista de Fábio Luz. (Rio, 1903/1938)*. Dissertação de mestrado. 1995
- LINHARES, Maria Yedda (ORG). *História Geral do Brasil*. 9 Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990
- MALATESTA, Errico. *Anarquismo e Anarquia*. São Paulo: Faísca, 2009.
- MALATESTA, Errico. *Escritos Revolucionários*. São Paulo: Novos Tempos Editora, 1989.
- MALON, Benoît. *A Internacional: Sua História e seus princípios*. São Paulo: Ed Imaginário, 2014.
- MENEZES, Lená Mediros de. “Bastidores: Um outro olhar sobre a imigração no Rio de Janeiro.” IN: Revista Acervo. Rio de Janeiro, v 10, nº 2.
- PRADO, Antônio Arnoni & HARDMAN, Francisco Foot (ORG). *Contos anarquistas. Antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.
- PROUDHON, P. J. *Do princípio da arte e de sua destinação social*. Campinas: Editora Armazém do Ipê, 2009.
- RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Editora Imaginário, 2002.
- RESZLER, André. *A estética anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Roger Chartier. A força das representações: história e ficção*. Chapecó, SC: Argos, 2011.
- RODRIGUES, Edgar. *O anarquismo: na escola, no teatro, na poesia*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.
- RODRIGUES, Edgar. *Os Libertários: Ideias e experiências anárquicas*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- RODRIGUES, Edgar. *Os Libertários: José Oiticica, Maria Lacerda de Moura, Neno Vasco, Fábio Luz*. Rio de Janeiro: VJR, 1993.
- RODRIGUES, Edgar. *Alvorada Operária: Os Congressos operários no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Mundo Livre, 1979.

- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- THEML, Neyde & BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. “História Comparada: Olhares plurais.” IN: *Revista de História Comparada*. Vol 01, n01, junho de 2007.
- THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa. A força dos trabalhadores*. 3º Ed, Tomo III. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.
- THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- TINHORÃO, José Ramos. *História social da música popular brasileira*. 2ª Edição. São Paulo: Ed 34, 2010.
- TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: Trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.
- TOLSTOI, Leon. *O que é arte?* São Paulo: Ediouro, 2002.
- SALLES, Iza. *Um cadáver ao sol: A história do operário brasileiro que desafiou Moscou e o PCB*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: Anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.
- SAMIS, Alexandre. *Negras Tormentas: O Federalismo e internacionalismo na Comuna de Paris*. São Paulo: Hedra, 2011.
- SOUZA, Newton Stadler de. *O anarquismo da Colônia Cecília*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- SURIANO, Juan. *Anarquistas: Cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890-1910*. Buenos Aires: Manantial, 2001.
- SURIANO, Juan. *Auge y caída del anarquismo: Argentina, 1880-1930*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2005.
- VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro Flamarion. *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- Vários Autores. *História do movimento operário revolucionário*. São Paulo: Editora Imaginário, 2004.
- Vários Autores. *História do Anarquismo*. São Paulo, Faísca: Imaginário, 2008.
- Vários Autores. *Análise estrutural da narrativa*. 8 Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- VIEIRA, Beatriz de Moraes. *A palavra perplexa: Experiência histórica e poesia no Brasil nos anos 1970*. São Paulo: Hucitec, 2011.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

**Fontes:**

LUZ, Fábio. *Ideólogo*. Rio de Janeiro: Altina, 1903.

LUZ, Fábio. *Novellas: Na Província Todos por um*. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1902.

LUZ, Fábio. *Dioramas: Aspectos Literários (1908-1932)*. Volume I. Rio de Janeiro: Editora Ravaro, 1934.

A Internacional Negra – Liga Anticlerical do Rio de Janeiro. Oficina da Revista Comercial. 1919.

A luta contra a tuberculose do ponto de vista social. Rio de Janeiro, 1913.

A Obra: Semanário de cultura popular. São Paulo, 13 de maio de 1920. Ano I, n 02.

Cadernos. Rio de Janeiro: Biblioteca da Academia Carioca de Letras. Nº 20 (1951-1952).

Carta de Neno Vasco para Fábio Luz, escrita em 16 de Janeiro de 1911. Fonte: Arquivo Nacional.

Contrato Nº 877 (Novellas) assinado entre Fabio Luz (autor) e H. Garnier (editor). Fundação Casa de Rui Barbosa.

Discurso de inauguração da Universidade Popular. IN: CARONE, Edgard. O Movimento Operário no Brasil (1877-1944). 2ª Edição. São Paulo: Difel, 1984. Pp 42

Jornal A Alvorada. Petrópolis, 01 de julho de 1921. Ano I, nº 7

Jornal A Guerra Social. Nº 03 de 02 de agosto de 1911.

Jornal A luta. Porto Alegre, 01 de maio de 1912, n 02.

Jornal A Luta. Porto Alegre, 01 de maio de 1918. N 02

Jornal A Plebe. São Paulo, 29 de março de 1919. Ano II, n 06.

Jornal A Plebe. São Paulo, 19 de abril de 1919. Ano II, nº 9.

Jornal A Plebe. São Paulo, 19 de julho de 1919. Ano III, n 02.

Jornal A Rebelião. São Paulo, 01 de maio de 1914. Ano I, n 01.

Jornal A Voz do Trabalhador. Rio de Janeiro, 01 de agosto de 1908.

Jornal Correio do Brasil. Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1928.

Jornal Correio do Brasil. Rio de Janeiro, 04 de março de 1928.

Jornal Correio do Brasil. Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1935.

Jornal Liberdade. Rio de Janeiro, primeira quinzena do mês de junho de 1918. Ano II, n 18.

Jornal Liberdade. Rio de Janeiro, segunda quinzena do mês de junho de 1918. Ano II, n 19.

Jornal Liberdade. Rio de Janeiro, primeira quinzena do mês de julho de 1918. Ano II, n 20.

Jornal Liberdade. Rio de Janeiro, segunda quinzena do mês de julho de 1918. Ano II, n 21.

Jornal Liberdade. Rio de Janeiro, primeira quinzena do mês de setembro de 1918. Ano II, n 23.

Jornal Liberdade. Rio de Janeiro, agosto de 1919. Ano III, n 33

Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1915. Ano I, n 11.

Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1915. Ano I, n12.

Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 02 de setembro de 1915. Ano I, n 13.

Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 09 de setembro de 1915. Ano I, n 14.

Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1915. Ano I, n 15

Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1915. Ano I, n 16.

Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1915. Ano I, n 18.

Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1915. Ano I, n 19.

Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1915. Ano I, n 20.

Jornal Na Barricada. Rio de Janeiro 28 de outubro de 1915. Ano I, n 21.

Jornal Na Barricada 04 de novembro de 1915. Rio de Janeiro Ano I, n 22.

Jornal O Debate. Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1917. Ano I, n 04.

Jornal O Debate. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1917. Ano I, n 07.

Jornal O Libertário. São Paulo, 01 de janeiro de 1922. Ano I, n 01.

Novellas: Na Província Todos por um. Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1902.

Revista Kultur. Rio de Janeiro, março de 1914. Ano I, n 01.